

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E
TECNOLOGIAS ORGANIZACIONAIS

ANY DE BRITO MEDEIROS

OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA OS PROFESSORES DE UMA
UNIDADE DE APOIO PEDAGÓGICO

Dissertação apresentada para obtenção de título de Mestre no Programa de Pós-graduação do Curso de Mestrado Profissional em Administração, da Universidade Estadual de Santa Catarina, com área de concentração em Gestão de Inovações e Tecnologias Organizacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fonseca da Silva Filho

FLORIANÓPOLIS

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANY DE BRITO MEDEIROS

**OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA OS PROFESSORES DE UMA
UNIDADE DE APOIO PEDAGÓGICO**

Dissertação apresentada para obtenção de título de Mestre no Programa de Pós-graduação do Curso de Mestrado Profissional em Administração, da Universidade Estadual de Santa Catarina, com área de concentração em Gestão de Inovações e Tecnologias Organizacionais

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fonseca da Silva Filho

Membros: Prof^ª. Dr^ª Graziela Dias Alperstedt

Prof^ª. Ph.D. João Zaleski Neto

Florianópolis, 28 de Agosto de 2006.

Qualquer tentativa para descobrir as dimensões existenciais do sentido do trabalho, enquanto real significação, só poderá ter sucesso se cientistas sociais, administradores e trabalhadores, tanto no plano individual como no coletivo, voltarem a reconhecer a morte como um fato da vida. Assim, será somente pelo reconhecimento da finitude da vida que a humanização do trabalho poderá ocorrer.

Burkard Sievers (1990, p. 5).

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma tarefa difícil, pois não podemos esquecer das pessoas que passaram e fizeram a diferença neste período do curso de mestrado.

Agradeço em primeiro lugar a Deus que esteve e está comigo em todos os momentos.

Agradeço ao meu filho Rafael, por possibilitar ver as pessoas como elas são com suas diferenças e talentos individuais.

Agradeço ao meu orientador por todo o seu apoio durante a dissertação.

Agradeço à professora Graziela que, com sua vida tão atarefada, encontrou tempo para discutir e dirimir minhas dúvidas quando da elaboração da dissertação.

Agradeço aos outros professores do mestrado profissional de administração por auxiliarem nas mudanças que ocorreram na minha visão de mundo.

Agradeço também aos funcionários que sempre estiveram prontos a me atender durante o curso.

Agradeço à minha família pelo apoio e ajuda recebida durante esse tempo, em especial, a minha irmã, que muitas vezes ficou cuidando do meu filho para que eu pudesse concluir esta dissertação.

E por fim, agradeço aos meus grandes amigos, incentivadores e colaboradores Jânio e Rafael, que muitas vezes deixaram seus afazeres para buscarem livros, artigos, tirarem xerox na UDESC e na UFSC, e que sem eles eu não teria chegado ao fim.

RESUMO

O presente estudo de caso tem por objetivo compreender como os professores de um Apoio pedagógico vêem o sentido do trabalho. As preocupações com o assunto surgiram da constatação de que o trabalho configura-se como a atividade humana predominante, e da necessidade de buscar as origens desta excessiva valorização, verificando, se é possível, através dele, o alcance da auto-realização, entendida com a consecução das metas pessoais, e como os professores concebem os sentidos do trabalho. A pesquisa consistiu de um levantamento bibliográfico, através do qual se procurou identificar quais os conceitos de trabalho, os seus significados nos arranjos sociais e caracterizar o trabalho do professor. Este estudo de caso tem caráter exploratório tanto na pesquisa bibliográfica quanto na pesquisa empírica, sendo que, nesta última, os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada e tratados de forma predominantemente qualitativa. Os resultados obtidos demonstram que o trabalho, configurado claramente como produto de uma evolução histórica na qual determinados acontecimentos, dentro de contextos muito específicos, provocaram um direcionamento no sentido de valorização predominante do fator econômico como justificativa para o trabalho, começa a se transformar. A razão pela qual os professores pesquisados trabalham não está relacionada tanto com o valor econômico do trabalho. Não que ele não seja importante, já que é o salário que propicia e permite prover as necessidades de base, mas porque o seu trabalho é realizado com prazer e lhes permite a realização de algo do começo ao fim, com um resultado tangível e identificável.

Palavras-chave: Trabalho, sentido do trabalho, professor.

ABSTRACT

This paper has as a main goal to understand the way, in which teachers who pay extra assistance to their students, face the meaning of the work.

The concerns about the theme had its origin from the evidence that the work has been defined not only as the most important human activity, but also as the necessity of searching how this concept has appeared for the first time as being of extreme importance, checking thus if people could reach their accomplishment through of their work. This accomplishment can be understood when people achieve their wishes as well to find out how the academic professionals live with their occupation. This research consisted of a bibliographical survey whose work concepts and their respective meanings were identified in the teacher's workplace in order to know how their occupation is executed.

This paper aims to investigate at the same time the research in terms of bibliography as in empiric one, of whose data were collected through of an interview which had partially planned before and treated in a qualitative way.

The found results show that the work faced clearly like a product of a historical evolution, in which unique events in very specific contexts, were connected especially to economic values, nevertheless this concept of work has been changing for years.

The reason in which the teacher's occupation (who constitute the analysed audience of this research) has not been concerning only to economical value of the work, once the salary allows to provide their essential needs, but due to the satisfaction that it can bring from its beginning to the end with a concrete result.

Key words: Work, meaning of the work, teacher.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.1.1 Tema	9
1.1.2 Problema de Pesquisa	11
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo Geral	12
1.2.2 Objetivos Específicos	13
1.2.3 Justificativa.....	13
1.2.4 Estrutura do Trabalho	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA	16
2.1 OS DIFERENTES CONCEITOS DE TRABALHO	16
2.2 A EVOLUÇÃO DO TRABALHO.....	24
2.3 OS SIGNIFICADOS DO TRABALHO.....	26
2.4 O TRABALHO DO PROFESSOR	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	52
3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	54
3.3 TIPOS DE DADOS	54
3.4 TÉCNICA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	54
3.5 PERGUNTAS DE PESQUISA	56
3.6 DEFINIÇÃO CONSTRUTIVA DE TERMOS.....	57
3.7 ESCOLHA DO CASO E DA POPULAÇÃO	58
3.8 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	58
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	60

4.1 APOIO PEDAGÓGICO	60
4.2 ANÁLISE DOS DADOS	62
4.2.1 Entrevistado A	63
4.2.2 Entrevistado B	66
4.2.3 Entrevistado C	68
4.2.4 Entrevistado D	70
4.2.5 Entrevistado E	73
4.2.6 Entrevistado E	76
4.2.7 Entrevistado G	78
4.2.8 Entrevistado H	81
4.2.9 Entrevistado I.....	84
4.2.10 Entrevistado J	86
4. 3 ANÁLISE TEÓRICA DOS DADOS	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	96
5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
5.2 RECOMENDAÇÕES.....	97
6 REFERÊNCIAS	98
ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO	106
ANEXO B - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	107
ANEXO C - ENTREVISTAS	109

1. INTRODUÇÃO

1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

1.1.1 Tema

O direito ao trabalho é fundamental para todos os seres humanos, segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos emitida pelas Nações Unidas. Porém essa prerrogativa nem sempre tem sido garantida. A estabilidade no emprego e o trabalho assalariado estão sendo reduzidos dramaticamente em virtude de vários fatores, desde o bom desempenho das economias locais até a condição do mercado global. O trabalho, na era de alta tecnologia e de mudanças profundas, pode estar se tornando sinônimo de *status*. No entanto, diante da perda ou da ameaça de perda dele, há na maioria das vezes manifestações, revoltas e greves. Poucos países estão imunes a isso. E, em meio a essa mudança sobre “o direito ao trabalho”, seu significado, o seu valor simbólico pode estar sofrendo transformações.

O trabalho hoje pode estar sendo importante por diversas razões:

- por proporcionar uma renda;
- por contribuir para o bem-estar mental e emocional;
- por satisfazer o desejo humano de ser um membro produtivo da sociedade e de ter um objetivo na vida;
- por criar nas pessoas certa medida de auto-estima.

Talvez em consequência disso alguns, mesmo com dinheiro mais do que suficiente para cobrir suas necessidades e, outros, já aposentados, preferem continuar a trabalhar. Há também aqueles que têm um trabalho, mas que sofrem tantas pressões, que perdem a satisfação no que fazem. O trabalho faz parte da construção da identidade de um indivíduo e também do seu desenvolvimento pessoal. Ele não é apenas um meio de se ganhar a vida, é um processo de criação, sendo, portanto, uma parte fundamental da vida do homem. Em vista disso, as mudanças da vida moderna, como a introdução das novas tecnologias, a globalização e a substituição do homem pela máquina, tem se tornado uma preocupação constante para o

indivíduo, e a falta de trabalho pode vir a criar sérios problemas sociais para o futuro da humanidade. O trabalho ocupa uma boa parte do tempo que o indivíduo passa acordado, mesmo assim a maioria das pessoas talvez não saiba responder qual é o sentido do próprio trabalho. Isso chega a ser um contra-senso.

No Brasil, na década de 1980, as pessoas não tinham medo de perder seus empregos, pois a recolocação não era difícil de ser concretizada. Havia uma expectativa - confirmada pela realidade - que ao longo da sua vida profissional seus salários iriam subir e lhes proporcionar um padrão de vida melhor do que tinham seus pais. Os prognósticos eram de que seus filhos pudessem ir mais longe ainda (SINGER, 2000).

No contexto atual, o trabalho como um valor integrador e constitutivo da identidade das pessoas está se transformando, e com ele um novo sentido e significado de construção do indivíduo. Essa concepção contemporânea de trabalho, muito mais complexa e intensificada nos seus ritmos e processos, compreende na verdade uma expressão social do trabalho (ANTUNES, 2003).

As possibilidades de efetivação das aspirações subjetivas do trabalhador são impedidas pelo desenvolvimento tecno-organizacional da sociedade moderna no seu ambiente de trabalho. Nota-se um pragmatismo exacerbado da função do trabalho.

Não se pode esquecer que o trabalho humano opera tanto numa dimensão quantitativa quanto qualitativa. Debater o valor do trabalho, o seu significado para o indivíduo, por um prisma apenas quantitativo é reduzi-lo unicamente ao seu estatuto de mercadoria (SCHWARTZ, 1996). Logo, para investigar o trabalho humano, as duas esferas qualitativa e quantitativa devem ser levadas em consideração.¹

A significação do trabalho é enfatizada, na acepção de Frigotto, por “sua historicidade, como relação social fundamental que não se reduz à ocupação, tarefa, emprego, mas [...] não os exclui, e que abarca o conjunto de relações produtivas, culturais, lúdicas, etc”. (1995, p. 24). Por decorrência, a análise sociológica considera as relações sociais por meio de múltiplas dimensões vividas pelos indivíduos.

Para Antunes (2003, p.123), “a história da realização do ser social, muitos já o disseram, objetiva-se através da produção e reprodução de sua existência, ato social que se efetiva pelo trabalho”. É, portanto, a partir do trabalho que o homem torna-se ser social, e se distingue de todas as formas não humanas (MARX, 1974).

¹ Schwartz salienta que o trabalho “acumula a herança de seus sucessivos nascimentos [...] nunca compreenderemos inteiramente esta realidade que articula inextricavelmente o antropólogo, o histórico, heranças imemoriais e relações sociais extremamente carregadas de sentido” (1996, p. 151).

Ao interferirem no seu cotidiano, os desejos dos indivíduos moldam, de certa forma, as relações sociais que estabelecem na medida em que transformam tais desejos em ações exercidas sobre os indivíduos. Essa interferência sobre as relações sociais, via ações individuais, chama a atenção para a importância da análise da satisfação dos trabalhadores em seu ambiente de trabalho, a existência ou não de truques individuais, para superarem possíveis ocupações profissionais indesejadas, e a interferência dessa situação na sociabilidade do trabalhador.

Segundo Morin (2001), não se pode desconsiderar que nas sociedades ocidentais contemporâneas o trabalho representa um valor importante e exerce influência na motivação dos trabalhadores, assim como sobre sua satisfação e sua produtividade.

Visando a uma melhor compreensão do significado do trabalho, aqui se elege o professor de um Apoio pedagógico como objeto de estudo.

Para Buarque (2000), a realidade da situação social do mundo, bem como os grandes avanços em termos de informação, conhecimento e técnicas de comunicação e educação evidenciam a necessidade de uma revolução no conceito de educação. Esta revolução que vai além do ambiente escolar, provavelmente, já esteja acontecendo, e poderá alterar o sentido do trabalho para o professor, daí a importância de tê-lo como objeto de pesquisa.

Em face de um fenômeno de tal amplitude e complexidade, foram utilizadas nesta pesquisa diversas fontes que, naturalmente, são de ordem diversa, variando enormemente no seu caráter intelectual, político e ideológico.

1.1.2 Problema De Pesquisa

Vive-se uma mudança paradigmática com a transição da sociedade industrial, voltada para a produção de bens materiais, à sociedade do conhecimento, à produção intelectual com uso intensivo de tecnologias. O advento dessas mudanças exige da população uma aprendizagem constante, as pessoas precisam estar preparadas para aprender ao longo da vida podendo intervir, adaptar-se e criar novos cenários (BEHRENS, 2000).

O universo de informação ampliou-se de tal maneira que o eixo da ação docente precisa passar do ensinar para focar o aprender e, principalmente, o aprender a aprender. Dessa forma o professor precisa transformar seu aluno em um profissional competente,

cidadão crítico, autônomo e criativo, que saiba solucionar problemas, e que, com iniciativa própria, saiba questionar e transformar a sociedade (BEHRENS, 2000).

Assim, o trabalho do professor, mesmo sendo ele do ensino fundamental, passará por transformações no século que se inicia, começando pelas novas posturas de seus alunos, que encontram informações do mundo inteiro através da Internet e por isso se tornam cada vez mais indagadores, pelo conteúdo que será necessário ao longo da vida escolar, bem como pela necessidade constante de reciclagem do professor ao longo de sua vida profissional

Nesse sentido, a presente pesquisa busca responder ao seguinte questionamento:

Como os professores de um Apoio pedagógico vêem o sentido do seu trabalho?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

É intuito deste trabalho como objetivo geral compreender como os professores de um Apoio pedagógico vêem o sentido do seu trabalho.

Segundo Behrens (2000), as perspectivas do século XXI indicam que a educação será o pilar para alicerçar os ideais de justiça, paz, solidariedade e liberdade, e que as transformações econômicas, políticas e sociais, pelas quais o mundo está passando são reais e irreversíveis. Desse modo a sociedade, e em especial a categoria pesquisada professor, tem sido desafiada a testemunhar duas transições importantes que afetam profundamente a sociedade e o seu trabalho: o advento da sociedade do conhecimento e a globalização.

Educar, nesse tempo, tem instigado a refletir sobre o processo de globalização que passa a integrar os sistemas financeiros, econômicos, políticos e sociais das nações. Nesse contexto, as nações estão cada vez mais interdependentes e inter-relacionadas e, ao mesmo tempo, mais dependentes de uma estrutura econômica com uma versão neoliberal. O processo de mudança atinge todas as instituições e, em especial, a educação e o ensino nos diversos níveis (BEHRENS, 2000).

Desta forma, o sentido do trabalho do professor pode estar se modificando neste contexto, pois o mundo do trabalho do professor com a globalização e a sociedade do conhecimento precisa se ajustar rapidamente as novas exigências para garantir a excelência do seu trabalho.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para compreender como os professores de um Apoio pedagógico concebem o sentido do trabalho, os objetivos específicos da pesquisa são:

- Inventariar o número de professores atuantes no Apoio pedagógico;
- Descrever os professores segundo o tipo de trabalho desempenhado no Apoio;
- Caracterizar a prática dos sujeitos no desempenho da atividade acadêmica; e
- Levantar o significado do trabalho para os sujeitos pesquisados.

1.2.3 Justificativa

O assunto trabalho vem sendo largamente estudado pelos vários campos de conhecimento, inclusive pela Sociologia. Muitos artigos e obras relacionadas a esse assunto apresentam as mais diversas abordagens. Contudo, nota-se certa exigüidade nas discussões que apresentam como tema o trabalho do professor na atualidade, sobretudo em relação aos sentidos que ele concebe para o seu trabalho.

A compreensão dos sentidos do trabalho para os professores de um Apoio pedagógico no campo profissional e em sua subjetividade² servirá de fonte de conhecimento empírico para a pesquisadora, como referência para posteriores estudos na área e também para gerar *inputs* nas atividades profissionais que poderá vir a desempenhar.

Como já foi dito, é justamente a importância do tema e a carência de trabalhos neste sentido que incentivam essa pesquisa.

Hirata, referindo-se à lacuna nos estudos sociológicos, ressalta que

O conjunto de questões levantadas sobre os novos requisitos de qualificação [...] aponta para um problema incontornável, mas raramente levado em conta pelos economistas e sociólogos do trabalho que estudam a questão dos novos modelos

² Chauí considera a *subjetividade* como “uma estrutura de experiências significativas e significantes que não começam nem terminam na consciência de si de um sujeito, uma teia de sentidos tecida na relação intercorporal e no diálogo com o outro [...]. A subjetividade é um nó de ações corporais e simbólicas originalmente intercorporais e intersubjetivas, das quais a consciência de si enquanto sujeito é um aspecto e não uma definição” (1997, p. 19). Dispondo dessa noção de subjetividade como referência, cabe ressaltar que o termo subjetividade aludido nesta pesquisa está sendo tomado apenas como um aspecto da própria subjetividade. Considerando que, em si, a natureza do termo subjetividade implica a inexistência de uma definição hermética e acabada (caso contrário ele deixaria de ser subjetivo), será, assim, analisada somente uma de suas características, que é a da consciência e crítica que o professor tem de si e do lugar que ocupa no mundo do trabalho.

produtivos: o do sujeito da subjetividade e das relações intersubjetivas [...] (1994, p. 137)

Embora Hirata, ao aludir à literatura sociológica sobre subjetividade no trabalho, esteja remetendo indistintamente aos trabalhadores em geral, a pesquisa atém-se especificamente ao professor de um Apoio pedagógico.

O que é relevante na investigação do trabalhador como sujeito - envolvido nas contradições travadas entre sua pessoa e seu papel social - são as constantes transformações que, atualmente, assolam o mundo do trabalho³ pelo acelerado desenvolvimento técnico e organizacional. Essas mudanças não se limitam a atingir e modificar o mundo apenas objetivamente, mas transformam a vida cotidiana do trabalhador e alteram a sua subjetividade.

As instituições de ensino até pouco tempo atrás privilegiavam o domínio de conhecimentos e experiência profissional como únicos requisitos para a docência nos cursos superiores, existindo a crença de que “quem sabia, sabia ensinar”. Assim, o processo de ensino ocorria através da transmissão de conhecimentos e experiências profissionais de um professor que sabia e conhecia em detrimento de um aluno que não sabia e não conhecia. Após a transmissão, realizavam-se avaliações para indicar se o aluno estava apto ou não para exercer determinada profissão. Essa situação começa a ser revista (MASETTO, 2003).

Atualmente, novas exigências recaem sobre o papel do professor dentro das universidades - e que pode ser extrapolado para o universo do ensino fundamental e médio - seu papel como educador passou a ser questionado e, muitas dessas exigências são decorrentes das mudanças que estão acontecendo em nossa sociedade, na qual o impacto forte da nova revolução tecnológica sobre a produção e socialização do conhecimento e formação de profissionais tem exigido cada vez mais uma nova postura da instituição de ensino (MASETTO, 2003).

Nesse novo cenário, em que a produção e a socialização do conhecimento podem acontecer fora do ambiente das instituições de ensino, o papel do professor como apenas um repassador de informações atualizadas está no seu limite. Ele já não é o único detentor do saber a ser transmitido, mas sim um dos parceiros a quem compete compartilhar seus conhecimentos com outros e mesmo aprender com eles, inclusive com seus alunos.

³ “**Mundo do trabalho:** Ambiente de construção de sobrevivência, mas também de transformação social.” (CARNEIRO, 2003, p. 32)

O professor deverá ter, então, uma nova atitude e uma nova perspectiva em relação ao mundo e ao aluno do ensino fundamental, médio ou superior (MASETTO, 2003).

Trabalhar em uma ocupação que oferece perspectivas de mudanças pode causar mal-estar aos trabalhadores, torná-los mais fragilizados e sensíveis, e levá-los a, naturalmente, questionar sobre o que o trabalho representa para si e para a vida, pois a instabilidade no seu ambiente de trabalho alimenta essa reflexão. Essa circunstância, portanto, faz com que o professor constitua objeto de pesquisa para análise dos sentidos e significados⁴ do trabalho.

1.2.4 Estrutura Do Trabalho

Este estudo de caso está estruturado em seis capítulos nos quais se procura analisar o assunto em questão, visando o alcance dos objetivos identificados no primeiro capítulo.

No primeiro capítulo, procurou-se apresentar a definição do problema, os objetivos da pesquisa e sua relevância no contexto da área.

No segundo capítulo, apresenta-se a fundamentação teórico-empírica do estudo – o arcabouço teórico da pesquisa - que se assenta na literatura consultada, abordando os conceitos de trabalho, a evolução destes conceitos, os diversos significados atribuídos a ele ao longo da história do homem e o trabalho do professor.

As fontes utilizadas na fundamentação teórico-empírica são, naturalmente, de ordem diversa, variando enormemente no seu caráter intelectual, político e ideológico, haja vista a amplitude e complexidade do fenômeno estudado.

O terceiro capítulo comporta a metodologia utilizada na pesquisa, sua característica e delimitação, bem como a forma como os dados foram obtidos e analisados.

No quarto capítulo estão contempladas a apresentação e a análise dos dados obtidos com a pesquisa empírica, que levantou a percepção do sentido do trabalho para os professores de um Apoio Pedagógico.

No quinto capítulo são apresentadas as conclusões a que se chegou com a pesquisa realizada, bem como algumas recomendações para novas pesquisas.

Ao final da dissertação, encontram-se as referências citadas durante a confecção deste trabalho.

⁴ “Sentido se refere à possibilidade de atribuição de significado a eventos de que o indivíduo participa diretamente. Significados são compreendidos como representação simbólica das finalidades da ação, elaborada e assimilada por um sujeito social” (TUMOLO & TUMOLO, 2004, p.3).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

2.1 OS DIFERENTES CONCEITOS DE TRABALHO

O trabalho é dentro da história da humanidade um elemento que se confunde com a própria vida, já que é ele o instrumento utilizado pelo próprio homem a fim de satisfazer as suas necessidades mais primárias.

Existe uma grande variedade de conceitos de trabalho, praticamente todos eles vinculados a uma determinada cultura e universo civilizatório. O trabalho humano teve origem quando um homíneo e depois outros começaram a injetar consciência, intencionalidade e inteligência nas suas ações. Não apenas naquelas ações que lhe garantiam a sobrevivência cotidiana, individual e coletiva, mas também nas ações de proteção e de educação de sua prole, de comunicar-se mediante expressões e linguagens cada vez mais complexas, de expressar artisticamente seu mundo.

Como uma categoria abstrata, o trabalho pode ser entendido, estritamente como esforço físico ou mecânico, como energia despendida por seres humanos, animais, máquinas ou mesmo objetos movidos por força da inércia. Neste conceito, prevalece, essencialmente, a dimensão física do trabalho (CATTANI, 2002).

A origem da palavra trabalho vem do substantivo latino *tripalium* - nome de um aparelho de tortura utilizado em criminosos e animais. Assim, a visão de trabalho na Antigüidade estava carregada de um sentimento penoso, de tortura e sofrimento. A idéia de trabalho existia em um sentido de obrigação, de dever, de responsabilidade, aspectos que, isolados, encerram uma avaliação bastante negativa se se considerar o valor do trabalho sob um aspecto mais amplo e humano.

A palavra trabalho estava relacionada à penalização, cansaços insuportáveis, dor e esforço máximo, dever e necessidade. Nesta visão, a idéia de trabalho só poderia estar ligada a um estado de extrema miséria e pobreza do homem (SCHULER, 1995).

Com a Reforma Protestante, o trabalho passou a ser visto como um instrumento de salvação e forma de realizar a vontade divina. A concepção de trabalho ganha uma avaliação mais positiva, um campo próprio para desenvolvimento e aplicação das capacidades humanas no domínio da natureza (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995).

Apesar da etimologia do termo guardar coerência com o sentido de castigo que lhe conferia a Bíblia, bastaram alguns séculos de prática capitalista e de sua ética protestante para a mistificação do conceito. A partir daí o trabalho deixa de ser a atividade que diferencia o ser humano do animal – como elemento que constrói a cultura - e passa a significar tão somente atividade relacionada à produção de mercadorias. Todo o resto não é trabalho (ALBORNOZ, 2004).

Etimologicamente, a literatura evidencia que a maioria das línguas da cultura européia apresenta mais de uma significação para trabalho.

No grego, “*ergon*” significa ação, obra, coisa feita pelo exercício da ação, em oposição à “*aergie*” (inação). Já “*argein*” quer dizer estar em lazer, sem nada para fazer, e “*ponos*” significa pena, fadiga, trabalho fatigante. Tem-se, portanto, uma palavra para fabricação, outra para esforço, e uma terceira traduzindo o ócio, em oposição ao trabalho. O latim clássico distingue entre “*laborare*”, a ação do labor, e “*operare*”, que corresponde a “*opus*”. “*Laborare*” significa trabalhar, laborar, executar, empenhar-se em algo, e também sofrer, padecer, estar doente, estar em dores de parto, cansar-se, fatigar-se, sucumbir. O “*opus*” refere-se à obra, trabalho, mas tem, também, a conotação de penas e riscos. A palavra “*opera*”, do latim vulgar, originou o português/espanhol “*obra*”, o italiano “*opera*” e o francês “*oeuvre*” (ALBORNOZ, 2004).

O francês faz distinção entre “*travallier*” e “*ouvrer*” ou “*oeuvrer*”, além de “*tache*”, que significa tarefa; em italiano existe “*lavorare*” e “*operare*”, e o espanhol apresenta “*trabajar*” e “*obrar*”.

No inglês, é evidente a distinção entre “*labour*” e “*work*”; esta última documentada desde o século X, expressando algo que se faz ou foi feito, ação, produto da ação de uma pessoa, criação, coisa feita manualmente.

Em alemão, há distinção entre “*arbeit*” e “*werk*”, sendo que à raiz indo-européia “*werg*” é atribuída a idéia de trabalho ou ação produtiva.

Escolheu-se para este estudo as origens e significados da palavra trabalho nas línguas indo-européias, tendo em vista que estas originaram as línguas das quais descende a maior parte daquelas que hoje são faladas na Europa e nos países por ela colonizados, em decorrência, o Brasil.

Hannah Arendt (2005) afirma que todas essas palavras das línguas européias, etimologicamente diferentes, designam, para nós, hoje, uma mesma atividade, sendo usadas, portanto, como sinônimos.

O trabalho também é conceituado economicamente, como apresentado pela FIBGE⁵. Segundo este órgão, o conceito de trabalho foi ampliado a partir de 1990. Nele estão caracterizadas as condições de trabalho remunerado, sem remuneração e na produção para o consumo e construção própria ou para o grupo familiar. O maior refinamento do conceito favoreceu a mensuração mais adequada das atividades econômicas porque reduziu consideravelmente o número mínimo de horas trabalhadas (de 15 para apenas 1) e passou a considerar como trabalho atividades assistenciais e para o autoconsumo, entre outras alterações.

Para a maioria dos economistas liberais, contudo, a característica principal do trabalho como comportamento essencialmente humano é sua utilidade, aspecto que se faz presente a partir do momento em que ele passa a ser visto como fator de produção, ao lado da natureza e do capital, e, conseqüentemente, como criador de riqueza. Nesta linha, Colson (apud FRIEDMANN, 1973, p. 20) declarou que “o trabalho é o emprego que faz o homem das suas forças físicas e morais para a produção de riquezas ou serviços”. De modo semelhante, Rolie (1971, p. 35) afirma que

nenhuma definição, nenhum estudo do trabalho poderá ignorar o seu aspecto econômico, quaisquer que sejam a maneira como o interpretamos e a importância que lhe concedemos. O trabalho é, por essência, criador de riquezas e desempenha na nossa sociedade o papel de um princípio de distribuição de rendimentos.

Dessa forma, na economia industrial capitalista dos últimos dois séculos, o trabalho passou a ser definido em função da produção social. A supremacia do seu aspecto econômico faz com que o trabalho seja visto apenas como um meio de garantir a subsistência e de produzir cada vez mais riquezas, em um processo cumulativo e, portanto, cada vez mais próximo do labor segundo Arendt (2005).

Na língua portuguesa, apesar de existirem duas palavras distintas *labor* e *trabalho*, é possível encontrar “[...] na mesma palavra *trabalho* ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável.” (ALBORNOZ, 2004).

Segundo Savchenko (1987), o trabalho pode ser definido como uma atividade racional do homem mediante a qual modifica os objetos da natureza de modo que estes podem

⁵ FIBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

satisfazer suas necessidades. Nesta atividade racional, portanto, o homem em seu processo de trabalho gasta sua energia física, psíquica e intelectual e encontra-se ligado à criação de produtos úteis.

Para Arendt (2005), é através do trabalho que o homem cria coisas extraídas da natureza, convertendo o mundo no espaço de objetos partilhados pelo homem. Segundo a autora, existem três atividades humanas consideradas fundamentais: o labor, o trabalho e a ação. O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, dessa forma, a condição humana do labor é a própria vida. O trabalho é a atividade que corresponde ao artificialismo da existência humana, pois é através dele que se produz um mundo artificial de coisas, diferente do ambiente natural, por isso, a autora considera que a condição humana do trabalho é a mundanidade. Por fim, a ação, considerada pela autora como uma prerrogativa exclusiva do homem, é a única atividade que se exerce entre homens sem ter a mediação de coisas ou da natureza, correspondendo a condição humana da pluralidade⁶.

Dessa forma, a distinção entre as palavras labor e trabalho, segundo a autora, está no fato de que o labor não deixa nada atrás de si, pois o resultado do esforço é consumido tão rapidamente quanto o esforço é produzido; já que a própria vida depende dele. Já o trabalho é destrutivo, uma vez que o processo de trabalhar subtrai material da natureza sem o devolver no curso rápido do metabolismo natural do organismo vivo (ARENDRT, 2005).

No meio ambiente todas as formas de vida desempenham atividades – todas consideradas trabalho - com o propósito de apoderar-se de produtos naturais em seu próprio proveito. Os vegetais absorvem a luz solar, os minerais e a umidade realizam a fotossíntese, os animais alimentam-se da vida vegetal ou da rapina, porém em nenhuma destas atividades, há a transformação da natureza, existe apenas a utilização dela para a sobrevivência destas formas de vida. O trabalho, porém, é uma atividade que altera o estado natural dos materiais encontrados na natureza para melhorar sua utilidade. E esta transformação da natureza para melhor satisfazer as necessidades é desempenhada apenas pelo homem (BRAVERMAN, 1987).

Não se pode esquecer que, além desta subtração de materiais da natureza, o ser humano é também capaz de antecipar, de fazer projetos, de representar mentalmente os produtos de que precisa. Desse modo, antes da própria atividade, pela imaginação, o ser

⁶ Para Hannah Arendt “A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.” (2005, p. 16)

humano já contém em si o produto acabado. Isto torna o trabalho do homem propriamente humano, o projeto e a visão antecipada do produto (ALBORNOZ, 2004).

No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na sua imaginação. O homem não apenas transforma o material sobre o qual opera, ele o imprime no mesmo o projeto que tinha conscientemente em mira. Desse jeito, o trabalho do homem se torna consciente e proposital, ao passo que o trabalho dos outros animais é instintivo (BRAVERMAN, 1987).

O trabalho humano como atividade proposital, orientado pela inteligência, é produto especial da espécie humana, por isso que, ao agir sobre o mundo externo e transformá-lo, o homem se modifica na sua própria natureza (BRAVERMAN apud MARX, 1987).

No trabalho há a transformação intencional, planejada, resultando em um produto que antes só existia na mente humana e que é exteriorizado através do trabalho e passa, assim, a fazer parte do mundo, adquire vida própria e torna-se independente do seu criador e do momento de sua criação (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

Segundo as autoras, o produto do trabalho conserva assim as riquezas de uma geração para as seguintes e permite que continuem do ponto que as anteriores pararam. Por isso a nobreza e a fascinação que ele exerce sobre as pessoas.

Atualmente, no mundo do trabalho, o lado criativo tem sido tolhido na produção industrial mecanizada e em série, e até mesmo nos empregos burocráticos. O que se tem é um trabalho desumanizado, pois ao homem não é mais permitido antever o seu produto em sua totalidade, ele não mais antecipa em sua mente a construção do produto antes de construí-lo.

O trabalho é, essencialmente, uma ação própria do homem mediante a qual transforma e melhora os bens da natureza, com a qual vive historicamente em insubstituível relação. Dessa forma, podemos dizer que o homem trabalhou sempre e que não existirá momento, na terra, em que não será necessário trabalhar (MIGLIACCIO, 1994).

O primeiro fundamento do valor do trabalho é o próprio homem, seu sujeito o trabalho está em função do homem e não o homem em função do trabalho. Assim, o fundamento para se determinar o valor do trabalho não é o tipo de trabalho que se realiza, e sim o fato de que quem o executa é uma pessoa. Portanto, as fontes de dignidade do trabalho devem ser buscadas, principalmente, em sua dimensão subjetiva e não em sua dimensão objetiva. “O valor do trabalho não reside no fato de que se façam coisas, mas de que são coisas feitas **pelo homem**” (MIGLIACCIO, 1994, p. 22).

Marx (1974) conceitua trabalho como uma atividade resultante do dispêndio de energia física e mental, direta ou indiretamente voltada à produção de bens e serviços, contribuindo, assim, para a reprodução da vida humana, individual e social.

Na sociedade capitalista, analisada por Marx, o trabalho contido na mercadoria possui duplo caráter: trabalho concreto e trabalho abstrato. O trabalho concreto corresponde à utilidade da mercadoria (o valor de uso), à dimensão qualitativa dos diversos trabalhos úteis. O trabalho abstrato corresponde ao valor de troca da mercadoria, independentemente das variações das características particulares dos diversos ofícios. O conceito de trabalho abstrato alude ao dispêndio de energia humana, sem considerar as múltiplas formas em que é empregada. É, portanto, nessa qualidade de trabalho humano abstrato que o trabalho cria o valor das mercadorias (MARX, 1974).

O trabalho, segundo Antunes (2003, p. 125) “[...] mostra-se como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o motor decisivo do processo de humanização do homem”.

A visão de trabalho de Antunes vem ao encontro do conceito mais completo de trabalho apresentado por Marx.

A atividade orientada a um fim para produzir valores-de-uso, apropriação natural para satisfazer necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana. (GUARESCHI, 1993, p. 30)

Dessa forma, segundo Antunes (2003, p. 125), a visão de Marx

[...] permite entender o trabalho como a única lei objetiva e ultra-universal do ser social, que é tão eterna quanto o próprio ser social; portanto, trata-se de uma lei histórica, à medida que nasce simultaneamente com o ser social, mas que permanece ativa enquanto esse existir.

É justamente através do trabalho que ocorre a transformação, segundo Lukács (1978, p. 16):

[...] por um lado, o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho; ele atua sobre a natureza; “desenvolve as potências nela ocultas” e subordina as forças da natureza “ao seu próprio poder”. Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformados em meios, em objetos de trabalho, em matérias-primas, etc.

Assim, o trabalho, por ser considerado como o ponto de partida do processo de humanização do ser social, e bem por isso, não pode ser degradado e aviltado. Deve, antes, permitir ao ser social sua plena realização *no e pelo* trabalho.

Dutra (1997, p. 295) assinala a

valorização do trabalho como condição humana; como formador do homem; como elemento de coesão entre os homens; como elemento mediador da relação entre homem e sociedade e entre homem e natureza; como atividade produtiva; como fonte de riqueza, abundância e progresso; como fonte de conhecimento do bem e do mal. O trabalho, por ser uma condição humana, não é tão-somente exterior ao homem, ele é o exterior que está dentro do trabalhador.

Esse trabalho, fonte de tantos sentimentos contraditórios, também pode significar opressão e escravidão. Por isso, temos de entender melhor quais são as forças que emergem dele ou para ele e que o afastaram de seu conteúdo inicial (SELIGMANN-SILVA, 1990).

Segundo Laurell e Noriega (*apud* SANTOS, R., 1992) quando o trabalho é alienante, isto é, torna o trabalhador alheio ao processo, promove o uso deformado e deformante tanto do corpo como das potencialidades psíquicas, e converte-se em uma atividade cujo componente desgastante é muito maior que o de reposição e desenvolvimento da capacidade.

Verifica-se, desse modo, que o trabalho engloba em si uma série de outros fatores que estabelecem suas próprias condições, como: posto de trabalho, ambiente de trabalho, os meios de trabalho, a tarefa, a jornada, a organização do trabalho, a relação entre as pessoas e a relação entre a produção e o salário.

Schuler (1995) resume bem o conceito de trabalho quando apresenta duas definições que se complementam. A primeira toma o trabalho como a “maior manifestação do social”, ou seja, no social, tudo é trabalho, pois a cultura, a política, a economia são reflexões exercidas pelo homem, através da utilização do trabalho físico e mental. Na segunda definição o trabalho nada mais é do que o emprego que faz o homem de sua força física e intelectual na produção das riquezas materiais e simbólicas. Segundo este mesmo autor, corroborando Lukács, o trabalho humano é um ato que produz transformações no corpo do trabalhador, tanto em nível físico como mental. Daí a necessidade de que o labor seja o mais natural e saudável possível, e que traga alguma satisfação (algum prazer) no ato em si.

Percebe-se que são muitos os conceitos de trabalho que SE encontra na literatura. Para a maioria, o trabalho pode ser o mero resultado de suas experiências cotidianas. Estas experiências, contudo, constituem a base sobre a qual eles constroem suas percepções e conhecimentos a respeito do mundo que os cerca.

O trabalho é determinante para a construção social e pessoal do próprio indivíduo, nele a natureza e a invenção se entrelaçam, em diversos níveis, da ação mais mecânica e natural à mais controlada e consciente (ALBORNOZ, 2004).

Por isso, quando estudamos o trabalho é fundamental saber o que os indivíduos pensam quando falam dele (MORIN, 2001).

Esta construção, embora individual, é um processo eminentemente social e pode se dar no interior de um conjunto partilhado de crenças, valores e significados. É neste contexto cultural que ocorrem as interações entre indivíduos e grupos.

Constata-se que os termos trabalho e emprego se tornaram equivalentes no uso corrente da fala, por conseqüência deixando de ser algo que “se faz” e passando a ser algo que “se tem”. Nesta pesquisa é necessário estabelecer a diferenciação teórica entre os dois termos. Pais (1993), citando Purcel, destaca que o *conceito de emprego* deve ser diferenciado do *conceito de trabalho*: enquanto emprego implica em uma relação contratual entre empregador e empregado, trabalho se coloca como uma atividade produtiva.

O emprego é considerado, nesta pesquisa, como um meio jurídico que propicia a existência da ocupação formal⁷, enquanto o trabalho permite ao indivíduo um lugar na esfera produtiva, portanto uma identidade e um sonho de trabalhador. Há que se ter em vista essa distinção para compreender que o professor tem posturas distintas quando menciona o significado que atribui à sua ocupação e ao seu trabalho. Desse modo, um mesmo indivíduo pode ter tanto a concepção instrumental quanto realizadora, com sentido simbólico de trabalho.

O trabalho é, portanto, um fator essencial de nosso equilíbrio e de nosso desenvolvimento. Talvez não importe qual trabalho; talvez não importe em que condições. O importante é sabermos o seu papel em nossas vidas (DEJOURS, DESSORS, DESRIAUX 1993).

“Ao longo do tempo o trabalho foi perdendo seu caráter essencialmente humanizador, ontopoiético, para reduzir-se pouco a pouco a um mero instrumento de garantia da sobrevivência” (ARRUDA, 2001).

Embora o trabalho faça parte de nossas vidas, sua evolução acompanhou o desenvolvimento e as descobertas do homem desde a pré-história até os dias atuais, e continua transformando-se continuamente. Observa-se que a evolução da prática do trabalho nos diferentes sistemas produtivos é que tem promovido a evolução de seu conceito.

⁷ Entretanto, se ter um emprego significa necessariamente dispor de uma ocupação, ter uma ocupação não necessariamente remete a dispor de um emprego.

2.2 A EVOLUÇÃO DO TRABALHO

O trabalho, em sua essência, continua inalterado, o tipo de trabalho, contudo, transformou-se e continua transformando-se ao longo da história (MIGLIACCIO, 1994).

No início era um esforço apenas complementar ao trabalho da natureza, onde o homem colhia os frutos produzidos pela natureza e caçava os animais existentes nas matas. Nesse estágio do trabalho não havia transformação da natureza, excedente de produção e nenhuma acumulação de riqueza.

O homem, como todos os outros animais, foi capaz de transformar a natureza para seu próprio bem-estar, mas foi o único ser vivo que conseguiu formular a idéia antes de sua concretização, não seguindo, portanto, uma programação da espécie. Com sua inventividade, buscou construir ferramentas que servissem como extensão de seu corpo. Quando se apropriava da natureza e a transformava, pela utilização de utensílios ou ferramentas, o homem estava produzindo um trabalho (KATZ,1995).

Com o desenvolvimento da agricultura, o homem começou a desequilibrar a natureza, a população começou a se multiplicar, a natureza passou a ser destruída, aparecendo a produção excedente e as primeiras noções de propriedade (ALBORNOZ, 2004).

Para Foucault (1990, p. 271), o trabalho, como atividade econômica, “só apareceu na História do mundo no dia em que os homens se acharam numerosos demais para poderem nutrir-se dos frutos espontâneos da terra”, colocando em risco sua subsistência.

Na Antigüidade havia uma classe de homens livres que detinham essa suposta liberdade pelo fato de terem sob seu jugo escravos desempenhando a não dignidade representada pelo trabalho. Entendendo-se este como qualquer atividade exercida pelo homem, a fim de garantir o seu sustento corporal e de sua família.

O indivíduo “livre”, o cidadão dotado da dignidade que a liberdade lhe imprimia era, portanto, aquele que dispunha de muitos escravos exercendo as funções inferiores. O homem estava inclinado às funções superiores, dedicadas às coisas do espírito, ao belo, que valorizava e o engrandecia, estando assim emancipado das necessidades do corpo. E é justamente esta busca de liberdade que leva Aristóteles a justificar a escravidão como algo necessário (ARENDETT, 2005).

Na Idade Média, mais precisamente na alta Idade Média, há novamente uma caracterização do trabalho como elemento destinado às classes inferiores, a classe dos servos. Restavam aos nobres as funções referentes à guerra e à administração do feudo. No entanto, o

trabalho braçal de lida com a terra ou artesanal era deixado a cargo dos servos como mencionou Huberman (1982).

Nessa época, tanto servos quanto nobres estavam atrelados à sua classe por laços de sangue, ou seja, o servo herdava o trabalho no feudo e sua condição de servo de seu pai, que herdava de seu avô e assim por diante. Por outro lado, o nobre senhor da terra herdava igualmente sua condição de seu pai, que herdava de seu avô. A igreja por sua vez envolvia toda a situação referida com o manto da sua doutrina imprimindo aceitação e conformismo, garantindo, assim, a sustentação hierárquica apresentada pelas classes naquele momento.

Com o nascimento da classe dos mercadores e com o aumento progressivo do comércio, vai ocorrendo um processo de mudança na conceituação do elemento trabalho. A Igreja mais uma vez participa ativamente desta mudança. Ela que até então condenava a usura, inicia uma série de intervenções, visando justificar a prática do comércio e por trás disso, a prática de se produzir excedentes com o intuito de comerciar. O aumento das práticas comerciais conjugado à intervenção da Igreja e do próprio Estado vai, dessa forma, interferir na conceituação do elemento trabalho, garantindo que este assumira um novo parecer.

A Igreja vai se utilizar, como menciona Le Goff (1980) abundantemente das cartas de São Paulo Apóstolo, incitando em várias passagens o indivíduo ao trabalho, de forma que este não seja pesado a ninguém. O estímulo ao trabalho irá diretamente ao encontro às necessidades da classe burguesa, que é a grande mentora de todo o processo capitalista, no qual terá garantida a evolução do processo produtivo como tal e a extração de cada vez maiores quantidades de trabalho da classe trabalhadora.

Na cultura judaico-cristã o trabalho adquiriu valorização positiva, ligada ao trabalho planejado da Criação, à vocação humana de imitar o Criador no trabalho e no descanso. A ética protestante consumou esta valorização do trabalho, engrandecendo-o como fonte última de todos os valores, e contrapondo-se a toda atividade contemplativa. Segundo Marx, “Nem ócio, nem prazer, e sim só a ação serve, segundo a vontade de Deus, para multiplicar sua glória. Segundo esta visão, o desperdício de tempo é o primeiro e, em princípio, o mais grave de todos os pecados” (WEBER, 1974).

Assim, o homem desenvolveu seu saber e buscou novas tecnologias levando-o a novos conhecimentos. Surgiram, então, a invenção da máquina a vapor, o uso da eletricidade e, mais recentemente, a automação. O trabalho passou a ser um esforço planejado e coletivo, no contexto do mundo industrial, e tornou-se cada vez mais alienante.

Dessa forma, o fato histórico que marcou com maior impacto a evolução do conceito do trabalho foi sua transformação em mercadoria. A mercantilização do trabalho, obrigando o

trabalhador a empregar-se para sobreviver, forçou-o a aceitar qualquer condição de trabalho e salário, permitindo ao capitalista a máxima liberdade na relação social de produção (ARRUDA, 2001).

Da primeira colheita e caça, do trabalho industrial para o pós-industrial, as mudanças foram tão significativas que dificultaram prever os novos rumos. Porém, sabe-se que, sempre haverá trabalho, mesmo que seja simplesmente para organizar o tempo livre (MIGLIACCIO, 1994).

O conceito de trabalho tem evoluído segundo o modo de organizar a produção e reprodução da vida. Igualmente, ele tem evoluído como resultante da interação criativa entre ação e reflexão, prática produtiva e teoria da organização social para a produção e reprodução da vida. Dessa forma, a evolução do trabalho humano nada mais é do que uma interação contínua e cumulativa entre ação, emoção e reflexão, prática, desejo e teoria, transformação, aspiração e conhecimento do mundo e de si mesmo (ARRUDA, 2001).

A história da palavra trabalho evolui ao longo do tempo, apresenta diversos significados conforme ocorreu com a evolução do homem e com as transformações do mundo. O significado do termo, quando da transição da pré-história da cultura da caça e pesca para a cultura agrária, é diferente de seu significado no decorrer da passagem moderna da cultura agrária para a industrial, e, talvez, se mostre diferente nesta transição da cultura industrial para a cultura pós-industrial, pela qual passa o mundo.

2.3 OS SIGNIFICADOS DO TRABALHO

A importância atribuída ao trabalho e o seu significado são diferentes de país para país, sendo igualmente diferentes entre os indivíduos. Para alguns, as atividades profissionais representam fontes de satisfação em si mesmas, independente daquilo que é trocado pelo trabalho realizado, mas para outros o salário é o que conta verdadeiramente.

A diferença entre a ação de um ser vivo e a do homem é que a primeira apresenta um circuito duplo (Sujeito – Objeto) e, a segunda, uma relação tripla (Sujeito – Objeto – Significado). Segundo Codo (1997) na ação do trabalhador, “o circuito se abre a uma terceira relação, um signo que fica (*signo-ficare*), o significado, o qual por sua vez se transforma e é transformado pela ação recíproca do sujeito e/ou objeto.” Dessa forma, o significado permanece além e apesar da relação com o objeto, ou seja, define-se pela transcendência à relação Sujeito-Objeto.

Para o autor, o significado do trabalho, por definição, é eterno (signo que fica). Ao abrir a ação para além de si, ao transformar em transcendente o gesto, o trabalho o imortaliza, por isso, o ser humano é um animal histórico; porque seus gestos sempre estarão fazendo parte da vida de todos nós, além do autor e apesar dele.

Para muitos, o trabalho permanece como um elemento central da sua existência, para outros, ele se torna cada vez menos importante, na medida em que duram as crises econômicas e as dificuldades de emprego (LÉVY-LEBOYER, 1994).

Um trabalho significativo não é necessariamente um trabalho instigante e cheio de desafios a todo o momento; será suficiente que faça parte de uma iniciativa maior, esta sim, repleta de significados. É principalmente essa iniciativa maior que falta à nossa sociedade moderna de consumo de massa (HARMAN & HORMANN, 1997).

As pessoas procuram cada vez mais um trabalho dotado de propósito, buscando neste início de século um significado para suas vidas. O ganho, o status social, a corrida do dia-a-dia, não mais satisfazem a necessidade de realização e preenchimento, vivenciado por um contingente cada vez maior de indivíduos.

O indivíduo quer fazer a diferença, criar um trabalho significativo, sentir-se plenamente vivo e procurar cada vez mais sua realização como pessoa. Essa necessidade de ir em busca de um propósito é percebida tanto no plano da vida pessoal como profissional. Essa necessidade de ter um propósito é uma força poderosa, capaz de unir em um todas as dimensões distintas da existência (SINETAR, 1987).

Como escreve Frankl “[...] o ser humano não é alguém em busca de felicidade, mas sim alguém em busca de uma razão para ser feliz, através – e isto é importante – da realização concreta do significado potencial inerente e latente numa situação dada” (FRANKL, 2005, p. 119).

Na sociedade moderna o sentido do trabalho desapareceu ou está perdido; essa perda de sentido está ligada diretamente à crescente divisão e fragmentação do trabalho, na qual o indivíduo e instituições são destruídos e dispersos em pequenos fragmentos sem qualquer relação entre si (SIEVERS, 1990).

O significado e a função do trabalho sofreram modificações principalmente com o colapso da sociedade medieval e início do mundo moderno, principalmente nos países protestantes. O indivíduo ao se deparar com a liberdade conquistada com o fim do período feudal, viu-se obcecado pela necessidade de vencer suas dúvidas e temores por meio de uma atividade frenética. Segundo Fromm (1976, p. 178), “o trabalho, em vez de ser uma atividade satisfatória em si e agradável, tornou-se um dever e uma obsessão”.

Nos primeiros séculos da era moderna havia dois significados para o trabalho. O de “dever”, entre a classe média, e o de “trabalho forçado”, entre os que não possuíam propriedade nenhuma (FROMM, 1976).

O conceito da palavra significado na perspectiva histórico-social exige que se entenda a diferenciação entre atividade e ação. A atividade humana, segundo Leontiev (1978), compreende um conjunto de ações, e a necessidade objetiva ou o motivo pelo qual o indivíduo age, não coincide com o fim ou o resultado imediato de cada uma das ações constitutivas da atividade. É somente através de suas relações com o todo da atividade, isto é, com as demais ações que a compõem, que o resultado imediato de uma ação se relaciona com o motivo da atividade. Não é, portanto, cada ação de *per se* que se justifica pelo motivo da atividade, mas o conjunto delas que precisa manter coerência com o motivo.

No decorrer da experiência social, o homem vai acumulando e fixando formas de realizar determinadas atividades, de entender a realidade, de se comunicar e expressar seus sentimentos, criando e fixando modos de agir, pensar, falar, escrever e sentir que se transformam com o desenvolvimento das relações sociais estabelecidas entre os homens para a produção de sua sobrevivência. O significado é, então, a generalização e a fixação da prática social humana, sintetizado em instrumentos, objetos, técnicas, linguagem, relações sociais e outras formas de objetivações como arte e ciência:

A significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele, tal como se apropria de um instrumento [...] (LEONTIEV 1978, p. 96).

Levando-se em conta o objeto desta pesquisa - o professor - o significado de seu trabalho é formado pela finalidade da ação de ensinar, isto é, pelo seu objetivo e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente por ele, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno.

Para compreender, de modo efetivo, o significado do trabalho, é preciso destacar a ação mediadora realizada por outro ou outros indivíduos no processo de apropriação dos resultados da prática social.

O indivíduo se forma, apropriando-se dos resultados da história social e objetivando-se no interior dessa história, ou seja, sua formação se realiza através da relação entre objetivação e apropriação. Essa relação se efetiva sempre no interior

de relações concretas com outros indivíduos, que atuam como mediadores entre ele e o mundo humano, o mundo da atividade humana objetivada. A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando não há uma relação consciente (tanto de parte de quem se educa, quanto de parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social. (DUARTE 1993, p. 47-48)

Para a análise do sentido da atividade para o trabalhador, pode-se utilizar as reflexões de Leontiev (1978, p. 101-142) sobre a relação entre significado e sentido, segundo o grau de desenvolvimento das forças produtivas. Para este autor, nas sociedades primitivas, onde não havia divisão social do trabalho e relações de exploração do homem, existia uma coincidência entre o sentido e o significado das ações. Na sociedade capitalista, caracterizada pela divisão social do trabalho e divisão em classes, há a ruptura da integração entre o significado e o sentido da ação. O sentido pessoal da ação não corresponde mais ao seu significado. Assim, sob relações sociais de dominação, o significado e o sentido das ações podem se separar, tornando-as alienadas.

Considerando esse referencial, o trabalho do indivíduo poderá ser alienado quando seu sentido não corresponder ao significado dado pelo conteúdo efetivo dessa atividade previsto socialmente, isto é, quando o sentido pessoal do trabalho separa-se de sua significação. Se o sentido do trabalho atribuído ao indivíduo que o realiza for apenas o de garantir sua sobrevivência, trabalhando só pelo salário e sem ter consciência de sua participação na produção das objetivações na perspectiva da genericidade, haverá a cisão com o significado fixado socialmente. Esse significado é entendido como função mediadora entre o trabalhador e os instrumentos culturais que serão apropriados, visando ampliar e sistematizar a compreensão da realidade e possibilitar objetivações em esferas não cotidianas.

Portanto, o que incita, motiva o professor a realizar seu trabalho? Esse motivo não é totalmente subjetivo (interesse, vocação, amor pelos estudantes, etc), mas relacionado à necessidade real instigadora da ação do professor, captada por sua consciência e ligada às condições materiais ou objetivas em que a atividade se efetiva (jornada de trabalho, recursos físicos da escola, materiais didáticos, etc). Quando essas condições objetivas de trabalho não permitem que o professor se realize como gênero humano, aprimorando-se e desenvolvendo novas capacidades, conduzindo com autonomia suas ações, criando necessidades de outro nível e possibilitando satisfazê-las, ou seja, “que, portanto, ele não se afirma, mas se nega em seu trabalho, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve energia mental e física

livre, mas mortifica a sua *physis* e arruína a sua mente” (Marx 1984, p. 153), esse trabalho é realizado na situação de alienação.

Assim, no sistema capitalista, onde as relações são de dominação, a alienação está presente em maior ou menor grau, levando em muitos casos ao aniquilamento da autonomia dos indivíduos, além de tornar o trabalho mero instrumento, meio econômico, retirando dele a realização humana em termos culturais, poéticos, lúdicos, provocando a falta de sentido no ato de trabalhar, atribuindo-lhe apenas a dimensão alienante (FRIGOTTO, 1995).

A realização de aspectos da subjetividade do trabalhador vem, crescentemente, sendo desconsiderada no fazer do trabalhador. Na medida em que o desenvolvimento tecno-organizacional se processa, o trabalhador faz cada vez menos parte da elaboração do seu trabalho, restringindo-se apenas a executá-lo. A imagem, a personalidade, o querer das pessoas estão cada vez mais estilhaçados em seus fazeres.

No mundo do trabalho, ocorre cada vez mais a sua redução ao nível de labor, de esforço rotineiro e cansativo, com o único objetivo da sobrevivência; evidenciando-se uma laborização do mundo, bem mais do que a elevação do trabalho produtivo ao plano da *práxis*⁸ pela politização do operariado (ARENDDT, 2005).

O processo de trabalho, dada a sua complexidade, requisitou que se encontrassem formas de articular seus elementos, especialmente a ação coletiva dos homens entre si. Essa articulação é denominada organização do processo de trabalho (SOUZA, 1993).

Embora o processo de trabalho seja o meio pelo qual os trabalhadores praticam aspirações, desejos e possibilidades, “a partir do significado do trabalho [...] adquire em suas vidas” (TITTONI, 1994, p. 24) a organização do trabalho “nem sempre possibilita o exercício desses elementos subjetivos” (idem), o que acarreta uma experiência marcada por conflitos e busca de estratégias que possibilitam a manipulação da representação de si.

Segundo Dejours (2003, p. 38), a organização científica do trabalho “[...] não se limita a uma desapropriação do saber. Ela amordaça a liberdade de organização, de reorganização ou de adaptação do trabalho [...]. Adaptação que, vê-se logo, exige uma atividade intelectual e cognitiva que será proibida pelo trabalho taylorizado”.

O trabalho não é somente a execução de atividades produtivas, mas, também, espaço de convivência; ele pressupõe não somente uma preocupação com a eficácia técnica, mas

⁸ Para Hannah Arendt a ação – a *práxis* – é aquele domínio da vida ativa onde o instrumento usado pelo homem é o discurso, a sua própria palavra. É o âmbito da vida política, onde se discutem os interesses, as paixões, as questões muito concretas que se referem ao convívio harmonioso entre concidadãos. Para ela a ética se forma na *práxis*.

busca incorporar argumentos relativos ao viver em comum relativos ao mundo social do trabalho e de proteção e realização do ego; portanto, relativos à saúde e ao mundo subjetivo (DEJOURS, 1999).

O significado do trabalho como algo transformador passa por uma mudança na forma como o trabalho está organizado. Assim,

Da análise do conteúdo significativo do trabalho, é preciso reter a antinomia entre satisfação e organização do trabalho. Via de regra, quanto mais a organização do trabalho é rígida, mais a divisão do trabalho é acentuada, menor é o conteúdo significativo do trabalho e menores são as possibilidades de mudá-lo. Correlativamente, o sofrimento aumenta (DEJOURS, 2003, p. 52).

Para que o trabalhador possa se sentir satisfeito, é necessário que o ambiente de trabalho ofereça um campo de ação, um terreno onde o indivíduo concretize suas aspirações, suas idéias, sua imaginação, seu desejo. Isto ocorre quando o trabalho é livremente escolhido e quando a organização do trabalho é flexível, permitindo ao trabalhador organizar e adaptar o trabalho a seus desejos e as necessidades de seu corpo (DEJOURS, 1983).

Segundo Morin (2000), existem algumas condições na organização do trabalho que possibilitam a realização pessoal, tornando dessa forma o trabalho mais enriquecedor e com mais sentido. A primeira condição determina que as pessoas devem considerar ética a atividade que desempenham. É importante que o trabalho seja moralmente correto, que possa ser comentado com tranqüilidade com as pessoas de seu círculo. Outra condição prende-se ao propósito do trabalho. Os trabalhadores se perguntam por que estão fazendo aquele trabalho, se ele é importante e útil na cadeia de produção. Como passam muito tempo de suas vidas no trabalho, se este é considerado inútil, há uma tendência de as pessoas acreditarem que suas vidas são inúteis também.

O trabalho tem sentido quando há autonomia no local onde é realizado, seja em ambiente público ou privado. O trabalhador gosta de poder fazer seu próprio julgamento, de controlar as atividades diárias, sentindo-se eficiente e notado pelo que faz. Trabalho que faz sentido também é o que dá prazer, que diverte, faz a pessoa experimentar emoções positivas.

A última condição diz respeito ao relacionamento com os colegas. Quando as pessoas vão trabalhar, querem sentir que estão em um ambiente amistoso, que podem confiar uns nos outros, conversar sobre algo além do trabalho na hora do café. Também é importante esse sentimento em relação aos superiores. Saber que, se você fizer algo que envolva risco, o chefe estará do seu lado.

Assim, é importante discutir-se a conceituação da categoria trabalho sem reduzi-la a um meio mercadológico, utilitarista, mas também imersa em significações simbólicas que perfaçam o âmbito das percepções do indivíduo.

O homem foi feito para desempenhar na vida uma tarefa concreta e pessoal, derivada do seu caráter de algo único e irrepitível, uma missão. Por isso, a missão muda de homem para homem, em consonância com o caráter de algo único da pessoa e, muda de hora em hora, em decorrência do caráter irrepitível de cada situação.

Conforme descreve Frankl (1986, p.160)

o trabalho pode representar o campo em que o ‘caráter de algo único’ do indivíduo se relaciona com a comunidade, recebendo assim o seu sentido e valor. Contudo, este sentido e valor são inerentes, em cada caso, à realização (à realização com que se contribui para a comunidade) e não à profissão concreta como tal. Não é, por conseguinte, um determinado tipo de profissão o que oferece ao homem a possibilidade de atingir a plenitude. Nesse sentido, pode-se dizer que nenhuma profissão faz o homem feliz. E, se há muitos, principalmente entre os neuróticos, que afirmam que se teriam realizado plenamente, caso tivessem escolhido outra profissão, o que se encerra nessa afirmação é uma deturpação do sentido do trabalho profissional ou a atitude de quem se engana a si mesmo. Nos casos em que a profissão concreta não traz consigo nenhuma sensação de plena satisfação, a culpa é do homem que a exerce, não da profissão. A profissão em si não é ainda suficiente para tornar o homem insubstituível; o que a profissão faz é simplesmente dar-lhe a oportunidade para vir a sê-lo.

Esse caráter insubstituível da vida humana, aquela impossibilidade do homem ser representado por outrem no que só ele pode e deve fazer, o seu “caráter de algo único” e irrepitível, sempre depende do homem: não do que ele faz, mas quem o faz e do modo como o faz (MIGLIACCIO, 1994).

Para Frankl (2005, p. 92) a busca de sentido pelo indivíduo é a sua motivação primária e, não a “racionalização secundária” de impulsos. O sentido, portanto, é exclusivo e específico, já que ele deve ser cumprido somente por aquela pessoa. Dessa forma, o sentido assume uma importância que satisfará “a sua própria vontade de sentido”.

O significado do trabalho tem um caráter ao mesmo tempo simbólico e instrumental. Instrumental diz respeito ao valor monetário, quantitativo. Simbólico concerne ao seu valor moral, qualitativo, subjetivo. Bajot e Franssen (1997) classificam o significado instrumental como um meio de ganhar a vida e o simbólico, ou expressivo, como meio de realização social e pessoal do indivíduo. Portanto, o último é fornecedor de identidade aos indivíduos.

Esse caráter duplo do trabalho é mencionado por Nakano ao analisar jovens em sua pesquisa.

A construção de uma identidade de trabalhador não se configura para a juventude, pois exercer um ofício se insere no conjunto das ações que possibilita a obtenção de um objeto de consumo, que faz parte de seu universo de desejos. O trabalho ganha um sentido, meramente instrumental: deseja-se exercê-lo para conseguir algo que está fora dele e não em função de valores fundados na gratificação e na importância advindas do exercício do próprio ofício [...] O trabalho tem, também para alguns jovens do Oratório um sentido simbólico, o de delimitar fronteiras estabelecendo diferenças entre trabalhador e marginal (1995, p. 139-140).

Lima (1988), estudando as pesquisas sobre o significado do trabalho, aponta a existência de duas correntes: a primeira considera que o trabalho para o homem moderno é apenas como um contrato comercial, onde o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de um resultado econômico, não importando a finalidade ou a quem se destina. A outra crê que o trabalho representa o cumprimento do dever e a busca da realização, tendo, dessa forma, um significado intrínseco, deixando de ser um meio, para ser um fim em si mesmo.

Para Erich Fromm (1976), o trabalho não é, para o homem, apenas uma necessidade inevitável: é também seu libertador em relação à natureza, já que, no processo de moldá-lo e alterá-lo, ele se molda e se modifica a si mesmo.

Assim, o trabalho torna-se o laço mais forte com a realidade, é através dele que o indivíduo situa-se na sociedade, e por seu intermédio (experiências da vida ativa) ele adquire identidade e personalidade. Por isso, o trabalho ao se tornar uma atividade secundária tanto do ponto de vista da hierarquia de valores quanto do planejamento do tempo que é consagrado a ele, torna fragilizada uma parte do esqueleto social e coloca em dúvida a dinâmica tradicional do desenvolvimento da personalidade (LÉVY-LEBOYER, 1994).

Não obstante o conceito de trabalho, formulado através do seu caráter relacional homem-natureza, as necessidades para cuja satisfação se trabalha originam-se em um aspecto de ordem biológica, segundo o qual o instinto de conservação do indivíduo e da espécie o impele a adquirir os meios de satisfazer suas necessidades vitais.

No entanto, um outro aspecto de ordem psicológica faz com que o homem, no processo de satisfação de suas necessidades primárias, através dos frutos do seu trabalho, alcance sua auto-realização em alguma proporção. Determinadas experiências, por exemplo, não seriam vivenciadas se ele não realizasse esse trabalho (PIMENTA, 1955; SCHOECK, 1985).

Os aspectos biológico e psicológico, em conjunto, conferem ao trabalho um caráter sociológico, na medida em que indivíduos e grupos se congregam no esforço comum, favorecendo, a um só tempo, o progresso e os vínculos de cooperação e solidariedade, uma vez que o trabalho, além de gerar os artefatos necessários à subsistência do homem, engendra a vida social, sendo simultaneamente por ela determinado (FERRETI, 1988).

Assim entendido, contribui, efetivamente, não apenas para a manutenção e o desenvolvimento das condições materiais de existência da sociedade, traduzidas em necessidades humanas básicas como alimentação, vestuário e proteção contra intempéries, que deverão ser satisfeitas, mas também no sentido de garantir e perpetuar as condições sociais de existência dos indivíduos que, biológica e psicologicamente, compõem a estrutura social. É requerido do trabalho que esse sirva às necessidades humanas e as satisfaça em seus diferentes e progressivos níveis.

Com as mudanças nas relações trabalhistas, percebe-se que o senso de dever e toda a carga valorativa atribuída ao trabalho se modificaram, ao mesmo tempo em que o trabalho foi perdendo seu conteúdo e se empobrecendo, tornando-se, na maioria das vezes, mecânico e rotineiro. Por conseguinte, a busca de satisfação foi sendo substituída pelo comércio da força de trabalho.

Em sua análise sobre o estranhamento do trabalho, Antunes (1997, p. 32) ressalta a questão do estranhamento e da relação da produção com o consumo afirmando que

mantém-se a enorme distância entre o produtor e o resultado do seu trabalho, o produto, que se lhe defronta como algo estranho, alheio, como coisa. Esse estranhamento permanece também no próprio processo laborativo, em maior ou menor intensidade. A desidentidade entre o indivíduo que trabalha e a sua dimensão de gênero humano também não foi eliminada. Mais do que isso, as diversas manifestações de estranhamento atingiram, além do espaço de produção ainda mais intensamente a esfera do consumo, a esfera da vida fora do trabalho, fazendo do tempo livre, em boa medida, um tempo também sujeito aos valores do sistema produtor de mercadorias. O ser social que trabalha deve somente ter o necessário para viver, mas deve ser constantemente induzido a querer viver para ter ou sonhar com novos produtos.

Esse estranhamento do trabalho também vem acompanhado de uma angústia, que pode ser o motor, a força que impulsiona a ação. A angústia contribui, assim, para a formulação de objetivos, metas que, uma vez atingidas, atenuam a angústia, mas não a impedem de ressurgir em seguida. A angústia vem também da história de vida de cada sujeito. Nesse processo de

estranhamento do trabalho, o sujeito traça sua vida, sua experiência, e se transforma, modificando a realidade que ele escolheu enfrentar (DEJOURS, DESSORS, DESRIAUX 1993).

Não se pode esquecer que o trabalhador não é como uma máquina nova, ele tem uma história pessoal, que se concretiza por uma certa qualidade de suas aspirações, de seus desejos, de suas motivações e de suas necessidades psicológicas.

O significado subjetivo do trabalho pode ser conceitualizado, como uma estrutura cognitiva, que tem forte impacto sobre as percepções, avaliações, atribuições, e sobre o próprio comportamento do indivíduo no trabalho (BASTOS, PINHO & COSTA, 1995).

Na análise da evolução do trabalho, Albornoz (2004) aborda que a partir do momento em que se retira do trabalhador a sua criatividade, permitindo-lhe apenas usá-la para inovar na melhora do fluxo do processo e enfrentar os momentos em que esse processo esteja dificultado, retirou-se o aspecto lúdico do trabalho.

Comparando o trabalho em uma organização com o trabalho artesanal, percebe-se facilmente a perda desse aspecto lúdico.

No artesanato, o trabalho não obedece a nenhum motivo ulterior além da fabricação do produto e dos processos de sua criação: a esperança de fazer um bom trabalho, realizar um produto, e a arte de fazê-lo. Os detalhes do trabalho cotidiano são significativos, não estão separados do produto do trabalho. No trabalho, o artesão pode aprender e desenvolver seus conhecimentos e habilidades; o seu trabalho é um meio de desenvolver habilidades. Não existe separação entre trabalho e divertimento, trabalho e cultura (ALBORNOZ, 2004).

Segundo Fromm (1976) durante os séculos XIII e XIV o artesanato constituiu-se do clímax da evolução do trabalho criador. Ele não era apenas uma atividade útil, mas uma atividade que trazia em si uma grande satisfação. Nessa atividade o trabalhador possuía a liberdade para dirigir por si sua atividade produtiva, aprendendo a usar suas potencialidades e habilidades na realização do trabalho.

No mundo do trabalho, com raras exceções, vê-se a falta de vínculo entre o trabalho e o resto da vida. Para agir livremente, deixa-se o tempo que sobra o trabalho. Assim, se separa totalmente trabalho de lazer, de prazer, de cultura, de renovação das forças anímicas, que deverão ser buscadas no tempo que sobrar do trabalho.

As pessoas não se identificam mais com seu trabalho, percebem-se como alegres robôs que não têm efetivo poder de decisão sobre o mundo em que atuam (ALBORNOZ, 2004).

A partir do momento em que as pessoas não se identificam mais com seu trabalho, ele começa a ser rediscutido como um valor fundamental, enquanto obrigação e fonte de

satisfação pessoal. Para muitos, ter uma atividade remunerada, regular e definida não corresponde mais a um desejo unânime (LÉVY-LEBOYER, 1994).

O trabalho, além de propiciar a realização do homem como ser biológico, traz, em seu bojo, um outro objetivo, tantas vezes esquecido, como o de favorecer a realização espiritual-psicológica. Para o alcance dessa realização, é necessário que ele seja simultaneamente meio e fim: meio na medida em que o seu produto provê a subsistência individual e a produção social: e fim, enquanto puder proporcionar, em algum grau, a auto-realização e o crescimento dos indivíduos como seres humanos.

É fundamental que os diferentes aspectos do trabalho sejam considerados, pois contribuem para desvendar o seu significado na sociedade atual e os problemas que engloba. Hannah Arendt (2005) o inclui entre as três atividades fundamentais integrantes da “vita activa”, que significa exatamente um engajamento ativo nas coisas deste mundo; as outras atividades fundamentais já foram abordadas anteriormente, são elas labor e ação. Para a autora, o trabalho e seu produto - o artefato humano - emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano.

O trabalho possui um sentido em sua execução, isto é, a sua dimensão criadora, que certamente possibilita aos indivíduos sua auto-realização e, desse modo, amplia seus objetivos, dimensão que não é buscada ou valorizada pelo liberalismo econômico, ao qual interessa simplesmente o labor humano.

Schumacher (1980) afirma estar subjacente ao sistema de trabalho do homem, seu sistema de valores: o trabalho de uma pessoa é uma das mais decisivas influências formativas do seu caráter e de sua personalidade, tendo em vista o lugar central⁹ que ocupa na vida humana. Ele identifica três fins para o trabalho humano: produzir bens e serviços necessários e úteis, permitir a utilização e o aperfeiçoamento dos talentos naturais e habilidades, e servir aos demais, colaborando com eles, para a libertação do egocentrismo inato.

A grande questão que esse autor coloca, e sobre a qual desenvolve sua reflexão e análise, é quanto ao que qualifica de tarefa decisiva para nossos dias, como seja, a de como poder realizar um trabalho criativo e satisfatório, ganhar a vida dignamente e viver de um modo apropriado, preocupação constante, aliás, também de outros autores como Guerreiro Ramos e Hannah Arendt.

⁹ Centralidade do trabalho: “A centralidade do trabalho é definida como o grau de importância geral que o trabalho possui na vida de um indivíduo em determinado momento” (ENGLAND, G. W.; MISUNI, J., 1986. p. 399-416).

Assim, o homem não pode ser considerado apenas um ser econômico; ele também é um ser cultural, político, artístico, artesão. Um ser (re)produtor e também criador. Por isso, não há sentido qualitativo em o trabalho ser concebido meramente segundo fins econômicos, uma vez que são obras do ser humano que é um ser pluridimensional. Assim, o significado qualitativo presente no trabalho é constituído pela criação, arte e querer dos indivíduos.

O sentido para a vida do trabalhador, o resgate do diálogo entre o que o trabalhador faz e o seu querer, é fundamental para sua satisfação no trabalho e a sua realização enquanto ser humano. O alcance do fazer com sentido está em quebrar o utilitarismo essencialmente econômico que a sociedade capitalista atribui para todos os setores, dentre eles o trabalho. O fazer com sentido depende da educação, não somente escolar, mas familiar, sindical, da própria fábrica e de meios de comunicação fornecerem, para os indivíduos, informações que lhe permitam compreender a sociedade e se sentirem co-participantes dela. Contudo, não basta o guarnecimento de escola, eventos culturais, “participação” dos trabalhadores na administração e lucros da empresa, pois o fazer com sentido que está sendo referido aqui, realiza-se quando gestado e gerido pelo próprio indivíduo – o trabalhador.

Portanto, na perspectiva desta pesquisa, uma das vias do indivíduo tornar-se sujeito do seu porvir é ele projetar suas aspirações profissionais no que faz, atribuindo assim sentido ao seu trabalho. E esse sentido do trabalho é adquirido à medida que os sujeitos vivenciam e dão sentido às suas experiências de trabalho, ou seja, a partir da relação entre subjetividade e trabalho. Essa vivência se encontra em permanente transformação, pois se deve considerar a especificidade histórica assumida pela relação entre os sujeitos e o trabalho em cada contexto espaço-temporal (NARDI; TITTONI; BERNARDES, 2002).

Assim, a relação entre subjetividade e trabalho muda quando se analisa a relação do cidadão e do escravo com o trabalho, na Grécia; do senhor feudal e do servo, na Idade Média; do operário da indústria fordista e do jovem analista de sistemas nas empresas no século XXI. Pois, de acordo com Ferraroti, *apud* Nardi, Tittoni e Bernardes (2002, p.303), “cada vida humana é a síntese vertical de uma história social, não se trata simplesmente de refletir o social, cada sujeito se apropria do social e, através de um processo de mediação, o filtra e o retraduz compondo, dessa forma, o conjunto de significantes que vai estruturar sua subjetividade”.

As condições subjetivas são próprias do trabalho humano, pois este se constitui em uma atividade consciente. O homem, ao planificar sua ação, age conscientemente, mantendo uma autonomia maior ou menor, dependendo do grau de objetivação do processo de trabalho em que está envolvido. No caso do objeto pesquisado, o professor encontra-se em um espaço

onde o processo de trabalho não se objetiva na mesma proporção do que no processo fabril, onde por ser altamente objetivado, limita a autonomia dos operários. Ao professor é permitida uma margem de autonomia maior, pois a presença deste junto com os alunos permite uma avaliação e um planejamento contínuos do trabalho, orientando modificações, aprofundamentos e adequações do conteúdo e metodologias a partir da situação pedagógica concreta e imediata, permitindo a ele gerir seu próprio trabalho (BASSO, 1998).

De acordo com Nardi; Tittoni e Bernardes (2002, p. 304):

[...] pensar a subjetividade nas suas conexões com o trabalho implica pensar os modos como as experiências do trabalho conformam modos de agir, pensar, sentir e trabalhar amarrados em dados momentos – mais ou menos duráveis – que evocam a conexão entre diferentes elementos, valores, necessidades e projetos. Do mesmo modo, implica em diferentes possibilidades de invenção e criação de outros modos de trabalhar, na forma de transgressões ou mesmo de resistências-potências na conexão dos diversos elementos e dos modos de produzir e trabalhar.

Conforme estes autores, a análise dessas relações (trabalhador e o seu trabalho) permite buscar uma redimensão de duas formas clássicas de análise: uma que prioriza as determinações macrossociais, de cunho econômico, sobre a ação dos trabalhadores. E outra, baseada nas análises de cunho psicológico, individualizantes, historicamente associadas ao campo das motivações e dos comportamentos no trabalho.

“O trabalho situa-se como espaço no qual se interseccionam dimensões da cultura e da vida ‘fora’ dos locais de trabalho juntamente com elementos da própria organização laboral” (NARDI; TITTONI e BERNARDES, 2002).

Não somente as mercadorias, enquanto objetos comercializáveis, mas também as obras são criadas pelo trabalho humano, cuja presença permite que os indivíduos confirmem significado para o mundo. Essa mesma dicotomia contida no trabalho é encontrada no trabalhador, que não pode ser concebido inteira e univocamente como simples força de trabalho criando objetos desprovidos de sentido para si, mas como indivíduo que sujeita somente parte de seu corpo. O trabalhador não apenas se assujeita ao seu trabalho; ele também se porta como sujeito, ao ter na mente a recusa de sua subjugação, do viver sem sentido, expressa, em palavras e nos seus sonhos de um dia mudar de vida.

Dessa forma, ao se dizer que o ser humano age sobre o meio em que vive, está se considerando que ele dá significado ao objeto através de sua ação. Esta significação é a expressão da subjetividade do trabalhador, enquanto a alteração física produzida no ambiente é a realizada objetiva (CODO & GAZOTTI, 2002).

O trabalho pode ser analisado nestas duas esferas: a objetiva e a subjetiva. A esfera objetiva é a da transformação física, a outra é onde o homem ao agir sobre a natureza, transformando-a para atender suas necessidades, lhe atribui um significado. Esta significação é o que caracteriza o subjetivo no homem, pois abre a possibilidade para que ele possa investir o produto do seu trabalho de energia afetiva.

Segundo Codo & Gazotti (2002, p. 52),

Através do trabalho o homem, na relação com o objeto, entra em contato com o mundo real, concreto, descobre-se igual a outros homens, identificando-se enquanto ser humano. Ao mesmo tempo, dotado de sua subjetividade, ela vai se diferenciar de outros seres humanos e construir a sua individualidade. Se por um lado ele compartilha da história da espécie humana, por outro ele também desfruta de uma história individual, que é diferente e única. Suas vivências, experiências, frustrações, afetos e desafetos; tudo isso é levado pelo trabalhador para a relação de trabalho.

O trabalho engloba, assim, esta tensão entre a objetividade do mundo real e a subjetividade do indivíduo que o realiza. A tensão se configura de acordo com as características do próprio trabalho, desta forma, cada tipo de trabalho possui uma dinâmica própria, onde as possibilidades de expressão da subjetividade, da afetividade humana vão variar em maior ou menor grau, e é o que veremos a seguir, ao se caracterizar o trabalho do professor.

“A subjetividade está presente em todos os lugares; não há como deixá-la no armário quando saímos de casa para o trabalho” (ASSUNÇÃO, 1996, p. 50).

2.4 O TRABALHO DO PROFESSOR

O trabalho “é toda atividade desenvolvida pelo homem, seja ela física ou mental, da qual resultam bens e serviços” (OLIVEIRA, 1991, p. 16).

Segundo Dubar (apud TARDIF & RAYMOND, 2000), trabalhar não é exclusivamente transformar um objeto ou situação em uma outra coisa, é também transformar a si mesmo em e pelo trabalho. O professor ao longo do seu tempo de ensinar torna-se aos seus olhos e aos olhos do outro - um professor, com sua cultura, seu *éthos*, suas idéias, suas funções e seus interesses (TARDIF & RAYMOND, 2000).

Com relação ao trabalho do professor, há certa especificidade, que o torna diferente dos demais trabalhadores.

Hargreaves (2001, p. 13) aponta:

O ensino é uma profissão paradoxal. De todas as ocupações que são ou pretendem ser profissões, somente o ensino é encarregado da difícil tarefa de criar as habilidades e as capacidades humanas que permitem às sociedades sobreviverem e terem êxito na era de informação. Até mesmo, e principalmente nos países menos desenvolvidos, espera-se que os professores, mais do que ninguém, construam as comunidades de aprendizagem, criem a sociedade de informação e desenvolvam a capacidade de inovação, flexibilidade e compromisso com as mudanças que são essenciais à prosperidade econômica do século XXI.

Para Veiga (1995) o professor precisa ter domínio sobre o conteúdo e o processo de trabalho, utilizando os conhecimentos disponíveis que vão sendo elaborados e reconstruídos dependendo da sua proposta pedagógica.

Para Basso (1998, p.20)

O trabalho docente concebido como uma unidade é considerado em sua totalidade que não se reduz à soma das partes, mas sim em suas relações essenciais, em seus elementos articulados, responsáveis pela sua natureza, sua produção e seu desenvolvimento. [...] pressupõe o exame das relações entre as condições subjetivas – formação do professor – e as condições objetivas, entendidas como as condições efetivas de trabalho, englobando desde a organização da prática – participação no planejamento escolar, preparação de aula etc. – até a remuneração com professor.

Por conseguinte, verifica-se que há trabalhos em que há o predomínio da força física (manual) e outros, o predomínio da força mental ou intelectual. O trabalho do professor enquadra-se como um trabalho intelectual, cujo objetivo é educar, encontrando-se inserido em um contexto maior que é a educação.

A educação, para Codo (2002), não têm lugar definido, ocupa todos os lugares, não possui um início e um fim, pois acompanha todos os momentos de vida, não tem *locus* no sujeito, e se espalha por todos os sentidos, todos os gestos, todas as crenças e intenções. A educação pode ser então considerada onipresente, incomensurável e onisciente.

Segundo Paulo Freire (1979), educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e onde a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual, como em relação à classe dos educandos, é essencial à prática pedagógica proposta. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo será inoperante,

somente palavras sem significação real. Para este autor, a educação é ideológica, mas dialogante, pois só assim pode se estabelecer a verdadeira comunicação da aprendizagem entre seres constituídos de almas, desejos e sentimentos.

O processo educacional, para o professor, diferentemente do que se conceituou nos parágrafos anteriores, tem sido uma tarefa objetiva, finita, mensurável, que tem seu lugar definido (a sala de aula), tem seu tempo (a duração da aula distribuída no ano letivo) e tem sua medida (as provas). E encontra-se inserido em uma organização de trabalho que é a escola, seja ela pública ou privada (CODO, 2002).

Segundo Vasconcelos (2002), uma análise bibliográfica em educação, principalmente nos países industrializados, tem mostrado a importância do trabalho realizado pelos professores, reconhecendo sua importância no sucesso escolar dos alunos.

Para esta autora (2002, p. 307),

O impacto da educação tanto na economia como na constituição do espírito de cidadania na sociedade é atualmente incontestável. E, portanto, o trabalho exercido pelo professores é ainda considerado como fruto de capacidades pessoais, ligadas mais aos traços de personalidade ou da “motivação” que levam os indivíduos a abraçar essa carreira, sem reconhecer as competências que dispõem para exercer uma profissão como outra qualquer.

Qualquer ser humano sonha, pelo menos por um momento, em escrever seu nome na história, em última instância, em não morrer, e em ser lembrado depois que passou. A categoria de professor, de educador tem essa chance. Quem não se lembra dos professores que foram propulsores de transformações em nossas vidas?

Ser humano significa ser histórico. Compreender um ser humano implica em partir do pressuposto de que cada gesto e cada palavra estão imediatamente inseridos em um contexto muito maior, que transcende a ele e a sua existência (CODO, 2002).

Segundo Codo (2002, p. 41),

Escrevendo a História de toda a humanidade, todo o passado determina, constrói, reconstrói; explica, significa e re-significa o presente; todo o presente engendra, contém e constrói o futuro. Assim, cada ação humana carrega em si toda a História da Humanidade e as possibilidades a serem re-desenhadas amanhã e é também portadora do futuro. Cada ação humana é uma síntese ao mesmo tempo, única e universal, do nosso passado e do nosso futuro.

Educar, então, se torna um ato mágico e singelo, que realiza uma síntese entre o passado e o futuro, reconstrói os laços entre o passado e o futuro, ensina o que foi para

inventar e re-significar o que será. Portanto, pode-se conceituar o trabalho do professor como sendo a tarefa de retomar o passado, refazer os vínculos com o presente e reorganizar o futuro (CODO, 2002).

Essa transformação é o produto do trabalho da educação, do ensino, do professor, dos profissionais em educação no seu vínculo direto com o passado e com o futuro, os alunos. Assim, usando a lógica do mercado, ao conhecer o produto - os alunos - compreenderemos a alma de quem os produziu - os trabalhadores, nesse caso, os professores que passaram por suas vidas.

O professor transforma o outro através do outro mesmo, sem mediações. O seu produto é o aluno educado, é a mudança social na sua expressão mais imediata. Por isso, em muitos momentos é possível reconhecer no aluno a marca específica do trabalho do professor.

Assim, para o educador, o produto é o outro, os meios de produção são ele mesmo, o processo de trabalho se inicia e se completa em uma relação estritamente social, permeada e carregada de História.

Segundo Vygotsky (1988), a escola é o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino aprendizagem e ao professor cabe o papel explícito de interferir nesse processo, diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Dessa forma, é obrigação do docente provocar avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência. Assim, para esse autor, o aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas aquele que aprende junto ao outro o que o seu grupo social produz: valores, linguagem e o próprio conhecimento. O indivíduo, portanto, não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais.

Para Basso (1998, p. 24),

A finalidade do trabalho docente consiste em garantir aos alunos acesso ao que não é reiterativo na vida social. [...] o professor teria uma ação mediadora entre a formação do aluno na vida cotidiana onde ele se apropria, de forma espontânea, da linguagem, dos objetos, dos usos e dos costumes, e a formação do aluno nas esferas não cotidianas da vida social, dando possibilidade de acesso a objetivações como ciência, arte, moral, etc. (DUARTE, 1993) e possibilitando, ao mesmo tempo, a postura crítica do aluno.

O trabalho modifica o trabalhador e a sua identidade, modificando também ao longo do tempo o seu saber trabalhar. O professor ao longo de sua carreira no magistério está

sempre aprendendo para fornecer aos futuros trabalhadores conhecimentos teóricos e técnicos preparatórios para o trabalho. (TARDIF & RAYMOND, 2000)

[...] os saberes ligados ao trabalho são temporais, pois são construídos e dominados progressivamente durante um período de aprendizagem variável, de acordo com cada ocupação. Essa dimensão temporal decorre do fato de que as situações de trabalho exigem dos trabalhadores conhecimentos, competências, aptidões e atitudes específicas que só podem ser adquiridas e dominadas em contato com essas mesmas situações. (TARDIF & RAYMOND, 2000, p. 210)

O trabalho do professor tem tudo para ser o melhor, pois não existe fragmentação do seu trabalho; é o professor quem, em última instância, controla seu processo produtivo: em sala de aula, embora tenha que cumprir um programa, possui ampla liberdade de ação para criar, definir ritmos, definir seqüência das atividades a serem realizadas. Além do mais, o professor é o dono do seu processo produtivo, e participa do início ao fim de seu processo de ensino (CODD, 2002). Esse tipo de trabalho, segundo o autor, é impossível de ser taylorizado, de se enquadrar em uma linha de montagem fordista, pois ele precisa levar em conta os vínculos afetivos com o aluno, com o produto, com as tarefas, ou simplesmente ele não se viabiliza. A relação do professor com o produto do trabalho será possível se o seu trabalho não estiver fragmentado e caso ele tenha autonomia e controle durante o processo de produção.

Vasconcelos (2002), baseada nas pesquisas realizadas por Tardif & Raymond, relata que a atividade desempenhada pelo professor é um exercício profissional complexo, pois ela é formada de várias atividades pouco visíveis socialmente. É através da experiência e do contato com os alunos e os colegas que o professor adquire competências profissionais que se traduzem no perfil do bom professor.

Portanto, se o produto é o aluno, o trabalho do professor torna-se um dos mais delicados em termos psicológicos, já que exige constantemente um ingrediente indispensável na atividade de ensinar – o afeto.

Nesta concepção, o conhecimento não pode advir de um ato de "doação" que o professor (educador) faz ao aluno, mas sim, um processo que se realiza no contato do homem com o mundo vivenciado, o qual não é estático, mas dinâmico e em transformação contínua. (FREIRE, 1979)

Para atingir seu objetivo principal que é a aprendizagem do aluno, é necessário um contato tácito, onde o professor se propõe a ensinar e o aluno se dispõe a aprender, criando assim, uma corrente de elos de afetividade, propiciando uma troca entre os dois. Assim,

motivação, cooperação, boa vontade, cumprimento das obrigações deixam de ser tarefas árduas para os alunos. Ao professor cabe fazer um jogo de sedução, onde ele vai conquistar a atenção e despertar o interesse do aluno para o conhecimento que ele está querendo abordar (CODO, 2002).

A atividade de ensinar assemelha-se então à atividade de cuidar, em ambas é necessário estabelecer um vínculo afetivo para promover o bem-estar do outro. Para que o professor desempenhe seu trabalho de forma a atingir seus objetivos, o estabelecimento do vínculo afetivo é praticamente obrigatório.

Para Freire (1979), precisa haver uma relação de troca horizontal entre educador e educando exigindo-se nesta troca atitude de transformação da realidade conhecida. A educação deve ser conscientizadora na medida em que, além de conhecer a realidade, busca transformá-la, ou seja, tanto o professor quanto o aluno aprofundam seus conhecimentos em torno do mesmo objeto cognoscível para poder intervir sobre ele.

O professor, estando inserido em uma atividade onde o cuidado é pertinente, precisa estabelecer relações com os alunos e criar vínculos com eles. Por ser uma atividade mediada, o circuito afetivo muitas vezes não se fecha: o indivíduo investe no objeto sua energia afetiva, porém, esta, ao invés de retornar integralmente para quem a gerou, dissipa-se frente os fatores mediadores da relação.

Assim, se o circuito não se fecha, o indivíduo começa a sentir que lhe é exigido dar-se afetivamente na relação com vistas ao bom desempenho de seu trabalho, por outro lado, não é possível fazê-lo, pois as mediações da relação impedem o retorno, para o trabalhador na mesma medida. Dessa maneira, a relação afetiva não se estabelece de forma a permitir que o trabalhador possa se reapropriar do seu trabalho (CODO, 2002).

Na tentativa de reapropriação de seu investimento subjetivo, muitas vezes, o professor o faz de forma simbólica, usa mecanismos e estratégias das quais ele se utiliza para manter o equilíbrio psíquico. O certo é que a tensão entre vincular-se *versus* não se vincular estará sempre presente nas atividades de cuidado e, invariavelmente, o professor estará sujeito a ela em maior ou menor grau, cabendo a ele evitar que esta tensão ganhe proporções tais que crie um conflito que não possa mais ser resolvido por ele mesmo, gerando um quadro de sofrimento.

Educar, portanto, não é apenas uma coleção de habilidades técnicas, um pacote de procedimentos, uma porção de coisas que você pode aprender. Técnicas e habilidades são

importantes para o professor em sua atividade, porém ensinar é mais do que isso. Não se pode reduzir a natureza complexa do ato de ensinar a questões de técnica e de habilidades. Ensinar não é apenas uma questão de negociação técnica. Há todo um aspecto moral, por isso, possui um propósito para quem o faz (FULLAN & HARGREAVES, 2000).

O propósito do professor motiva seu fazer. O professor define os fatores que considera relevantes e deseja alcançar através de seu ensino, define os fatores por ele não valorizados e que acredita que não funcionam. Por isso, quando se tenta compreender o professor deve-se levar em conta seus propósitos, pois ignorá-los pode trazer conseqüências como resistência, ressentimentos e perda de satisfação nas atividades que desempenha.

O professor desempenha importante papel na vida e no desenvolvimento de crianças e de adolescentes, exercendo, muitas vezes, papel essencial na criação de futuras gerações.

Segundo Fullan & Hargreaves

O ato de ensinar tem relação com a natureza das decisões e dos critérios dos professores. No ensino, tal como em muitas profissões, o cerne do profissionalismo é melhor definido e descrito não em termos do salário ou das qualificações, mas em termos das diferentes espécies de ações e juízos que são parte do trabalho profissional. (2000, p. 35)

Os professores estão continuamente envolvidos na tomada de inúmeras decisões práticas e cotidianas, de imensa importância para seus clientes (alunos) e colegas.

Para Schön (1987), o agir profissional envolve estabelecer juízos responsáveis em situações de incerteza inevitável.

No seu dia-a-dia, o professor está constantemente tomando decisões que não estão escritas em manuais. Ele faz uso de suas habilidades, de sua sabedoria e de suas experiências acumuladas às circunstâncias específicas e variáveis da sala de aula, e define, assim, seu profissionalismo como professor – sua capacidade de fazer julgamentos conscientes e informados no ambiente de mudanças rápidas da sala de aula (FULLAN & HARGREAVES, 2000).

Embora o trabalho do professor possua características que o diferencie de trabalhos rotineiros, presentes, por exemplo, em serviços burocráticos e no chão de fábrica, não se pode esquecer que, na maioria das vezes, ele se realiza dentro de uma escola. A escola é considerada aqui como uma organização de trabalho. E como tal, dependendo da sua maior ou menor complexidade apresenta especialização de funções, divisão de trabalho e setores

diferenciados (secretaria, limpeza, alimentação, etc.) que, muitas vezes, cerceiam a autonomia do professor (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

Sua atividade é muito solitária, pois ao dar aulas o professor está sozinho com seus alunos. Embora ele trabalhe com independência e tenha total liberdade para lidar com a turma à sua maneira, onde ele é o gerente de seu espaço e a sala de aula é o seu reino, essa situação pode ocasionar algumas desvantagens, pois se seu trabalho correu bem, ótimo, porém se deu tudo errado, ele não tem com quem dividir suas ansiedades e suas dúvidas profissionais. Na maioria das vezes, a escola não consegue romper o isolamento do professor, impedindo-o de discutir com seus pares as suas dúvidas. (MIOCH, 1997)

Espera-se que a organização do trabalho possa oferecer aos trabalhadores “[...] a possibilidade de realizar algo que tenha sentido, de praticar e de desenvolver suas competências, de exercer seus julgamentos e seu livre arbítrio, de conhecer a evolução de seus desempenhos e de se ajustar” (MORIN, 2001, p. 9). Segundo a autora (2001, p. 9),

O princípio que guia a organização do trabalho é o de modificar os comportamentos de tal forma que, gradualmente, os trabalhadores sejam conduzidos a desenvolver atitudes positivas com relação às funções executadas, à empresa que os emprega e a eles próprios. É o comprometimento com o trabalho que constitui o principal indicador de uma organização eficiente.

Para Hackman e Oldham (1976), as pessoas estão satisfeitas e motivadas com seu trabalho quando elas encontram sentido na função que exercem, quando possuem sentimento de responsabilidade em relação aos resultados obtidos e quando possuem conhecimento de seu desempenho no trabalho.

“Um trabalho tem sentido para uma pessoa quando ela o acha importante, útil e legítimo” (MORIN, 2001, p.10). O trabalho do professor possui essas características que podem contribuir para que o seu trabalho tenha sentido. Nele se vê:

- a variedade de tarefas: o trabalho requer uma variedade de tarefas que exigem uma variedade de competências;
- a identidade do trabalho: o trabalho permite a realização de algo do começo ao fim, com um resultado tangível e identificável;
- o significado do trabalho: a realização do trabalho pode ter forte significado sobre o seu bem-estar ou sobre o trabalho de outras pessoas;
- autonomia: o trabalho deixa uma margem de liberdade, de independência. Na sala de aula, o professor decide sozinho como será a aprendizagem. Essa autonomia lhe confere um

sentimento de responsabilidade pela realização da tarefa e com a obtenção dos objetivos a alcançar;

- *feedback*: o retorno dado pelos alunos lhe permite fazer os ajustes necessários para alcançar os objetivos de desempenho.

Além das características citadas, Soratto & Olivier-Heckler (2002) identificam outras, muito particulares. O professor

- está sujeito a críticas diretas de seus clientes;
- precisa conquistar e tratar bem seus clientes o tempo todo;
- precisa ter qualidade nos serviços prestados.

O produto vai se construindo o tempo todo durante a relação entre trabalhador e cliente. A satisfação do cliente vai ocorrendo ao longo do processo e não somente no final, quando o trabalhador acabou a sua parte. Portanto, nesse tipo de organização de trabalho, o nível de exigência e de tensão para o trabalhador é muito maior do ponto de vista afetivo, o trabalhador precisa estar bem emocionalmente para estar em condições de desempenhar adequadamente sua função e precisa estar sempre atualizado para conseguir responder às necessidades dos clientes (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

Assim, tudo depende do trabalhador e de sua relação pessoal com o cliente. O produto não é algo concreto que se possa pegar, é bem mais sutil e, por vezes, totalmente abstrato.

A clientela está mais exigente e altamente dinâmica e a organização de trabalho – prestadora de serviços altamente complexos – tem se tornado uma geradora de um produto indiscutivelmente essencial, em um momento histórico particularmente delicado (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

A relação com os pais de alunos está se modificando, os pais têm adotado o comportamento de um consumidor, principalmente quando o assunto é o futuro profissional de seus filhos, gerando muitas vezes uma tensão entre professores e familiares dos alunos, pois é exigida do professor eficácia na transmissão dos saberes. (VASCONCELOS, 2002)

A sua atividade profissional é revestida de características tão peculiares que, segundo Soratto e Olivier-Heckler, (2002) o professor:

- não pode se dar ao luxo de sofrer e de ficar cansado;
- deve estar sempre disponível para atender os alunos e seus pais;
- precisa ter um sorriso sempre presente, mesmo que o coração e mente sofram;
- precisa ser criativo, criar estimulações constantes para captar a atenção do aluno, para que a monotonia não tome conta de seu trabalho;

- precisa se reciclar constantemente, para que uma vez questionado tenha as respostas corretas e atuais;
- necessita ter conhecimentos e habilidades suficientes, para prender a atenção do aluno, tornar interessantes coisas que a princípio não seriam, procurar formas diferentes de dizer a mesma coisa, de saber e se empenhar em lidar com realidades muito diferentes e interesses muito distintos.

Portanto, cabe ao professor “[...] motivar os alunos, construir a cena, independente das condições do palco” (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002, p. 99). E, muitas vezes, o faz mediante salários baixos; condições precárias; falta de flexibilidade na administração de recursos; pouca perspectiva de progressão na carreira. O professor realiza um trabalho importante, exigente e sem reconhecimento no mesmo nível. O faz por acreditar que seu ofício é nobre, grandioso e necessário para a formação do aluno como cidadão (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

Não se pode esquecer que, para compreender o professor e o ensino, é necessário compreender a pessoa que o professor é. (GOODSON, apud FULLAN & HARGREAVES, 2000). Segundo Fullan & Hargreaves (2000) são muitos os fatores importantes que participam da construção de um professor. Entre eles pode-se citar:

- o momento em que os professores cresceram e ingressaram na profissão;
- os sistemas de valores e crenças dominantes sobre educação que acompanharam aqueles momentos;
- estágio de vida e profissão em que se encontram e o efeito disso sobre sua confiança na forma de ensinar; e
- o sexo do professor.

A visão do professor como uma pessoa possui implicações essenciais para a compreensão do seu desenvolvimento profissional, suas relações de trabalho e o sentido dado ao seu trabalho.

Como relata Assunção (1996) em sua pesquisa, as representações do professor acerca de sua profissão e de si revelam o caráter social, histórico, cultural e psíquico de sua construção. Tanto a relação que o professor mantém com sua profissão quanto a que mantém consigo mesmo foram construídas num processo e se expressam no cotidiano¹⁰ escolar.

O professor possui um ciclo de trabalho considerado longo. Ele possui uma série de atividades que realiza em uma determinada seqüência (prepara a aula – trabalha em sala o que

¹⁰ Considera-se cotidiano não só o que incide sobre o tempo do trabalho social, mas também o tempo vivido fora desse espaço, como o lazer, o modo de viver, os valores, enfim, a vida privada em geral.

preparou – avalia), porém sem uma rigidez nos detalhes; o intervalo de tempo que leva até repetir uma mesma atividade é longo, em função disso o trabalho não se torna repetitivo (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

Outro ponto importante em seu trabalho é a flexibilidade. Ele possui uma série de atividades diferentes para realizar e estando todas sob sua responsabilidade, pode organizá-las do modo que lhe parecer mais conveniente. Assim, não existe uma seqüência rígida, nem pré-definida externa das atividades, as possibilidades de variações são enormes. Exceto a seqüência, preparação de aula – aula – avaliação, que não pode ser invertida.

Por exercer uma atividade flexível, o professor pode inovar constantemente o seu modo de trabalhar, escolher exemplos, substituir por outros, alterar o curso da aula, caso constate que o assunto não está sendo retido pelos alunos, pode dedicar mais atenção ao aluno com dificuldade, enfim, pode fazer uso de suas escolhas para modificar, quando necessário, seu processo de trabalho.

Não se pode esquecer que nas atividades desempenhadas pelo professor, também existem as atividades burocráticas e menos criativas - correção de provas, controle de freqüência, preparação de provas, correção de provas, cálculo das médias – porém elas podem ser realizadas no horário definido pelo professor e na seqüência por ele definida (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

Para as autoras, o trabalho do professor é um trabalho que exige um papel ativo de seu executor, que não só permite a criatividade como a impõe para que a obrigação de cada dia seja cumprida. O professor na sala de aula é o dono da situação, ali é ele quem define como irá desenvolver as atividades. Dessa forma, tem-se um trabalho cujo controle é eminentemente do trabalhador e que não acontece se este não assumir seu papel ativo no processo.

Não se pode esquecer que, ao longo da sua história de vida pessoal, o professor interiorizou muitos conhecimentos, competências, crenças e valores, os quais estruturaram sua personalidade e as suas relações principalmente com os alunos, e que são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício. (TARDIF & RAYMOND, 2000)

No ambiente de trabalho do professor existem muitas subjetividades (a dele e a de seus alunos) o que leva a uma constante negociação para que o ensino aprendizagem se efetive. Sem contar que nesse ambiente há a possibilidade de expressão afetiva, onde o professor pode imprimir seu jeito, dar o tom e a cor que melhor lhe convenha à aula ministrada, sabendo que serve como modelo para os alunos e pode se espelhar no desenvolvimento deles. Portanto, a

capacidade de empatia não é apenas permitida, ela se faz imprescindível para que o processo de ensino aprendizagem ocorra com maior qualidade. Como já citado, o professor não consegue ensinar se não fizer um vínculo afetivo com os alunos (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

Segundo as autoras, o produto do trabalho do professor não é um produto qualquer, não se trata de um objeto visível, porém é um produto com valor de uso claro e definido, sendo o professor responsável por todas as etapas do processo. O produto do seu trabalho não é reconhecido apenas por ele mesmo, como também por aqueles que estão fora do processo.

Nem tudo são flores na vida de um professor. A sua prática docente muitas vezes é marcada por contradições que impedem a identificação clara dos princípios teóricos que a sustentam, orientam e levam o professor a decidir sobre o que é ou não relevante na organização de seu trabalho, sobre *o que* e *como* ensinar, como agir com os alunos em sala de aula, enfim, toda sua postura ante seu trabalho e a aprendizagem (ASSUNÇÃO, 1996).

A forma como o professor trabalha e se relaciona com a complexidade de sua prática docente depende não só de regras institucionais como também do modo como ele percebe e interpreta os acontecimentos, o que, por sua vez, depende de sua história. Disso resulta que sua prática está mesclada de representações sobre os elementos que a envolvem.

Conforme relata Assunção (1996) em sua pesquisa, a prática é um conjunto não só de conhecimentos adquiridos pelo professor, mas de algo mais, que normalmente é esquecido pela escola: as representações que ele tem dos alunos, do conhecimento, da profissão, da sociedade, das instituições e de suas funções. São estas representações que vão dar sentido às práticas cotidianas e contribuir nas escolhas e opções quanto ao tipo de aula, às estratégias, às relações com os alunos e às posturas diante do trabalho a ser desenvolvido.

Dessa forma, o modo como os professores desenvolvem e percebem suas práticas, além de outros fatores objetivos, tem sua marca em um quadro referencial que ultrapassa a escola: o universo simbólico (ASSUNÇÃO, 1996).

Para Amaral (2002), o professor vem enfrentando problemas na sua prática docente em face dos desafios que as novas pedagogias têm colocado para ele em meio a um ambiente de trabalho nem sempre adequado ao desenvolvimento destas.

Mesmo com tantas dificuldades o trabalho do professor é cheio de desafios, estimulando seu desenvolvimento, explorando suas potencialidades e levando-o a descobrir novas. É um trabalho que lhe dá prazer naquilo que realiza, além de lhe permitir a visão do benefício que está fazendo para o outro e os benefícios que o seu trabalho traz para si mesmo (SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 2002).

Como afirmam Batista & Codo (2002),

O produto do professor é o outro, não há como separar ali o valor de uso e o valor de troca. Os meios de produção do professor estão dentro de sua cabeça, não há parafernália eletrônica que substitua sua intervenção, não há como expropriar o conhecimento que ele possui. Eis que o professor ganha tão mal, vive tão mal, e adora seu trabalho. O trabalho do professor é inalienável. Pode ser vendido, mas não tem preço e não pode ser expropriado. É o trabalho e, toda a sua magia, em toda a sua potência. É o trabalho perfeito. (BATISTA & CODO, 2002, p. 385)

Segundo Imbernón (2001), a escola se dedica à transmissão do conhecimento e, na sociedade de informação, o conhecimento está por toda a rede e assume cada vez mais importância. O conhecimento é compartilhado por muitas instituições e disso resulta que a escola entre em crise – a escola perdeu o monopólio do saber.

Ao professor cabe a crise de identidade, onde ele vive um forte questionamento do saber e saber-fazer dos educadores, da sua competência para lidar com as exigências crescentes do mundo atual em matéria educativa e com uma realidade social cada vez mais deteriorada que impõe impasses constantes às suas atividades profissionais. As suas tarefas continuam e estão se tornando, em alguns casos, mais complexas, mas nem por isto há uma compensação financeira ou mesmo reconhecimento social merecido (BATISTA & CODO, 2002).

São os desafios e as mudanças contínuas que colocam o trabalho do professor em questão e, por isso, torna-se pertinente perguntar como os professores vêem o sentido do seu trabalho. Objetivando responder a esta pergunta que se realizou a pesquisa a seguir descrita.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fundamentação teórico-empírica permitiu conhecer os diferentes conceitos atribuídos ao trabalho, os diferentes significados a ele conferidos ao longo do tempo, bem como as características do trabalho do professor; prossegue com a verificação empírica da sua percepção na sociedade, examinando como os professores de um Apoio pedagógico concebem o sentido do trabalho.

O objetivo do capítulo metodológico é o de tecer considerações acerca da importância de utilizar a pesquisa qualitativa na presente investigação, especificar as técnicas utilizadas para a coleta de dados de campo, relatar como foi o contato com os pesquisados e a sua recepção, descrever os entrevistados, as dificuldades e contribuições de campo e o desenvolvimento da análise das entrevistas.

Os professores de um Apoio pedagógico constituem o universo recortado para a feitura da pesquisa em campo.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa se enquadra como não-experimental, já que não houve manipulação de variáveis, de um estudo de caso de natureza qualitativa e interpretativa¹¹.

Segundo Yin (2005), utiliza-se o estudo de caso como estratégia de pesquisa quando se quer contribuir com o conhecimento que possuímos dos fenômenos. O estudo de caso tem se tornado bastante comum em pesquisas nas áreas de psicologia, sociologia, administração, dentre outras. Constitui-se de uma investigação empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especificamente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2005, p. 32).

“O poder diferenciador do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional” (YIN, 2005, p. 26-27).

Como o objetivo do trabalho foi compreender como os professores de um Apoio pedagógico vêem o sentido do seu trabalho, adotou-se esta estratégia de investigação por ser a mais adequada.

¹¹ Pesquisa interpretativa por conduzir maior interação entre entrevistado e entrevistador

A pesquisa consistiu no estudo de um fenômeno¹² buscando resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno sob investigação, onde a principal fonte de dados foi o próprio relato dos sujeitos entrevistados.

Adotou-se a abordagem qualitativa por ser – do ponto de vista do pesquisador - a forma mais adequada de compreender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON, 1999). Ao mesmo tempo, foi realizada uma pesquisa exploratória descritiva tendo como objetivo - aumentar o conhecimento sobre o fenômeno - tipo exploratório - e por permitir descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade - tipo descritivo (TRIVIÑOS, 1992).

Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, e não emprega recursos estatísticos para analisar os dados. Ela

[...] envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995 p. 58)

Nesse tipo de abordagem, a palavra escrita assume lugar de destaque e desempenha papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados. Assim, ao invés de apresentar dados estatísticos, os elementos coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, e vários outros tipos de documentos. Para chegar à compreensão ampla do fenômeno, a pesquisa qualitativa considera que todos os dados da realidade são importantes e que devem ser examinados pelo pesquisador (GODOY, 1995).

Thiollent (1982) acentua que, na pesquisa qualitativa, o indivíduo, por ser expressão da cultura a que pertence, é representativo em sua singularidade. Portanto, contrariamente à pesquisa quantitativa que, para a tabulação dos dados, busca o que há de análogo entre os indivíduos, na pesquisa qualitativa é importante escolher indivíduos diferentes entre si.

Optou-se por um enfoque metodológico que favorece, ao mesmo tempo, a descrição e a compreensão dos múltiplos significados que, explícita ou implicitamente, se entrelaçam e que demandam a abordagem qualitativa.

¹² Fenômeno aqui entendido como aquilo que se manifesta como é. Segundo Moreira (apud VERGARA, 2005), “O que propicia a compreensão de um dado fenômeno são as essências, ou seja, o sentido verdadeiro de alguma coisa”.

3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A população alvo da pesquisa empírica constituiu-se de professores pertencentes ao quadro de um Apoio pedagógico no município de Florianópolis – Estado de Santa Catarina. De um total de 50 professores cadastrados na organização, somente 27 estavam atuantes no momento da realização da pesquisa.

3.3 TIPOS DE DADOS

Os dados levantados nesta pesquisa são de dois tipos: primário e secundário.

Os dados primários¹³ foram obtidos através de entrevistas semi-estruturadas, aplicadas a uma amostra de professores no município de Florianópolis, e teve como objetivo arrolar como eles vêem o sentido do seu trabalho.

Os dados secundários¹⁴ foram obtidos através de levantamento bibliográfico de trabalhos, artigos e livros relacionados ao tema da pesquisa, permitindo verificar os diferentes conceitos e significados atribuídos ao tema - trabalho.

3.4 TÉCNICA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados foi realizada, no estabelecimento de contato imediato com os indivíduos investigados por meio da realização de entrevistas gravadas e de caráter semidiretivo. Segundo Yin (2005), as entrevistas são uma das mais importantes fontes de informações em um estudo de caso.

Com a intenção de ouvir o outro e de fazer emergir seu discurso trabalhou-se com entrevistas individuais, semi-estruturadas, com duração de aproximadamente 30 minutos, gravadas e transcritas posteriormente, de forma a compreender não só a dimensão individual, mas também a dimensão coletiva de um grupo pertencente a uma categoria profissional e social.

As entrevistas foram realizadas no mês de julho de 2006, entre os dias 07 e 15, nos horários previamente agendados com cada professor. Foram entrevistados 10 professores em

¹³ Dados primários: quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado. (GODOY, 1995)

¹⁴ Dados secundários: quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião de sua ocorrência. (GODOY, 1995)

um universo de 27 atuantes no Apoio pedagógico, conforme os critérios definidos para a amostra intencional.

As entrevistas foram transcritas individualmente, visto que cada professor foi considerado um indivíduo representante de uma categoria social. O objetivo da transcrição foi tentar construir uma réplica da situação de entrevista, sabendo-se que, no próprio ato de transcrição, a tentativa encerra as suas contradições. Conforme Bourdieu (1987), a transcrição literal já é um ato de reescrever, uma tradução e, no limite, uma interpretação por intermédio da simples pontuação que, dependendo de onde é colocada, acarreta a atribuição de sentidos.

Foram feitos contatos iniciais com os proprietários do Apoio pedagógico, que se mostraram bastante receptivos e prontos a colaborar com a pesquisadora. O primeiro passo foi conseguir a listagem de todos os professores cadastrados, bem como os atuantes na organização no momento da realização pesquisa (julho de 2006).

Através da listagem, a pesquisadora estabeleceu critérios para a definição de sua amostra intencional, decidindo junto à proprietária do Apoio os dias e os horários para a realização das entrevistas com os professores.

Antes de iniciar as entrevistas, foi realizada uma conversa com a coordenadora, e também proprietária do Apoio, para conhecer o funcionamento e as características do local escolhido para o estudo de caso.

Realizadas as entrevistas, as transcrições e a sua releitura, iniciou-se a análise dos dados coletados em campo.

Para Yin (2005, p. 137), “a análise de dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar ou, do contrário, recombinar as evidências quantitativas e qualitativas para tratar as proposições iniciais de um estudo”. Segundo o autor, a tarefa de analisar as evidências de um estudo de caso não se constitui em uma atividade fácil.

A análise dos dados realizou-se através do exame de conteúdo¹⁵ das transcrições. Segundo Bardin (apud GODOY, 1995), esse tipo de análise de dados tem sido uma das técnicas mais utilizadas para esse fim. Ela consiste em um instrumento metodológico aplicável a discursos diversos e a todas as formas de comunicação.

Para Godoy (1995, p. 23),

Embora na sua origem a análise de conteúdo tenha privilegiado as formas de comunicação oral e escrita, não exclui outros meios de comunicação. Qualquer

¹⁵ Segundo Bardin (1979, p. 31): “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens”.

comunicação que veicule um conjunto de significações de um emissor para um receptor pode, em princípio, ser decifrada pelas técnicas de análise de conteúdo. Ela parte do pressuposto de que, por trás do discurso aparente, simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar.

Richardson (1999) ressalta que a análise de conteúdo é utilizada para examinar material do tipo qualitativo, onde não se pode adotar técnicas aritméticas. Dessa forma, faz-se uma primeira leitura de modo que as idéias sejam organizadas, para em seguida, analisar-se os elementos e as regras que as determinam. Portanto, com esse tipo de análise vai-se compreender melhor um discurso, aprofundar suas características (gramaticais, fonológicas, cognitivas, ideológicas, etc) e extrair os momentos mais importantes.

3.5 PERGUNTAS DE PESQUISA

Conforme Yin (2005), os estudos de casos exigem do pesquisador uma mente indagadora durante a coleta de dados, não apenas antes ou após a atividade. Além disso, é-lhe exigido a capacidade de fazer e responder boas perguntas, pois à medida que se realiza a coleta de dados, o pesquisador precisa estar revisando as evidências e constantemente se perguntando por que os eventos e fatos parecem como são. A partir de seus julgamentos pode ser necessária durante o trabalho em campo a busca de evidências extras.

As perguntas iniciais de pesquisa podem ser modificadas, excluídas ou complementadas durante o estudo, com outras perguntas, em um processo de focalização progressiva (ALVES apud ALPERSTEDT, 2000)

No intuito de obter respostas para o problema definido na pesquisa, formularam-se as seguintes questões que nortearam o desenvolvimento do trabalho em campo:

- Qual o número de professores atuantes no apoio pedagógico?
- Como podem ser descritos os professores segundo o tipo de trabalho desempenhado na unidade de Apoio Pedagógico?
- Como é a prática dos sujeitos no desempenho da atividade acadêmica?
- Qual é o significado do trabalho para os sujeitos pesquisados?

3.6 DEFINIÇÃO CONSTRUTIVA DE TERMOS

Com o objetivo de uniformizar a compreensão dos construtos utilizados neste trabalho, foram definidos, com a conotação abaixo apresentada, os termos e variáveis empregados.

Mundo do Trabalho: “Ambiente de construção de sobrevivência, mas também de transformação social” (CARNEIRO, 2003, p. 32).

Trabalho: O trabalho, essencialmente, é uma ação própria do homem mediante a qual transforma e melhora os bens da natureza, com a qual vive historicamente em insubstituível relação. (MIGLIACCIO, 1994)

Subjetividade: uma estrutura de experiências significativas e significantes que não começam nem terminam na consciência de si de um sujeito, uma teia de sentidos tecida na relação intercorporal e no diálogo com o outro [...] A subjetividade é um nó de ações corporais e simbólicas originalmente intercorporais e intersubjetivas, das quais a consciência de si enquanto sujeito é um aspecto e não uma definição (CHAUÍ, 1997, p. 19).

Sentido: refere-se à possibilidade de atribuição de significado a eventos que o indivíduo participa diretamente (TUMOLO & TUMOLO, 2004, p.3).

Significado: compreendido como representação simbólica das finalidades da ação, elaborada e assimilada por um sujeito social (TUMOLO & TUMOLO, 2004, p.3).

Concepção do trabalho: forma pela qual ele é percebido por uma pessoa ou por um grupo social.

Organização do trabalho:

a organização do trabalho é, de um lado, a divisão das tarefas, que conduz alguns indivíduos a definir por outros, o trabalho a ser executado, o modo operatório e os ritmos a seguir. Por outro lado, é a divisão dos homens, isto é, o dispositivo de hierarquia, de supervisão, de comando, que define e codifica todas as relações de trabalho (DEJOURS; DESSORS; DESRIAUX ,1993, p. 104).

Autonomia: grau de independência, de liberdade no próprio trabalho e de influência sobre as decisões que lhe dizem respeito de que goza cada trabalhador (LÉVY-LEBOYER, 1994. p.126-127).

Feedback: informação que cada trabalhador obtém, sob uma forma clara, a respeito do resultado de seus esforços, permitindo-lhe fazer ajustes necessários para que alcance os objetivos desejados (LÉVY-LEBOYER, 1994).

Identidade no trabalho: possibilidade de cada trabalhador identificar o trabalho que fez por si mesmo, ou seja, a capacidade de um trabalhador permitir a realização de algo do começo ao fim, com um resultado tangível, identificável.

Variedade de tarefas: a capacidade de um trabalho requerer uma variedade de tarefas que exijam uma variedade de competências.

3.7 ESCOLHA DO CASO E DA POPULAÇÃO

A escolha do Apoio pedagógico como ambiente para o estudo de caso foi motivada por dois fatores: o primeiro pela variedade de profissionais que atuam na instituição, o que foi considerado pela pesquisadora como uma oportunidade de gerar um trabalho mais enriquecedor (muitos professores já se encontram aposentados, outros possuíam mais de um emprego, assim como alguns só davam aulas no Apoio pedagógico); o segundo motivo foi a facilidade de contato e a disponibilidade dos proprietários em abrir o espaço, junto aos seus professores, para a realização da pesquisa.

A população escolhida foi os professores atuantes em um Apoio pedagógico. De um total de 50 professores cadastrados, no momento da pesquisa apenas 27 estavam atuando. Sobre esses 27 determinou-se a amostra intencional, resultando na definição de uma amostra de 10 professores a serem entrevistados. Os critérios para a definição da amostra intencional foram os seguintes:

- a) um professor de cada disciplina oferecida pelo Apoio;
- b) cinco professores do sexo masculino e cinco professores do sexo feminino;

A pesquisadora dentre os dez escolhidos optou por entrevistar aposentados, sem vínculo com outras instituições de ensino.

3.8 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Não obstante todo o esforço empreendido na confecção da presente dissertação, algumas limitações podem ser identificadas, entre as quais se destacam:

- as da pesquisadora na busca de uma maior diversidade de material bibliográfico que pudesse enriquecer a pesquisa, em razão da exigüidade de

tempo, da barreira representada por línguas estrangeiras ou mesmo de não-disponibilidade deste tipo material;

- dificuldades para compatibilizar os horários das entrevistas com os professores, pois a maior parte deles desempenhava atividades em outras instituições e o pesquisador tinha indisponibilidade em realizar as entrevistas durante o dia (no período entre 08 e 18h);
- o pouco tempo para a realização da pesquisa em campo;
- a pouca experiência da pesquisadora em realizar as entrevistas;
- o tamanho da amostra, que permite apenas generalizações cautelosas a respeito do assunto pesquisado, circunscrevendo as conclusões obtidas;
- a própria pesquisa qualitativa, em que a subjetividade é um fator de limitação (LAZARFELD apud HAGUETTE, 1987).
- vinculação das opiniões emitidas a um determinado contexto pessoal, social e econômico ou mesmo cultural vigente na época da realização da pesquisa.

Definida a proposta metodológica utilizada e após a realização das entrevistas com os professores da unidade de Apoio Pedagógico compilou e analisou-se os dados que serão relatados no próximo capítulo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo é apresentado o local de ensino escolhido para a realização da pesquisa, resgatando um pouco da sua história e do seu funcionamento nos dias atuais. Procurou-se também apresentar os resultados encontrados na pesquisa em campo.

4.1 APOIO PEDAGÓGICO

O Apoio pedagógico surgiu há onze anos, através de uma professora formada em Licenciatura Plena, que viu nesse tipo de espaço a possibilidade de oferecer um atendimento diferenciado aos alunos com deficiência em aprendizagem, alunos esses provenientes de escolas públicas e privadas. De lá pra cá, o Apoio aumentou seu leque de serviços, oferecendo aulas para os alunos cursando o pré-vestibular, bem como às pessoas que estão se preparando para prestar concursos.

O Apoio pedagógico está instalado no centro de Florianópolis, próximo aos principais colégios particulares (Colégio Catarinense, Dinâmica, Coração de Jesus, Adventista e outros), facilitando o acesso dos alunos, a maioria deles vinculada às instituições de ensino particulares.

É uma empresa constituída, com dois sócios e um empregado (assistente de secretaria) com dedicação exclusiva. Os professores que atuam nesse espaço não possuem vínculo empregatício. O que existe entre as partes é um contrato de trabalho, no qual o professor compromete-se a pagar ao Apoio uma taxa pelo uso do ambiente. Todo o gerenciamento das aulas, definição da agenda, contato telefônico com os professores, definição da ocupação das salas de aula, pagamento de taxas e o pagamento diário/mensal dos professores é realizado diretamente pelos proprietários que se revezam durante todo o dia na empresa.

Os preços das aulas ministradas são diferenciados por categorias, dependendo da frequência, da quantidade de aulas e de alunos. Assim, aos alunos mensalistas (que recebem aulas semanais) o Apoio concede um desconto de 10% no valor unitário da aula. Dos alunos que assistem aulas em grupo (os grupos não excedem a quatro pessoas), o Apoio cobra de cada estudante 66% do valor total de uma hora-aula, e dos alunos esporádicos é cobrado 100% do valor da hora-aula.

O movimento de alunos no Apoio é constante durante o ano todo, porém, perto das provas de recuperação nota-se um fluxo maior de estudantes, ocasionando muitas vezes,

segundo a proprietária, a realização de aulas extras no período da noite e nos finais de semana. A proprietária, além de gerenciar a empresa, atende alguns alunos no período de maior movimento.

O ambiente onde está instalado o Apoio pedagógico é relativamente pequeno, porém, distribuído de tal forma que abriga 12 salas de aulas, sendo quatro delas mais amplas, munidas de mesa redonda, com quatro cadeiras e quadros, próprias para as aulas em grupo. As salas menores, sem quadro, somente com mesa e cadeira, são adequadas para as aulas individuais.

Por ocupar a parte inferior de uma casa de fundos, algumas salas de aula foram adaptadas para esse fim, sendo separadas uma das outras por divisórias, estas sem nenhum tratamento acústico para impedir os ruídos externos. Observou-se, porém, durante as entrevistas, pois as mesmas foram realizadas nos horários de maior movimento no Apoio, completa privacidade em relação às salas de aula, não interferindo nas lições ministradas pelos professores.

Para melhor atender aos alunos, o Apoio pedagógico monitora junto às escolas, principalmente as privadas, os cronogramas de provas, os conteúdos a serem ministrados durante o ano, além de manter relacionamento com os coordenadores pedagógicos das instituições de ensino. O monitoramento é realizado via Internet, para as escolas que assim disponibilizam, e através do aluno quando as suas escolas não disponibilizam os dados.

Ao ingressar na sala de espera do Apoio já se visualiza todos esses controles que estão fixados em três quadros de aviso e, nesse mesmo ambiente, estão dispostos os livros de uso contínuo dos professores atuantes.

No banco de dados existente no Apoio pedagógico estão cadastrados professores de ambos os sexos. Desses, durante o período das entrevistas, constavam como atuantes 27 educadores, distribuídos conforme quadro 1:

DISCIPLINAS	SEXO		TOTAL DE PROFESSORES DO APOIO EM 2006
	Feminino	Masculino	
Educação Artística	2	-	2
Espanhol	-	1	1
Biologia	3	-	3
Física	1	2	3
Geografia	-	1	1
História	-	2	2

Inglês	1	1	2
Matemática	4	-	4
Português	4	-	4
Química	3	2	5
TOTAL			27

Quadro 1 – Total de professores atuantes no Apoio em 2006

Não existe uma predominância de sexo nos professores atuantes no Apoio. Com exceção das disciplinas de português, matemática, inglês e biologia que são ministradas apenas por mulheres, as demais matérias de ensino são ministradas tanto por homens como por mulheres. Existem cadastrados no Apoio professores com mais de um emprego, aposentados e ainda lecionando em outras escolas. Os já aposentados têm sua única ocupação no Apoio.

Por ser uma empresa pequena o convívio entre os proprietários, os professores e os alunos é bastante informal. Constatou-se essa informalidade durante os momentos em que a pesquisadora aguardava sua entrevista, identificando um ambiente alegre e descontraído, sem aquela tensão existente nas salas de aula.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Mapear o início das análises e a própria conclusão contidas nesta dissertação foi uma tarefa difícil, talvez infinita, já que sendo um processo, ela não começa e nem termina. Segundo Michelat (1982, p. 209) “teoricamente, a análise não tem fim, é sempre possível modificar o esquema obtido, prosseguir a interpretação descobrindo novas sobre-interpretações”.

Assim, o máximo que se pôde fazer aqui foi relatar parte do processo, localizado temporalmente, após a estada em campo, durante a releitura das transcrições das entrevistas e a fase de escrita desta dissertação.

Nas entrevistas individuais com os professores pôde-se constatar como os sentimentos e as percepções variam de indivíduo para indivíduo, por isso a riqueza da pesquisa qualitativa. A partir de suas falas foi elaborado um quadro com os sentidos do trabalho na visão dos professores do Apoio pedagógico.

Os professores que aceitaram participar da pesquisa estão identificados no quadro 2:

ENTREVISTADO	SEXO	IDADE	TEMPO NO MAGISTÉRIO	DISCIPLINA
A	Feminino	52 anos	30 anos	Química
B	Feminino	50 anos	30 anos	Ed. Artística
C	Feminino	55 anos	35 anos	Matemática
D	Feminino	67 anos	35 anos	Português
E	Feminino	30 anos	7 anos	Biologia
F	Masculino	54 anos	32 anos	Física
G	Masculino	46 anos	20 anos	Espanhol
H	Masculino	39 anos	18 anos	Geografia
I	Masculino	46 anos	10 anos	História
J	Masculino	52 anos	20 anos	Inglês

Quadro 2 – Perfil dos professores entrevistados

A seguir são apresentados e analisados os resultados representativos dos conteúdos expressos pelos sujeitos entrevistados.

4.2.1 Entrevistado A

A primeira professora entrevistada, que denominaremos entrevistado A, tem 52 anos e se aposentou em 1998. Desde então, leciona a disciplina de Química no Apoio pedagógico. Formou-se em 1976, em Licenciatura e fez pós-graduação, em nível de especialização, trabalhando em instituições públicas e em cursos pré-vestibulares.

A escolha da profissão foi considerada por ela atípica, pois segundo o entrevistado, foi o teste vocacional realizado no colégio de freiras que direcionou a sua definição pelas Ciências Físicas. Quando estava cursando Ciências Físicas, por não gostar de Matemática, optou por Química e, fazendo uma retrospectiva, considera essa escolha acertada.”[...] eu gostava de química, e daí me inscrevi e não assim, não me arrependi, gosto de ser professora de química, se tivesse que escolher de novo queria ser novamente professora de química [...].”

O trabalho para ela é considerado um valor fundamental e uma fonte de satisfação em si, daí a razão de continuar lecionando:

Eu amo química, gosto de dar aula, tanto que quando eu me aposentei eu não parei por isso, porque eu sentia a falta daquela coisa de tá trabalhando com aluno, viu.

Embora hoje eu trabalhe aqui, e gosto de dar aula aqui, mais eu gostava ainda mais da sala de aula, aquele contato com um monte de aluno tá.

O trabalho adquire sentido para o entrevistado quando a pessoa que o realiza o faz com prazer, com gosto e com comprometimento; por outro lado ele não tem sentido quando o professor vai para escola sem objetivos traçados.

Porque eu me lembro assim, quando eu entro na escola, eu entrei, agora eu sou professora e quando eu tirava o pé da escola, aí eu dizia eu tenho que pensar que eu sou mãe [...].

Olha eu acho que quando ele olha, quando ele vai pra uma escola, não tem objetivo nenhum. O que eu noto é que muitos professores, eu vejo até pelas provas aqui, eu olho pra uma prova esse professor não traçou um objetivo[...].

Ela procura no seu trabalho como professora a aprendizagem do aluno: “o meu objetivo é que o aluno aprenda, entender exatamente aquilo que eu dei, sabe comé? Eu dei e dali ele poder tirar as conclusões dele[...].”

O Apoio pedagógico para o entrevistado A não possui formalidades como uma empresa, não existe um vínculo empregatício. Há ali uma troca, de um lado o Apoio se encarrega de toda a organização: agenda as aulas, define a ocupação das salas, entra em contato com o professor e com o aluno, faz as cobranças, de outro, o professor desempenha seu papel pagando ao Apoio um aluguel pelo espaço cedido. Outra vantagem levantada pelo entrevistado é o fato de não haver compromissos de horário e outras formalidades existentes nas instituições de ensino: “[...] só é bom aqui assim aquele compromisso de horário, assim, todo dia naquele horário, como uma sala de aula normal que ainda tem os compromissos de correção de prova[...].”

As suas aulas hoje são diferentes das de seu tempo de escola, pois o Apoio oferece um atendimento individual e especializado, principalmente para os alunos com deficiência de aprendizagem.

Segundo seu relato, no primeiro contato com os alunos em sala de aula ela deixava claro as regras e a maneira como a disciplina iria se desenvolver durante todo o ano. Essa definição estabelecia com os alunos uma relação de respeito professor-aluno. Ao longo do ano

esse relacionamento ia se fortalecendo, porém estava sempre presente na relação entre as partes a autoridade do professor perante os alunos:

A gente tem que saber que a gente tem que respeitar o aluno como aluno e eles respeitarem a gente como professor. Então eu sempre deixei bem claro com eles isso, nós tínhamos que ser amigos[...].

Então eles aprendiam, quando chegava assim lá pelo terceiro, quarto mês já quando tinha, se era uma aula faixa eu podia contar até uma, fazer uma brincadeira, no meio e todo mundo ria e depois eu dizia chega, todo mundo parava.

No Apoio, a entrevistada A dá aulas para os alunos que cursam os ensinos médio e fundamental. Para que ela possa melhor atender a esses estudantes, possui organizada em sua casa uma pasta para cada série, onde armazena em cada uma delas as provas aplicadas nas instituições de ensino.

Ao ser convocada para dar aula, certifica-se do conteúdo a ser ministrado e prepara os exercícios a serem aplicados. A relação professor x aluno dentro do Apoio é diferente da que se estabelece em sala de aula. Segundo a entrevistada, no Apoio deixa-se que o aluno identifique de que forma quer receber o conteúdo, sendo que a partir desse momento a professora se adapta à maneira proposta: “[...] Então quando ele chega, eu não dou nada, primeiro eu vejo: o quê que tu queres fazer? [...] Tira um pouco até da graça, então eu deixo ele, eu deixo ele dizer: não eu queria tal coisa.”

Para alunos que freqüentam mais de uma aula e que precisam prestar provas, ela prepara listas de exercícios para fortalecer o conteúdo e a aprendizagem.

Nesse tipo de ambiente o contato professor x aluno é estreito, principalmente para aqueles alunos que freqüentam semanalmente aulas no Apoio. Assim, a entrevistada considera a sua relação com os alunos muito boa. Pela freqüência do educando no estabelecimento, cria-se uma relação de afeto entre professor e aluno.

Olha muito boa mesmo, porque tanto que eles sentam, eles começam a fazer perguntas, assim, se eles vem uma vez só não, mais alunos, tem alunos, por exemplo já teve alunos aqui de eu dar aula da sexta série até ele sair no terceiro ano e hoje em dia já tão acabando a universidade. Tem alunos que ficam tão ligados na gente que nas primeiras fases, quando tem matemática, por exemplo tão fazendo administração, economia, eles voltam e pedem aula, aí a gente tem que dizer não. Teve uns que eu tive de empurrar vão agora não precisa mais, sabes comé.

Tem uma que tá até acostumada, é até engraçado que eu achava assim uma menina até fria, e tu sabes que agora quando eu vou explicar ela vem com a cabeça no meu ombro [...].

Por achar que precisava arranjar um tempo para si, decidiu trabalhar no Apoio somente no período vespertino, deixando as manhãs livres.

[...] embora agora eu já tenho outras atividades, faço hidroginástica, faço teclado, porque eu estudava piano quando era mais nova então agora eu faço teclado, é uma coisa assim, não pros outros, só que eu sento, aquilo me distrai, satisfaz o ego, terapia.

A entrevistada trabalha no Apoio desde seu surgimento e não pretende parar de dar aulas tão cedo, pois acredita que não consegue viver sem ministrá-las. “Eu acho sei lá que até morrer eu vivo dando aula ainda “[...] é eu pretendo continuar por muito tempo [...] por enquanto vou dando aulas.”

4.2.2 Entrevistado B

A entrevistada B possui 50 anos, encontra-se aposentada do serviço público estadual, leciona no Apoio e na Escola Técnica Federal de São José, através de um contrato de professora substituta por um período de dois anos. É também formada em Licenciatura e fez pós-graduação em nível de especialização. No Apoio, leciona a disciplina de Educação Artística.

A escolha de ser professora foi por acaso, ela achava que não tinha condições de dar aulas. A familiaridade com a atividade de lecionar veio com os estágios para a conclusão de seu curso universitário. O início de sua carreira no magistério foi marcado pelo prazer de dar aulas e pela compensação financeira que existia em sua profissão: Mais no começo, quando eu comecei a trabalhar era muito bom, os tempos mudaram, mais no início que a gente, não só em relação aos alunos como também financeira não era ruim, agora que foi caindo, foi caindo e não levantou.

Embora a pesquisadora tenha se preocupado em explicar como seria a conversa com a entrevistada, qual o objetivo da pesquisa de campo, notou-se que durante a entrevista a professora estava um pouco inibida e nervosa por falar junto a um gravador e, somente no final da conversa, mostrou-se mais descontraída.

Para essa professora, seu trabalho tem sentido quando consegue atingir seus objetivos, que para ela se reflete na aprendizagem do aluno. Compara os alunos de hoje com os alunos de alguns anos atrás e diz que hoje está muito difícil criar um relacionamento de troca professor x aluno, pois esses últimos mostram-se desinteressados pela escola e pelo aprender: “[...] quando a gente alcança o objetivo né, que ele aprende, mais só que na época de hoje tá complicado porque os alunos não têm muito interesse pela escola, esse é o maior problema.”

O desinteresse do aluno pela aula ministrada a desmotiva. Esse sentimento ela nutriu nos últimos anos antes de sua aposentadoria na escola pública estadual, o que a leva a considerar que o trabalho acaba não tendo sentido quando ele não permite que o trabalhador execute sua atividade. Neste caso, quando o professor não consegue passar o conteúdo para os alunos. Assim, ela relata: “[...] começou a deixar de fazer sentido quando a medida que tu vai querendo passar o conteúdo e não consegue.”

O reconhecimento pelo resultado alcançado através do seu trabalho é motivo de orgulho, sendo para ela muito gratificante encontrar antigos alunos que conseguiram ter uma profissão e sentir que ela fez parte daquele crescimento:

[...] eu me sinto orgulhosa assim de ser professora, de ver que eles aprenderam e assim no decorrer do tempo eu encontrei muita gente que foram meus alunos, muitos são médicos, são juízes, então isso aí é bem gratificante assim né, é o que mais tem significado pra mim, eu acho que ver aquelas criaturas que tu vais ensinar vão poder ser alguém na vida né, cumpri a tarefa.

O grande desafio para ela é o resgate da motivação e do interesse do aluno pelo estudo. Ao comparar os alunos da escola pública estadual com os alunos da Escola Técnica ela vê diferenças, pois, segundo a entrevistada B, os alunos da Escola Técnica entram na instituição através de uma prova classificatória, por isso são mais estudiosos e mais interessados, ao contrário dos alunos de escola pública que devido as suas condições financeiras e familiares não chegam à escola motivados.

As aulas ministradas no Apoio são diferentes das suas aulas nas instituições de ensino. No Apoio, a professora só prepara a aula quando tem a confirmação, pela proprietária da empresa, do aluno que receberá o reforço pedagógico. Tão logo ela recebe essa informação, certifica-se da série do aluno e prepara o material de aula baseado no conteúdo solicitado. O conteúdo deve estar em sintonia com o conteúdo dado pelo professor do aluno na sua escola.

O contato com o aluno no Apoio diferencia-se do ambiente formal de uma sala de aula. Na Escola Técnica ela trabalha mantendo uma distância entre professor e aluno, definido

os limites de cada um, o seu contato é formal; já no Apoio, por ser um trabalho individual cria-se uma relação de afeto e de parceria: “A gente acaba tendo um relacionamento afetivo... ele vive me agarrando, me abraçando... aqui no Apoio o bom é isso, esse lado é muito bom, a gente dá mais também a gente se diverte.”

A entrevistada considera o ambiente de trabalho no Apoio muito bom, bem como o seu relacionamento com a proprietária, definida por ela como de iguais, ambas são professoras, possuindo o mesmo objetivo, qual seja o de recuperar e apoiar os alunos com dificuldades.

Existe interesse da entrevistada B em abandonar as aulas na Escola Técnica, pois não quer mais ter a formalidade de uma sala de aula, sendo sua pretensão ficar apenas com as aulas individuais ou no Apoio ou em casa por tempo indeterminado: “... é uma coisa que tu podes fazer até ficar velho, não tem, não tem idade, ensinar qualquer pessoa, quanto mais velho mais experiente (ri)...”

4.2.3 Entrevistado C

A entrevistada C tem 55 anos, encontra-se aposentada no serviço público estadual e leciona no Apoio há aproximadamente onze anos. É formada em Licenciatura e dedica-se à disciplina de Matemática.

A escolha de sua profissão refletiu um pouco o tipo de vida que levava na década de 1970. Casou-se muito jovem, quando nem havia finalizado o segundo grau e já nos primeiros anos de casamento deu à luz seu primeiro filho. A motivação para cursar um nível superior veio anos depois, quando teve oportunidade de dar aula na escola municipal a convite do diretor de sua ex-escola. Nessa oportunidade, ela viu a chance de se tornar uma professora. Fez então vestibular e cursou a universidade, vivendo uma época difícil segundo ela, já que seus filhos eram pequenos. Porém ela não se arrependeu da escolha feita, opção considerada por ela como por acaso.

“...foi uma oportunidade que se abriu na minha vida e que eu aproveitei, e também hoje não me arrependo porque eu acho que qualquer pessoa tem aptidão pra qualquer coisa né, desde que ela se dedique né, e que caminhe em direção daquilo, pode dar certo...”.

Para essa entrevistada, o seu trabalho consegue ter sentido quando ela pode participar na aprendizagem do aluno e de seu crescimento. O produto do seu trabalho será a

transformação do aluno, do seu crescimento como ser: “... quando tu vê a necessidade do aluno de aprender alguma coisa né, de crescer no conhecimento, nas descobertas das coisa né, aí tem sentido”.

Para a professora, o trabalho acaba ficando sem sentido quando os alunos não vêm significado para aquilo que estão aprendendo. O ensino fundamental, segundo essa educadora, é a preparação para qualquer coisa que você quiser fazer na vida. Entretanto, os alunos não conseguem entender a importância da aprendizagem nessa época da vida escolar. Por isso a necessidade de reformulação dos currículos escolares e a adequação da escola a essa nova realidade - de evolução tecnológica, evolução do pensamento - trazendo de volta aos alunos a significação para a aprendizagem.

A professora é viúva e não possui mais filhos morando com ela. Dessa forma, o trabalho torna-se central em sua vida, possuindo um significado muito forte. No trabalho, ela se sente motivada, pois ainda encontra desafios a serem enfrentados e tem conseguido bons resultados com seus alunos. Isso a estimula a continuar trabalhando na profissão que escolheu.

“...não consigo me ver sem trabalhar né, ... me vejo assim com muita vontade ainda de ensinar, eu tenho muita, muita garra nesse sentido sabe, de desafios, de ah! Esse ali, que esse aluno não consegue nada, então é sempre um desafio pra gente, vamos lá né, e a gente tem tido retorno, resultados muito bons, eu acho que é isso que estimula a gente ficar aqui...”.

O seu principal objetivo como professora é transmitir conhecimento, satisfazendo o aluno naquilo que ele procura.

Semelhante às entrevistadas A e B, a entrevistada C considera o trabalho no Apoio diferenciado de uma sala de aula. É diferente preparar aulas para alunos individuais e para uma sala de aula normal. Ela organiza os conteúdos por série e guarda em suas pastas as provas de matemática realizadas durante o ano pelo aluno.

Pela experiência adquirida nos onze anos trabalho no Apoio, ela acredita que para atingir os objetivos de aprendizagem, junto aos alunos com dificuldade, é importante estar em sintonia com o professor do aluno do estabelecimento de ensino, procurando se assemelhar ao máximo àquele professor.

Assim, trabalha com o aluno da mesma maneira que o seu professor da escola, transmite o conteúdo da mesma forma e cria estilo semelhante de avaliar, de modo que o aluno não se atrapalhe no discernimento do conteúdo. Repassa os conteúdos aos alunos e lhes distribui ao final de cada aula uma lista de exercícios para realizarem em casa. O

acompanhamento das provas é feito por ela junto com a proprietária do Apoio. A entrevistada procura sempre dar aulas para os alunos nas vésperas das provas, fazendo a revisão do conteúdo e sanando as últimas dúvidas: “... porque o conteúdo pode ser apresentado de diversas maneiras, cada professor tem a sua maneira de apresentar, então a gente tem que estar bem, bem sintonizado com o professor do aluno, aí o resultado é sempre satisfatório”.

Embora o contato seja mais direto na aula individual, segundo a entrevistada, muitos de seus alunos a acham muito fechada, porém o tempo vai diminuindo um pouco essa impressão, não influenciando na aprendizagem: “... que eu era muito fechada, que eu era, que eu não conversava, que eu não ria né, então esse é o único probleminha que eu tenho visto, mais na maioria das vezes, a gente tem uma relação muito boa e tem dado bastante certo”.

Continuar trabalhando no Apoio e com aulas no formato individual ou em grupo, dependerá de sua motivação. Enquanto se sentir satisfeita com os resultados alcançados com seus alunos persistirá, não sabe por quanto tempo. Serão os resultados que irão definir seu momento de parar: “Pois é, agora, como eu te disse até que eu me sentir motivada, e que eu vejo que o meu trabalho está dando certo, eu acho que, agora não sei por quanto tempo. Isso é a vida que dirá né”.

4.2.4 Entrevistado D

A entrevistada D tem 67 anos e é a professora com mais idade no Apoio pedagógico. Durante a sua entrevista teve momentos de emoção ao relembrar os seus 35 anos de magistério. Encontra-se aposentada no serviço público estadual e leciona no Apoio. É formada em Licenciatura e dedica-se à disciplina de Português.

Escolheu sua profissão com o intuito de ganhar dinheiro. Entretanto, apesar de esse ter sido seu objetivo principal, caso não tivesse a vocação, talvez não houvesse permanecido tanto tempo no magistério. Segundo a educadora, na sua época a categoria de professor ganhava muito bem e era bastante valorizada, principalmente nas cidades do interior. Como a sua cidade era muito pequena, as professoras tornaram-se um modelo e um exemplo a ser seguido. Para a entrevistada, aquela aura ao redor das professoras a cativou e a seduziu, fazendo-a escolher a profissão de professora.

Pra ganhar dinheiro ... Ah o professora era valorizado, nossa, as professoras vinham de fora pra minha cidade que era uma cidade pequena, chegou a professora tal, era

uma festa... pessoas importantíssimas e aquilo foi me cativando, foi me seduzindo, aí eu resolvi, quis ser professora.

Diz-se realizada pelo reconhecimento dos alunos que passaram por sua vida no magistério. Escutar do aluno comentários positivos ao seu respeito, ou até mesmo o reconhecimento na rua é muito gratificante. Foi momento da entrevista, quando ela relatou e relembrou porque escolheu a sua profissão que ela se mostrou muito emocionada.

[...] mais uma vez eu encontrei um aluno e ele, quando ele saiu disse pro colega dele, ela foi a minha melhor professora de português, aquilo me encheu o coração que eu não precisava de mais nada naquela hora. São essas coisas que ficam, que compensam né?

Quanto ao trabalho, entende que faz sentido quando aquele que transmite conhecimentos é também educador. Na sua visão, o professor só se realiza plenamente quando ele se torna um educador: “Ele tem sentido quando o professor além de professor pode ser também educador...”.

A falta de sentido no trabalho, por outro lado, vem quando o professor se limita apenas a transmitir conteúdos, não se preocupando com a educação como um todo. Acredita que atualmente as escolas estão mais preocupadas em segurar o aluno do que com a educação propriamente dita.

Ele não tem sentido quando o professor só se limita a transmitir conteúdos... educar o indivíduo assim na forma mais plena possível, né, porque hoje a maioria das escolas se preocupam muito pouco com a educação realmente só com a instrução né.

A realização como pessoa e como profissional vem do trabalho, por isso ela o considera tão importante em sua vida: “O trabalho é muito importante, é a realização de uma pessoa né, porque eu faço aquilo que eu gosto e faço com prazer, então eu acho que é tudo né, é a minha realização profissional. Realização como pessoa.”

No Apoio entende que seu trabalho é bastante tranquilo, pois tem horários mais flexíveis. Quando recebe a notícia de que terá um aluno para dar o reforço pedagógico procura saber a série, o conteúdo e prepara todo o material da aula com base nas informações recebidas. A maioria das informações sobre o conteúdo vem ou do próprio aluno ou dos pais do aluno, através do contato prévio com a proprietária do Apoio. Também semelhante às outras professoras, possui alunos que freqüentam o Apoio semanalmente e aqueles alunos

esporádicos. A grande preocupação dessa professora é a preparação do material antes da aula, pois o aluno precisa chegar ao Apoio e receber uma lição com qualidade: “... então eu me procuro saber a escola, série, o conteúdo e preparo em função disso... isso é uma coisa muito importante né, pra que ele não chegue aqui e eu não saiba o que fazer com ele”.

A relação entre essa professora e os proprietários do Apoio é considerada muito boa, principalmente por existir uma relação de amizade, já que trabalham juntos a bastante tempo. O convívio dentro do Apoio é diferente do ambiente escolar, visto que ali não há aquele estresse de todo o dia. O seu trabalho não é um trabalho rotineiro, pois segundo ela, em um mesmo dia leciona para alunos diferentes, conteúdos diferentes em horários flexíveis.

[...] é de muita confiança... e ela apóia a gente em todas as ocasiões. Então é um trabalho bom, um trabalho agradável ... às vezes durante o dia olha se trabalha com cinco, seis alunos, trabalha com tudo aluno diferente, de classes diferentes, de escolas diferentes, então trabalho bom, diversificado.

Com seus alunos fixos, aqueles que freqüentam o Apoio semanalmente, diz ter uma relação de amizade, pois nutre por eles um sentimento de filiação. Entre eles há uma troca de afeto, de responsabilidades e de parceria, objetivando atingir os resultados esperados, que nesse caso, é o de atingir as médias escolares. Quando seus alunos atingem os resultados, há um grande sentimento de vitória e realização para o professora.

[...] porque você fica preocupado com ele, a nota que ele tirou, o que ele precisa fazer, quanto ele precisa, no quê que ele ta mais, quais são as maiores dificuldades dele e assim, aquela vibração com cada progresso que ele apresenta, é uma relação muito boa, muito gostoso, muito bom trabalhar aqui.

A professora tem um forte sentimento de responsabilidade com os alunos do Apoio, pois se sente responsável pelos sucessos e fracassos, já que é uma relação entre ela e o aluno: “... então tanto é tão bom trabalhar com ele porque eu posso me dedicar exclusivamente a ele, como ele está me pagando, ele precisa desse reforço e eu tenho que dar conta desse aprendizado e é por aí né”.

Perguntada sobre o seu momento de parar e quando isso ocorreria, relata à pesquisadora que irá lecionar até quando der. Existe um grande sentimento de perda quando fala em parar de dar aula, por gostar muito do que faz ainda, se realizar e encontrar satisfação no magistério. Principalmente por ver que ainda existem alunos procurando por ela, querendo aprender com seus ensinamentos: “[...] eu tenho, eu não gosto, eu tenho medo de pensar em

parar, [...] porque os alunos pediram pra ter aula comigo né, eu acho que tô conseguindo fazer aquilo que, fazendo, até meu nome [...]”.

Afirma que hoje já não tem todo o pique de uma pessoa mais jovem e, por isso o seu ritmo de trabalho é compatível com cansaço físico que a acompanha, mas segundo ela: “[...] enquanto eu puder trabalhar e tiver dando conta da coisa eu vou pensar em continuar”.

4.2.5 Entrevistado E

A entrevistada E possui 30 anos e é uma das mais jovens professoras do Apoio pedagógico. Além de dar aulas no Apoio, trabalha em duas escolas particulares, uma tradicionalista e outra construtivista, de linhas pedagógicas bem diferentes. É formada em Biologia, leciona as disciplinas de ciências (Ensino Fundamental) e de biologia (segundo grau).

Escolheu a profissão de bióloga por ter se encantado no segundo grau com a matéria de biologia que tratava de células. Ao se formar, não quis fazer pesquisas, decidindo então que daria aulas. Embora ache que a profissão de professor está bastante desvalorizada, ela se diz orgulhosa de ser uma professora, pois entende que quem trabalha no magistério precisa assumir com orgulho o caminho que escolheu. Afirma que a profissão é muito desgastante, pois o professor não consegue se desligar, e quando vai para casa já está pensando em suas aulas, nos trabalhos, nos alunos.

[...] a minha mãe quando sai comigo e alguém pergunta a minha profissão ela diz: ela é bióloga, aí eu digo pra ela, mãe eu sou professora, bióloga eu seria se estivesse trabalhando com pesquisas ou em outra atividade. Eu não tenho vergonha nenhuma de dizer que eu sou professora, faço questão de dizer o que eu faço, embora a profissão esteja tão desvalorizada.

O trabalho para ela consegue ter sentido se o professor tem o retorno do aluno, quando esse consegue visualizar o seu crescimento e a construção do seu conhecimento. A professora sabe que o ensino médio é bastante conteudista, por isso tenta estimular seus alunos, principalmente os da escola tradicional, para que se tornem críticos e questionadores.

[...] quando na realidade tu tens esse retorno, quando eu consigo despertar no aluno o interesse, eu vejo o crescimento dele, que ele está construindo conhecimento ... eu vou tentar dar minhas aulas com tom de questionamento pra esse aluno pensar, porque eu quero que ele vá além [...].

A falta de sentido do trabalho aparece quando as ações do professor se tornam automáticas e quando esse não consegue ter o retorno do aluno. A entrevistada defende que o trabalho perde o sentido quando identifica alunos interessados apenas nas notas, que não querem pensar e nem estudar. O seu objetivo como professora é estimular o aluno a pensar e a construir a sua formação. Esse é o sentido principal de seu trabalho como educadora: “Acho que ele perde sentido quando fica automático, sabe, quando você não tem o retorno do aluno, o interessante do trabalho é justamente esse retorno né,[...] fica uma coisa muito automática, você liga o play e vai, pra mim não tem sentido nenhum [...]”

Definir qual o significado do trabalho em sua vida foi difícil, pois para a professora ele tem vários significados. Resumindo, acha-o fundamental e básico para tudo, importante para a formação do indivíduo, não só em termos de conhecimento, mas na busca da cidadania. No espaço da escola é que se aprende a ser cidadão, aprende-se a ter direitos e deveres: “[...] eu não saberia traduzir isso, dar um significado só, eu acho que o trabalho é, meu trabalho, minha profissão é fundamental, é básico de tudo [...]”

A entrevistada procura em seu trabalho como professora o crescimento pessoal e o crescimento do aluno como cidadão. Deseja tornar seu aluno um indivíduo pensante, questionador e crítico, um cidadão.

Além do crescimento pessoal eu acho que eu já falei, eu procuro muito na verdade o crescimento desse meu aluno, a criar esse cidadão, mais um indivíduo pensante, mais questionador, mais crítico, crítico com fundamento... é tornar esse aluno crítico, cidadão, acho que é esse o objeto[...]

A entrevistada considera o ambiente do Apoio muito tranquilo, porém ocupa o espaço para dar suas aulas e rapidamente precisa se deslocar para as suas outras atividades nos colégios onde atua. Seu contato com os proprietários do Apoio é pequeno, restringindo-se ao contato para o agendamento das aulas e o pagamento das aulas lecionadas. O contato é mais distante, ao contrário do relatado pelas Entrevistadas A, B, C e D, todas aposentadas e com mais tempo livre: “[...] porque a gente passa muito rápido por aqui né, ... só que o contato é muito pequeno...”.

Considera o trabalho no Apoio muito legal e diferenciado do que faz nos colégios onde atua. Na aula particular, sabe que tem que dominar o conteúdo para poder transmitir ao aluno.

Ao falar sobre a organização de seu trabalho não se referiu muito ao que faz no Apoio, não chegou a comentar como prepara as suas aulas para os alunos que precisam do reforço pedagógico. Sua única menção foi sobre ter o domínio do conteúdo para poder passar ao aluno.

Quanto à organização do trabalho nas instituições de ensino que atua, diz que não tem o hábito de usar agenda, e, por isso, sua vida fica, às vezes, bastante bagunçada. Para não se perder com tanta informação, possui um caderno para cada turma onde anota os registros, as pautas do que vai trabalhar em sala de aula e os acontecimentos inesperados: “[...] eu vou trabalhar em cima de registros que eu melhor me esquematizo o meu trabalho, eu tenho um caderno pra cada escola tá, com matérias divididas pra cada turma que eu tenho, ali eu ponho os meus registros, [...]”.

Segundo a entrevistada, o trabalho nas escolas e no Apoio não é rotineiro. Alega não poder ter uma programação de longo prazo. E essa é a sua queixa com relação ao colégio tradicional que possui data para tudo, o professor tem que seguir o cronograma, não há flexibilidade. Entende que o planejamento não é algo estático, o ritmo da aula depende do grupo, o caminhar dependerá do comportamento do grupo, que poderá ser mais rápido ou mais devagar: “As aulas são muito divertidas, porque eu gosto muito de associar a minha matéria com a prática do dia-a-dia, de mostrar pra eles na natureza o que a gente ta estudando [...]”.

Afirma não ser uma professora que gosta de avaliar seus alunos com provas, pois acredita que sua matéria possui muitos nomes e detalhes que se tornam difíceis de decorar. Sua intenção é gerar no aluno a reflexão sobre a importância da disciplina, por isso procura no aluno o uso constante do raciocínio para ligar sua matéria ao cotidiano. A aprendizagem do aluno se dá através de trabalhos, construções de jogos e construção de histórias em quadrinhos. Através da brincadeira, acredita que o aluno constrói o seu próprio conhecimento: “... a gente tem que brincar com o conteúdo, só que pra brincar tem que ter domínio, então ele passa a estudar, aprende, toma gosto, gosta sobre aquilo, e acaba assimilando.”

A professora relata que o relacionamento com seus alunos é ótimo, porém enfatiza que é bastante exigente com eles, embora não aplique provas para avaliar a assimilação do conteúdo, o trabalho entregue pelos alunos deve estar bem fundamentado. Ela caracteriza seu relacionamento com os alunos como sendo de amizade e de parceria: “Olha a minha relação com os alunos é ótima, mais eles sabem que eu sou bastante exigente [...]”.

A permanência na profissão vai depender do retorno que ela tiver de seu trabalho. Em aposentadoria ela não pensa, pois falta bastante tempo ainda para pensar em parar. O

crescimento dos alunos é o seu maior objetivo, e caso ele continue existindo, ela continuará trabalhando como professora: “Enquanto eu puder ensinar com vontade, vendo que meus alunos estão conseguindo crescer em conteúdo, crescer como cidadão e, eu vou continuar dando aula né, é muito importante pra mim”.

4.2.6 Entrevistado E

Essa foi a segunda parte das entrevistas realizadas pela pesquisadora. Na primeira parte, entrevistou somente professoras do sexo feminino, e na segunda focalizou professores do sexo masculino.

O entrevistado F tem 54 anos, já é aposentado e atualmente trabalha em uma escola da rede pública e no Apoio pedagógico, possui além da graduação, título de mestre em Física.

Escolheu a profissão como forma de sair de sua cidade natal – Tubarão. Segundo ele, na época a única chance de sair de lá e vir para a capital – Florianópolis - era fazer o curso oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina, que custeava os estudos para os alunos interessados em Física. Foi assim que se tornou um professor e não um engenheiro e se diz realizado com a escolha que fez: “[...] talvez eu pudesse ter sido engenheiro, pois eu gosto de, eu não tinha esse estímulo, eu conheci este lado da Física e gostei, sou realizado com a minha escolha”.

Para o entrevistado, o trabalho passa a ter sentido quando ele faz aquilo que gosta, aquilo que lhe dá prazer. Quando falta o prazer, o trabalho passa a ficar sem sentido. O significado do trabalho para esse professor é central. Acredita que sem o trabalho a sua vida acabaria, não só do ponto de vista econômico, como também do ponto de vista emocional: “Trabalhar pra mim significa a vida, sem o trabalho a minha vida ficaria abalada [...] o trabalho ocupa uma grande parte da minha vida, do meu tempo, sem ele não imagino como eu estaria”.

Esse professor almeja fazer aquilo que gosta, procura a realização, como ele mesmo relata na entrevista “... ajudando alguém tô fazendo algo pra mim”. Ressalta que no Apoio, por estar trabalhando há pouco tempo, não conseguiu ver-se realizado em dar aulas individuais para alunos com problema na escola, porém no âmbito da escola pública, onde atua, diz se sentir realizado como professor.

Ele relata que dar aulas em cursos pré-vestibulares também é um trabalho que o realizava. Embora existam muitos fatores negativos como pouca interação professor x aluno, é preciso correr com o conteúdo, não existe uma seqüência com o aluno: “Eu já dei aula em cursinho, mesmo no cursinho eu me realizava, embora fosse uma loucura total”.

Foi após a sua aposentadoria no Estado que o entrevistado pode escolher os locais que gostava mais de dar aula: “Quando eu consegui a aposentadoria no Estado, eu aí comecei a escolher melhor o que fazer, pude lapidar”.

Como está há muito pouco tempo trabalhando no Apoio, ainda não conseguiu definir uma organização de seu trabalho para as aulas de reforço. Cita que no dia da entrevista, foi obrigado a dar uma aula de reforço emergencial e não teve tempo de preparar o conteúdo para a aula. Diz que isso só foi possível graças à sua experiência como professor: “[...]veio um garoto que queria que eu desse a matéria de física de 3 anos (1º, 2º e 3º ano), um professor recém-formado não conseguiria atender o aluno”.

O entrevistado pretende se organizar no Apoio de modo semelhante ao que faz na escola, seu conteúdo está todo armazenado em um computador (as matérias, provas e os exercícios), e com esse material, ele pretende montar o plano de aula de reforço. Para auxiliar o aluno, utilizará também a Internet, tentando mostrar a prática de sua disciplina no dia-a-dia.

No colégio, os seus planos de aulas são sempre diferentes de um ano para outro, não utiliza as mesmas provas, está sempre mudando, pois ministrar da mesma maneira o conteúdo é sempre desmotivador. Ao acabar a aula, já descarta o planejamento feito para aquele dia.

Tanto no Apoio como na sala de aula esse professor utiliza muita brincadeira, conta muitas estórias, tudo voltado para a assimilação do conteúdo pelo aluno, pois tem consciência de que sua disciplina é muito difícil. A motivação dos alunos é a chave para gostarem da Física: “[...] faço o plano e depois que acaba a aula eu amasso e jogo fora, professor não pode usar uma cartilha todo dia, sempre a mesma coisa, o aluno não agüenta [...] eu digo quantos segundos tem um minuto, fica todo mundo olhando com aquela cara de assustado, a matéria assusta”.

O entrevistado acredita ter um bom relacionamento com os seus superiores imediatos, no âmbito da escola onde atua e também com os proprietários do Apoio Pedagógico. Diz ser um professor que não falta a aula por motivo nenhum, por isso todo os anos ele ganha o 14º salário: “Sempre tive bons relacionamentos com diretores, coordenadores e aqui também com o pessoal do Apoio”.

A sua motivação como professor vem dos desafios, das coisas novas que enfrenta nas salas de aula. Um exemplo citado por ele são as aulas que está ministrando para uma turma de magistério, onde ele leciona Química, Física e Biologia, cuja cadeira de ciências engloba essas três disciplinas. Embora ele tenha conhecimentos das três áreas, por ter se especializado em Física, muitos conteúdos de Biologia e Química precisam ser revistos, sendo para ele um desafio: “Esse trabalho é mais interativo, prático, [...] sei lá, é um desafio pra mim, porque eu não tenho familiaridade com a biologia e a química [...] Esta atividade tem me agradado demais, é muito desafiadora”.

As aulas no Apoio são um desafio, pois, segundo o entrevistado, o material (conteúdo) solicitado, às vezes, é muito complexo, exigindo experiência por parte do professor.

Embora tenha um relacionamento bom com os alunos por lecionar uma disciplina considerada difícil, acaba existindo uma distância entre o professor e o aluno. Para acabar um pouco com esse gelo, ele usa as brincadeiras que utilizava nas aulas do cursinho e isso tem surtido efeito.

Quando eu chego na sala e digo, olha eu vou dar física, já tem gente que coça a cabeça, olha por lado, faz careta, a partir dali ele não gostam muito de mim, procuro brincar bastante, fazer um teatro, tipo o que eu fazia no cursinho pra ver se eles relaxam mais e se interessam pela matéria.

Continuar dando aulas dependerá muito da sua motivação, enquanto ele puder vir, brincar, se divertir com o trabalho, alcançar os resultados que espera com seus alunos, manter-se-á na profissão. Quando ensinar se tornar um pesadelo, é hora de parar: “Quando eu não tiver mais retorno do aluno eu vou parar, só o tempo vai me dizer”.

4.2.7 Entrevistado G

O entrevistado G tem 46 anos, trabalha em uma escola particular e no Apoio pedagógico, é graduado em Espanhol e Português, e leciona a disciplina de Espanhol.

Por ser natural de Buenos Aires – Argentina a transcrição de sua entrevista foi a mais difícil de ser realizada.

A escolha da profissão de professor aconteceu quando decidiu sair de Buenos Aires e vir morar no Brasil, especificamente em Florianópolis. Em Buenos Aires, estudava

contabilidade e o seu curso não lhe abriu portas no Brasil. Ao estabelecer relações com profissionais que atuam no segmento do turismo, surgiu a oportunidade de lecionar espanhol para um grupo de pessoas que atendia turistas. Nessa época, ele não tinha qualificação, não tinha diploma, só o da Argentina que não era válido em nosso país. Depois disso, se formou e passou a lecionar em colégios e outras entidades: “Foi quando eu fiz a mudança de país é que me tornei professor, comecei a trabalhar com turismo, confeccionei uma apostila e aí foi e foi [...]”.

Para o entrevistado, o trabalho adquire sentido quando existe um ambiente propício para que isso aconteça, quando existe objetivo e quando há motivação. A motivação tem que partir do professor, é ele que estimulará o aluno e o fará se interessar pela disciplina: “Quando a gente tem um ambiente propício pra poder dar aula, [...] quando tem objetivos e motivação também [...]”.

A falta de sentido vem com a não obtenção de resultados, quando o professor não produz nada e quando o aluno também não tem interesse de aprender.

O trabalho para ele assume dois significados: o do valor econômico que representa e o do alcance dos objetivos traçados, tais como a aprendizagem do aluno, a satisfação e a motivação para aprenderem a disciplina: “Bem, significado do trabalho... o retorno financeiro é algo que a gente tem que ter, pra se alimentar e tudo o mais, né. [...] se os alunos estão aprendendo e motivados isso me retorna com mais motivação”.

Esse professor procura com sua profissão a aprendizagem e a motivação dos alunos, pois segundo ele, o objetivo do professor é atingir diariamente os alunos: “Eu procuro na minha profissão fazer com que os alunos aprendam, se motivam pra aprender, como eu já disse o importante é a aprendizagem deles [...]”.

A organização de seu trabalho no Apoio é diferenciada da de sala de aula. A aula particular, por ser individual, é muito direcionada e mais instrumental, pois tem como objetivo a recuperação das notas do aluno. Possui todo o seu material de aula organizado e a maioria deste no computador. Assim, quando alguém solicita atendimento, prepara a aula e já vem com ela pré-definida. Utiliza muita música como forma de estimular a aprendizagem e, no colégio, como o número de alunos é maior, realiza muitos trabalhos em grupo.

Afirma não gostar de seguir livros didáticos, mas no colégio onde atua é necessário seguir o livro escolhido pela coordenação de ensino. Diz o entrevistado que o livro cerceia muito, deixando o conteúdo muito restrito, embora saiba que é obrigado a segui-lo.

Para estimular os alunos, oferece muitas atividades extras, tanto no colégio como no Apoio. Gosta de deixar seus alunos atualizados, por isso utiliza muitas notícias de jornais,

pesquisadas na Internet, principalmente assuntos do Brasil que saem no exterior (Argentina, Espanha, etc). Conta que encontra algumas barreiras que prejudicam a aprendizagem de seus alunos, entre elas a falta de vontade dos jovens em escrever e a carga horária imposta pela escola. Suas aulas, por serem no período vespertino, são ministradas quando os alunos já estão muito cansados, sendo difícil a sua motivação: “[...] então chega as cinco e meia da tarde eles estão mortos de cansado né, então isso é um fator assim também do colégio, que a gente tem que trabalhar, não podemos trabalhar da mesma maneira com a primeira turma pra segunda [...]”.

O entrevistado planeja suas aulas, porém elas sofrem alteração durante a semana. Identifica que as turmas de segunda-feira são as que mais sofrem, pois elas são os laboratórios, visto que tudo o que não deu certo é modificado para o resto das turmas. A turma que melhor recebe o conteúdo é a da sexta-feira, pois todos os ajustes no planejamento foram realizados no decorrer da semana. É nessas modificações que o professor diz adquirir mais prática.

As aulas planejadas para serem dadas não saem do jeito que eu planejei. [...] a segunda-feira é um laboratório, é como eles vão reagir, os problemas que eu vou ter, a gente não pode prever tudo né, a gente não sabe o que vai acontecer, mais é, não sai como planejei pra pior eu acho que não, a gente ta sempre tendo prática, vai melhorando a prática, vai ganhando experiência.

No Apoio, o professor não identifica uma relação hierárquica formal, pois a proprietária do Apoio agenda a aula, liga para ele e ambos interagem sobre o conteúdo a ser dado no reforço e a aula é preparada segundo as informações iniciais. No colégio onde atua, já existe uma relação entre os professores e as coordenadoras, porém ressalta que nunca houve atrito, pois todas as reivindicações feitas foram acolhidas por elas, principalmente as relacionadas com a maneira de estimular a aprendizagem dos alunos.

Para preservar um bom relacionamento com os alunos tenta se colocar próximo do ambiente deles, mantendo o mesmo nível e procurando sempre manter uma relação de parceria.

Ah é muito bom, Tem que, pra mim depender, tem que se colocar mais ou menos no ambiente deles, manter o mesmo nível, não gosto que tenha essa separação professor de um lado e aluno de outro, eu tenho assim, me enturmar com eles, eu sou mais um dentro do ambiente deles, do grupo deles.

Pretende continuar lecionando: “Até quando eu tiver aluno, que se não tiver aluno é preciso desistir eu acho. A profissão eu gosto pelo menos né, ah, eu gosto da minha profissão”.

4.2.8 Entrevistado H

O entrevistado H tem 39 anos e leciona em colégio particular, numa universidade particular, no Apoio e participa de um curso pré-vestibular para alunos carentes da cidade de Paulo Lopes. Leciona há aproximadamente dezoito anos, sendo graduado em licenciatura com mestrado em Geografia e História de Santa Catarina.

Queria ser advogado, porém só passou no vestibular para a segunda opção, Geografia. Embora tenha tido oportunidade de trocar de curso, foi gostando e resolveu que deixaria de ser funcionário público estadual para ser professor. Na época, trocou um salário estável por um rendimento bem mais baixo: “[...] eu fico feliz por ter feito, e eu fui fazendo geografia, fui gostando, fui gostando, fazia bacharelado [...] geografia é uma coisa que eu gosto [...]”.

O trabalho tem sentido para o professor quando alguém se interessa por aquilo que ele faz, principalmente quando esse professor consegue deixar sua marca. Um comentário de um aluno seu o fez repensar e mudar o sentido que tem o trabalho em sua vida.

[...] um dia eu comentei em sala de aula e o aluno, até comentei na ordem inversa, que eu não conseguiria vender nada ali,, aí um aluno disse pô professor o senhor consegue vender muito, consegue vender conhecimento que é uma coisa difícil de se comprar, aí daquele dia em diante [...] e pô daquele dia em diante eu comecei a encarar de outra forma [...].

O trabalho, por outro lado, fica sem sentido quando o entrevistado não consegue alcançar seu objetivo, qual seja, o objetivo de seu trabalho. Para esse professor, o sucesso de seus alunos é também seu próprio sucesso, visto que não adianta nada o professor ter conhecimento se não consegue mostrar a realidade aos seus alunos: “Ah, eu não consigo alcançar meu objetivo, o meu objetivo de trabalho ... porque eu sempre digo pra eles que o sucesso deles é na verdade o meu sucesso [...]”.

O entrevistado entende o trabalho como muito importante e citou uma frase para definir qual o seu significado: “[...] não é uma frase antiga, não é uma frase desgastada, mais

ele dá uma dignificada na pessoa, eu acho que ele cria um mundo, o mundo é cheio de altos e baixos [...] “.

Então, ao falar sobre a organização do trabalho no Apoio, ele discorre sobre os outros ambientes em que também leciona, como, por exemplo, o cursinho pré-vestibular para alunos carentes e o colégio particular. Enxerga o Apoio como diferenciado, por ter um atendimento individualizado, sendo possível utilizar a mesma forma de dar aula, para a assimilação do conteúdo, usando muitos desenhos feitos por ele em quadro.

Quando compara as condições de trabalho nas instituições de ensino, repara que existe uma diferença muito grande entre elas. No colégio particular, há ar condicionado, todos possuem *notebook*, o quadro é branco e não se usa mais giz. No curso pré-vestibular para carentes de Paulo Lopes, só existe giz branco, giz colorido só se o professor levar; o café da tarde os alunos trazem de casa. Para o professor a sensação de aprovação dos oitenta alunos da instituição particular não tem a mesma sensação da aprovação de um aluno do curso pré-vestibular para carentes de Paulo Lopes.

[...] é lógico que a visão é totalmente diferente... lá em Paulo Lopes nós aprovamos uma aluna só, em Biblioteconomia, só que, eu fiquei muito feliz, pra ti ter uma idéia eles fizeram uma festa, a comunidade fez uma festa, pô então um aluno só, oitenta alunos num só Alfa Objetivo de noventa e seis alunos [...].

Para dar aulas tanto no Apoio como nas outras instituições em que é contratado, utiliza as apostilas prontas, distribuídas em cada uma das escolas em que trabalha. Além desse material, gosta de esboçar um plano para seguir durante a aula. Sabe que, embora o professor elabore um planejamento de aula, ela nunca ocorre como foi planejado. Segundo o professor, nunca se sabe se um aluno vai apontar uma dúvida que vai mudar todo o rumo da aula. Como suas salas possuem mais de trinta alunos ele não faz cobrança de deveres, chamada e outras formalidades, pois se o fizer, o tempo de aula já se foi; como seus clientes são alunos de segundo grau e de universidade, deixa que essas formalidades partam do aluno. Já lecionou para alunos do ensino fundamental, mas diz que não se agradou, deixando claro que não pretende repetir essa experiência.

A aula nunca sai do jeito que a gente planeja, nunca sai porque, isso é uma coisa que eu sempre critico bastante né, quem faz planejamento de aula, é tudo muito bonito na teoria, mais como é que eu vou descobrir que um dia em outubro eu tô dando essa matéria, se eu tô trabalhando com uma sala de cinqüenta, eu tenho sala de trinta, quarenta, cinqüenta, sessenta, cento e vinte alunos, legal, como é que eu vou descobrir que aquele cara lá não vai me ...daqui a pouco, eu tô dando sobre

Milosevich e daqui a pouco ele não sabe nem onde fica a Iugoslávia, pô isso gera um problema que a gente tem que voltar [...] e numa experiência que eu tive em primeiro grau, que eu nunca mais quero ter na vida [...].

Para o entrevistado, é muito importante quando o aluno pergunta e se interessa pelo assunto, é sinal de que ele está buscando aprender.

No Apoio, considera que existem relações de hierarquia, como também nas instituições onde trabalha. Parte sempre do princípio de que em todos os lugares existem relações hierárquicas, talvez por ter sido funcionário público. Considera importante que os alunos o vejam como professor, por isso, gosta de usar boné e camiseta identificada “professor X”.

Para ele, é engraçado como os alunos o vêem, e isso depende da série onde estudam. Os alunos do primeiro grau me chamavam de tio, achavam que eu era parente; os de segundo grau me chamam pelo nome e acham que eu sou amigo deles, já os do pré-vestibular começam a se diferenciar e, os da universidade me chamam de professor (meu nome). Esse professor acha necessário que os alunos entendam que quem está ali para lhes dar aula está um pouco à frente deles no conhecimento: “ [...] pra mostrar que a gente, nós somos um pouco diferente, eu me preparei para aquilo, então naquele momento temos um perfil um pouco diferente, eu me preparei para aquilo, então naquele momento eu sei mais que ele, certo [...]”.

Como suas aulas precisam ser movimentadas, já que sua disciplina é bastante teórica, diz que, em sala de aula e no Apoio, ele é 80% palhaço e 20% professor. Outra atitude dele em sala de aula é memorizar os nomes dos alunos, relacionando-os com nomes de lugares. Essas atitudes, segundo o entrevistado, aproximam muito o professor do aluno.

[...] então eu vou chamando pelo nome deles assim, pelo local, e isso me dá uma aproximação muito grande né [...] a gente tem que ser, o professor tem que ser 80% palhaço e 20% professor, então aquele, aquelas mágicas que a gente faz, isso a gente vai carregando pra outros lugares, [...] isso me aproxima demais com os alunos né [...].

Esse professor deverá atingir o tempo de serviço e se aposentar só daqui a sete anos, pois está com trinta e nove e a aposentadoria pode ser com quarenta e cinco anos. Entretanto, diz que não vai parar de lecionar tão cedo, pois gosta muito de ser professor. O seu ritmo de trabalho hoje é mais leve do que no início de sua carreira de professor, pois de tanto trabalhar,

adoeceu e decidiu que não iria mais dar aulas. Voltou atrás e resolveu diminuir seu ritmo. Hoje dá aulas nas instituições privadas e, nas horas vagas, no Apoio Pedagógico: “[...] eu particularmente gosto muito de fazê-lo, não pretendo parar tão cedo (e ri)”.

4.2.9 Entrevistado I

O entrevistado I tem 46 anos de idade e há 10 anos leciona em uma escola pública estadual e no Apoio Pedagógico. Antes de se tornar professor teve várias ocupações, resolvendo então abraçar a carreira no magistério aos 36 anos de idade. Para isso, frequentou uma universidade e hoje leciona a disciplina de História.

A escolha da sua profissão veio mais tarde, talvez pela vivência com sua mãe, que também era professora e possivelmente o influenciou. Adora dar aulas, mas odeia o salário que ganha.

Eu fiz a escolha um pouco tarde, eu tinha trinta e seis anos e hoje eu tenho quarenta e seis, dez anos atrás eu resolvi... É um trabalho que eu gosto muito de fazer, por sinal foi o único vestibular que eu fiz na vida e foi a única faculdade, eu gosto muito de dar aula. Odeio o salário que eu ganho mais adoro a minha atividade.

O sentido do trabalho para esse professor é atingido quando ele consegue se sentir satisfeito com a aula dada, quando tem certeza da aprendizagem de seu aluno e quando consegue atingir os objetivos: “[...] quando eu consigo me sentir satisfeito com a aula, e ter a certeza de que o aluno aproveitou a aula, a aula foi proveitosa, aí o meu trabalho tem sentido”.

O trabalho acaba não tendo sentido para ele quando não consegue despertar o interesse do aluno para a sua disciplina. Pressupõe que sem o trabalho não existiria, pois o acha muito importante, pessoal e profissionalmente. A sua realização vem do trabalho: “A realização pessoal é muito grande quando eu estou fazendo o meu trabalho. A minha realização vem do trabalho com certeza”.

Não tem uma organização no seu trabalho no Apoio, pois considera o trabalho diferenciado. A aula ministrada no Apoio não exige dele um planejamento, pois muitas vezes não sabe se terá aula. Já na escola precisa planejar as aulas. O planejamento de aula não é estático, sempre se modifica. A alteração, segundo o professor, faz parte do planejamento.

No Apoio, sabe do conteúdo a ser dado na hora da aula. Perguntado se não se preocupava com isso e se não iria influenciar na aprendizagem do aluno, o professor respondeu:

Quando eu venho aqui pro Apoio eu não planejei nada, eu ainda não sei o conteúdo, o conteúdo é sempre surpresa. Eu já venho pronto pra surpresa. Eu sou aquele professor que acha que cada professor na sua área de atuação precisa ter domínio, sobretudo do seu conteúdo.

Para esse professor, tanto no Apoio como na escola em que trabalha há hierarquia. No Apoio, os proprietários é que agendam as aulas, escolhem as salas em que os professores irão atuar, fazem as cobranças. Já na escola, por trabalhar em um ambiente pequeno, com poucas salas de aulas, apenas doze, não existe a figura de coordenador, há apenas uma supervisora. Assim, o relacionamento entre os professores e a supervisora é mais próximo. Não há uma interferência dessa supervisora, existe uma autonomia dos professores na forma de conduzir a aula e o conteúdo.

Eu tenho autonomia em sala de aula e cada um de nós dá conta de seu próprio recado do seu jeito, a gente é livre para dar a nossa aula de acordo com as possibilidades e de acordo com o nosso estilo pessoal, isso é muito pessoal né, mais a gente tem bastante liberdade pra se trabalhar em sala de aula sem a interferência nenhuma.

Destaca a relação com os alunos como boa, ressaltando que cada jovem daquele é uma pessoa com personalidade e com história de vida. Entende que trabalhando com pessoas, precisa saber que nem sempre elas estão com vontade de assistir a aula e de participar, cabendo ao mestre estimular esse interesse. Para o professor, é importante que exista essa diferença entre as pessoas, pois faz com que a aula se torne dinâmica e movimentada.

[...] o professor tem que se acostumar a isso, e ele vai ter que lidar com isso, isso é bom, porque torna a aula dinâmica não aquela coisa chata, então eu acho bom, é muito legal, a minha disciplina é assim, eu trabalho com história, então na disciplina de história é só teoria, não tem cálculo [...].

Ressente-se de não poder mostrar aos alunos onde está a história. Ela está nos museus, nas ruas, no artesanato.

Não pretende parar tão cedo de atuar como professor, segundo ele: “Até me aposentar ou até não poder mais. E falta bastante tempo”

4.2.10 Entrevistado J

O último entrevistado possui 52 anos, trabalha em uma empresa de telecomunicações, dá aula em uma escola estadual e nas horas que sobram leciona no Apoio Pedagógico. É formado em Direito, Pedagogia e Letras. As aulas no Apoio Pedagógico são necessárias, segundo ele, para que possa manter o seu conhecimento da língua inglesa, já que na escola estadual dá aulas de legislação e na empresa de telecomunicações trabalha com contratos. É no Apoio que encontra a oportunidade de praticar o inglês.

Desde adolescente quis ser médico psiquiatra, porém fez dois vestibulares e não passou em nenhum. Posteriormente, foi classificado em segunda opção para engenharia, e como trabalhava em tempo integral na empresa de telecomunicações (atua há 32 anos), não conseguiu concluir. Passados alguns anos decidiu que queria lecionar e fez vestibular para Letras. Ao concluir o curso, decidiu fazer Direito para tentar, no futuro, trabalhar com advocacia forense. Ao mesmo tempo em que cursava Direito, foi aprovado no concurso para professor no Instituto Estadual de Educação, passando a dar aulas de inglês. Atualmente leciona nesse estabelecimento a disciplina de Legislação. Na escola pública, ministra 20 horas aula por semana, o que lhe ocupa duas noites. Relata que está muito decepcionado com o magistério, pois os alunos da escola pública estão cada vez mais desinteressados, apenas preocupados em conseguir o diploma, sem almejar adquirir conhecimento.

Eu queria ser médico psiquiatra, tentei duas vezes mais não consegui passar para a medicina. Passei para a segunda opção que era engenharia....eu gostava muito de inglês e resolvi que podia fazer o curso, fiz o vestibular e me formei. Logo após, surgiu a oportunidade de dar aula, era um concurso para o Instituto Estadual de Educação ... Só dou aula à noite no Apoio como na escola.

Hoje confesso que estou desanimado, principalmente com os alunos da escola, estão muito desinteressados, sem motivação querem apenas passar de ano pra conseguir o diploma de magistério e poder dar aula em algum lugar. Se me oferecessem uma vaga na Secretaria de Educação para trabalhar lá eu largaria a sala de aula.

Para o entrevistado, o trabalho tem sentido quando o professor consegue a transformação do aluno, vendo-o crescer em conhecimento e como indivíduo. Além de objetivar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, o professor acredita que o trabalho tem que ser feito com prazer para que adquira sentido: “O trabalho tem sentido quando, o

trabalho do professor tem sentido quando ele consegue a transformação do aluno... Tem sentido se ele gosta daquilo que faz, o que se faz sem prazer não obtém resultados bons, né”.

Ao mesmo tempo seu trabalho fica sem sentido quando ele não consegue visualizar os resultados obtidos. Não é a nota final de provas ou da média do aluno que interessa ao professor; interessa-lhe ver se o aluno cresceu em conhecimento e se está se relacionando com a turma. Reclama que hoje as salas possuem muitos alunos, tornando-se difícil para o professor conhecê-los pelo nome e, até mesmo perceber se algum aluno precisa de sua atenção.

Quando eu não consigo ver os resultados do meu trabalho como professor, o resultado não é a nota, viu? É não enxergar o crescimento do aluno ao longo ano, seja no conhecimento, seja no convívio com os colegas de classe [...] fica difícil pro professor enxergar aqueles que mais precisam dele, você acaba indo pela média e o propósito do professor fica esquecido.

A família e o trabalho são muito importantes na vida do entrevistado, e segundo ele, possuem a mesma importância; é através do trabalho que o homem deixa sua marca na vida e faz a diferença: “[...]estão na mesma linha de importância, sem o trabalho, desvinculando-o do emprego, sem ele o homem não consegue se transformar, é através do trabalho que o homem pode fazer a diferença no mundo, deixar sua marca”.

Aponta três razões importantes que o fizeram abraçar a carreira de professor: a primeira, identificada como a sua realização como pessoa; na segunda, a de receber um retorno financeiro digno e, por último, a possibilidade de transformar os alunos em indivíduos mais críticos e mais cidadãos.

[...] me realizar como pessoa, depois eu espero receber algo digno pelo que fiz, e em terceiro e talvez o mais importante é transformar os alunos em indivíduos que possam fazer a diferença no mundo em que vivemos ... menos consumistas, mais críticos, mais cidadãos.

Falou pouco sobre a organização de seu trabalho. Dizendo-se metódico, não gosta de dar aulas sem uma preparação prévia, com exceção das aulas no Apoio. Ali, fica sabendo apenas do conteúdo, mas a grande maioria dos alunos que querem reforço escolar segue um livro texto. Então, somente na hora da aula é que o professor organiza a aula, segundo o livro do aluno. Na escola pública, planeja previamente suas aulas e define aos alunos o método de avaliação. Relata que o grande problema do professor de hoje é a mensuração do aluno pela nota conquistada e não pela assimilação da aprendizagem.

[...] vem pra aula eles trazem o livro texto que deverá ser seguido, então o que eu preciso dominar é o conteúdo, na hora é que eu vou adaptar o que sei ao que ele precisa. ... hoje o professor só se interessa com notas, o importante é ver se o aluno compreendeu o que foi ensinado [...].

Considera que em qualquer lugar onde se trabalhe com um contrato formal assinado entre as partes, existem relações hierárquicas, isso acontece desde a menor empresa até as grandes corporações. Assim, tanto no Apoio como nos dois outros empregos ele obedece aos seus superiores imediatos. No Apoio, procura respeitar as regras pré-estabelecidas com os proprietários e na escola respeita a hierarquia existente, onde na linha de autoridade estão os supervisores, coordenadores pedagógicos e diretores: “As relações hierárquicas existem em qualquer lugar desde o mais importante armazém da esquina até numa grande corporação, pois a partir do momento em que assinamos um contrato de trabalho passamos a obedecer aos nossos superiores [...]”.

Suas relações com aos alunos são boas, porém acha importante perguntar a eles quais são seus sentimentos em relação à figura do professor. Considera que em qualquer relacionamento entre pessoas o respeito deve figurar como ponto central. Dessa forma, em sala de aula, o professor deve respeitar o aluno e vice-versa. Volta novamente a enfatizar que as salas estão com muitos alunos, dificultando a criação dessa relação professor e aluno que é tão importante.

Eu acho que o principal num relacionamento é o respeito entre as partes, mesmo que na sala de aula eu possua autoridade como professor não é por isso que eu posso desrespeitar um aluno, humilhá-lo em público ou até mesmo constrangê-lo, o mesmo serve pro aluno.

Sente-se hoje muito desmotivado com o seu trabalho de professor e não sabe se continuará no magistério por muito tempo: “Olha, como eu já disse, ando muito cansado e decepcionado com o magistério, então não sei se vou continuar, a vida dirá”.

4.3 ANÁLISE TEÓRICA DOS DADOS

Nesta pesquisa, os significados do trabalho são diferentes entre os indivíduos entrevistados, visto que cada um deles tem a sua própria história, suas crenças, valores e

posturas perante a vida. Para alguns o trabalho é o elemento central da sua vida, para outros além dele ser importante, representa o retorno financeiro necessário para a sua existência.

Assim, o significado do trabalho no Apoio tem um caráter ao mesmo tempo simbólico e instrumental, conforme Baijot e Franssen (1997). Instrumental por ser o trabalho um meio de ganhar a vida (o valor monetário) e simbólico por ser ele um meio de realização social e pessoal do indivíduo (valor moral, qualitativo e subjetivo).

Pelas falas dos entrevistados constata-se, conforme descrito por Sinetar (1987), que cada um deles quer fazer a diferença, criar um trabalho significativo, sentir-se plenamente vivo e procurar cada vez mais a sua realização como pessoa. Isso se verificou na maioria dos professores tanto os já aposentadas quanto nos que possuem outras ocupações além do Apoio.

As professoras aposentadas, hoje sem nenhum outro vínculo empregatício, por não estarem mais na rotina diária de uma escola (sem jornada de trabalho a cumprir, sem correções de provas, sem reuniões pedagógicas a frequentar), conseguem reduzir a ação das condições objetivas de trabalho sobre seus afazeres, e assim procuram cada vez mais no seu trabalho a realização como gênero humano. Conforme Marx (1984), elas estão livres para se aprimorar e desenvolver novas capacidades, conduzir suas ações com autonomia (nas aulas de reforço elas podem definir, sem nenhuma interferência, qual a prática pedagógica que gostariam de seguir) e tentar conseguir a satisfação como ser humano.

O Apoio pedagógico, considerado aqui como uma pequena empresa, possui uma organização de trabalho mais flexível e que, segundo Dejours (1983), permite ao trabalhador organizar e adaptar o trabalho a seus desejos e às necessidades de seu corpo. Alguns professores do Apoio não dão aulas na parte da manhã, outros definem a quantidade de alunos que gostariam de atender na semana.

Claro que, como o trabalho do professor lida diretamente com outro ser humano, não quer dizer que o professor no Apoio pode fazer tudo o que quiser. Em alguns casos ele poderá vir a se adaptar à vontade do aluno, porém não é uma constante. Nenhum entrevistado reclamou da organização de trabalho existente no local, apenas corroboraram entre si de que no Apoio, há uma diferenciação na forma de organizar o trabalho em relação às aulas nas escolas. Não consideram o trabalho que realizam no Apoio como rotineiro, já que há um grande fluxo de alunos, de vários colégios, várias séries e várias classes sociais. Assim, cada aula é na verdade uma experiência diferente de outra, com desafios e dificuldades únicas, já que em cada experiência existe uma pessoa diferente.

As professoras preferem saber qual o conteúdo a ser ministrado, a série, e outras informações que acham necessárias, de forma a planejar a aula para atender satisfatoriamente

o aluno. A maioria são professoras aposentadas que, talvez, trazem consigo as suas experiências no magistério, adotando com os alunos a mesma metodologia de ensino que adotavam no passado. A professora mais nova (Entrevistada E), por trabalhar em uma escola construtivista e, por utilizar muito a construção de jogos, a elaboração de contos, dentre outras, como maneiras de assimilar a aprendizagem, não prepara uma aula nos moldes tradicionais tanto na escola como no Apoio, traça apenas uma pauta para que a aula possa seguir em linha. Isso reforça o que foi escrito por Tardif & Raymond (2000), que não se pode esquecer que, ao longo da sua história de vida pessoal, o professor interiorizou muitos conhecimentos, competências, crenças e valores, que estruturaram sua personalidade e as suas relações, principalmente com os alunos. Essas relações são reatualizadas e reutilizadas, de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Isso talvez aconteça com as professoras que saíram da sala de aula e que descobriram um outro mundo ao dar aulas no Apoio.

Os professores, com exceção do de espanhol, vêm para o Apoio dar aula, sem saber em detalhes o conteúdo a ser ministrado, pois partem do pressuposto que o professor para desempenhar a sua atividade de educador tem que dominar o conteúdo.

Em todos os relatos constata-se que o trabalho não é apenas a execução de atividades produtivas, mas também espaço de convivência. Conforme definido por Dejours (1999), existe no Apoio um viver em comunidade, a empresa é pequena, tem poucos empregados, poucos professores, o que facilita a convivência entre eles. Através dos relatos e da observação da pesquisadora constatou-se a existência de amizade, confiança e de parceria entre os proprietários e os professores que atuam no local.

O trabalho, para a maioria dos professores, representa o cumprimento de um dever (ensinar e educar o aluno) e a busca de realização (o sucesso do aluno é também o sucesso do professor), indicado, segundo Lima (1988), que esse trabalho possui um significado intrínseco, deixando de ser um meio, para ser um fim em si mesmo.

Durante as entrevistas constatou-se que é através do trabalho que a maioria dos professores se situam na sociedade e por intermédio dele adquirem identidade e personalidade. Para um dos entrevistados, o auge de sua carreira de professor foi o seu ingresso como educador em uma universidade, esse crescimento na carreira situa o professor socialmente, bem como interfere em seu sentimento de identidade e personalidade.

Questionados sobre o que procuram no trabalho de professor, cada um deles definiu indiretamente a sua missão, que segundo Frankl (1986, p. 160), “o trabalho pode representar o campo em que o ‘caráter de algo único’ do indivíduo se relaciona com a comunidade,

recebendo assim o seu sentido e valor. Contudo, este sentido e valor são inerentes, em cada caso, à realização (à realização com que se contribui para a comunidade) e não à profissão como tal”. Assim, cada homem foi feito para desempenhar na vida uma tarefa concreta e pessoal, uma missão.

Para os professores do Apoio, as missões definidas por eles foram:

- Atingir os objetivos planejados (Entrevistado J);
- Motivar os alunos a aprender (Entrevistado G);
- Procurar fazer aquilo que gosta, ajudar alguém (Entrevistado F);
- Conseguir com que o aluno aprenda (Entrevistada A);
- Educar como um todo e não só instruir (Entrevistada D);
- Conquistar a realização com a aprendizagem do aluno (Entrevistado I);
- Resgatar o interesse do aluno pelo ensino (Entrevistada B),
- Transmitir conhecimento, satisfazer o aluno naquilo que procura (Entrevistada C);
- Criar um cidadão, criar um indivíduo pensante, crítico e questionador (Entrevistado E);
- Conquistar o sucesso com o sucesso do aluno (Entrevistado H);
- Realizar-se como pessoa, receber algo digno pelo que faz e transformar os alunos em indivíduos (Entrevistado J).

Em cada uma das missões definidas pelos professores entrevistados vê-se que objetivam criar um produto de seu trabalho. Em alguns casos o produto é explícito - o aluno – em outros é o eu do professor que quer transformar-se.

Essa transformação do outro, tomando-se como exemplo a missão da Entrevistada E, é o produto do trabalho da educação, do ensino, do professor, dos profissionais em educação no seu vínculo direto com o passado e com o futuro. Conforme Codo (2000), o professor transforma o outro através do outro mesmo e o seu produto é o aluno educado, é a mudança social na sua expressão mais imediata. Por isso, em muitos momentos passa-se a reconhecer no aluno a marca específica do trabalho do professor.

O processo de trabalho dos professores do Apoio com os alunos, denominados aqui de fixos, aqueles que freqüentam o espaço semanalmente, se inicia e se completa em uma relação estritamente social, permeada e carregada de história; cria-se entre eles um vínculo afetivo. Este vínculo fica bem claro em algumas falas, em que se descreve o sentimento de responsabilidade, por parte do profissional de ensino, pelo sucesso do aluno. Constata-se também a descrição de um elo que se forma entre eles, em muitos casos criando-se sentimentos de filiação.

Segundo Antunes (1997), a existência de um estranhamento do trabalho acontece quando existe uma grande distância entre o produtor e o resultado do seu trabalho, o produto, que lhe defronta como algo estranho, alheio, como coisa.

Nas entrevistas não ficou explícito quão grande é a distância do professor (como produtor) para o resultado de seu trabalho (o produto – o aluno). Consta-se que, para as professoras que hoje se dedicam apenas ao Apoio, essa distância parece ser menor, pois elas estão muito próximas de seu produto, já que o atendimento é individualizado elas se sentem responsáveis pelo alcance dos resultados – a aprendizagem dos alunos com dificuldade de aprendizagem. Cada conquista do aluno representa o seu crescimento em aprendizagem e/ou como indivíduo.

Em outras entrevistas, principalmente nas dos professores com mais de um emprego e que trabalham em instituições particulares de ensino, a distância entre produtor e produto parece ser maior. Alguns relatam que nas salas de aula com muitos alunos é difícil saber se estes estão entendendo a matéria, a interação professor aluno torna-se menor e mais fragilizada, os professores não conhecem bem seu alunos e o resultado que se espera do aluno muitas vezes fica comprometido, pois se revela apenas nas notas de provas obtidas pelos alunos.

Albornoz (2004) aborda que a partir do momento em que se retira do trabalhador a sua criatividade, permitindo-lhe apenas usá-la para inovar na melhora do fluxo do processo e enfrentar os momentos em que esse processo esteja dificultado, retira-se o aspecto lúdico do trabalho. Pelos depoimentos dos professores, verifica-se que a maioria deles precisa usar sua criatividade para chamar a atenção dos alunos, motivá-los a aprender, torná-los mais críticos e questionadores.

Assim, tanto nas salas de aula como no atendimento individual que ocorre no Apoio pedagógico o professor, para atingir seu objetivo principal que é a aprendizagem do aluno, precisa criar um contato tácito, onde ele se propõe a ensinar e o aluno se dispõe a aprender. Segundo Codo (2000), motivação, cooperação, boa vontade, cumprimento das obrigações deixam de ser tarefas árduas para os alunos. E o professor precisa fazer um jogo de sedução, para conquistar a atenção e despertar o interesse do aluno para o conhecimento que ele está querendo abordar. Nas entrevistas alguns professores relataram que usam de artifícios para chamar a atenção de seus alunos, como por exemplo, brincadeiras, jogos, etc.

Dos dez professores, apenas o de História (Entrevistado I) e a de Português (Entrevistado D) escolheram a profissão de professor, os demais disseram que o acaso os levou a entrarem no magistério, ou por uma oportunidade que surgiu, ou por conquistarem

uma segunda opção no vestibular, ou por falta de vaga na escola em que estudavam. Porém quase todos afirmaram que não há arrependimentos nas escolhas e, alguns deles, fariam tudo novamente, por gostarem daquilo que fazem.

Com exceção dos entrevistados C e J que se mostraram desmotivados com o magistério, em consequência da falta de interesse do aluno em adquirir conhecimento, os demais professores repetiram o quanto se sentem satisfeitos e o quanto gostam da sua profissão.

Das falas dos professores do Apoio pedagógico montou-se o quadro 3 que reflete a percepção deles sobre quando o trabalho tem sentido:

<p style="text-align: center;">O trabalho tem sentido quando</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ a pessoa gosta do que faz; ▪ alcança o objetivo – a aprendizagem dos alunos; ▪ vê a necessidade do aluno de aprender; ▪ além de professor ele também é um educador; ▪ o professor consegue despertar o interesse do aluno; ▪ o professor vê o crescimento do aluno; ▪ o aluno está construindo conhecimento; ▪ professor faz aquilo que gosta e lhe dá prazer; ▪ o professor tem objetivos e motivação; ▪ o seu trabalho é reconhecido pelos outros; ▪ o professor sente-se satisfeito com a aula e vê que o aluno aproveitou; ▪ o professor transforma o aluno.
<p>O que eu procuro no trabalho</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ atingir os objetivos planejados; ▪ motivar os alunos a aprender; ▪ fazer aquilo que gosta, ajudar alguém; ▪ conseguir com que o aluno aprenda; ▪ educar como um todo e não só instruir; ▪ conquistar a realização com a aprendizagem do aluno; ▪ resgatar o interesse do aluno pelo ensino, ▪ transmitir conhecimento, satisfazer o aluno naquilo que procura; ▪ criar um cidadão, um indivíduo pensante, crítico e questionador; ▪ conquistar o sucesso com o sucesso do aluno; ▪ realizar-me como pessoa, receber algo digno pelo que faço e transformar os alunos em indivíduos.

Quadro 3 – Os sentidos do trabalho para o professor do Apoio pedagógico.

Segundo o quadro 3, o trabalho do professor tem que ser uma atividade produtiva que agrega valor a alguma coisa. Os professores entrevistados consideram que o seu trabalho deve conduzi-los a resultados úteis – a aprendizagem, o crescimento e a transformação do aluno.

Para Morin (2000), a maneira como as pessoas trabalham e o que elas produzem têm um impacto sobre o que pensam e a maneira como percebem sua liberdade e sua independência. Embora a autora tenha realizado sua pesquisa entre administradores, pode-se generalizar e concluir que o processo de trabalho, assim como seu fruto – nesse caso - o aluno, ajuda o indivíduo a descobrir e formar sua identidade.

O prazer e o sentimento de realização que podem ser obtidos na execução das tarefas realizadas pelos professores do Apoio dão um sentido ao seu trabalho. De acordo com os relatos dos entrevistados, o prazer e a satisfação vêm da execução das tarefas (planejar, ensinar, avaliar), onde lhes é permitido exercer seus talentos e suas competências, tais como resolver problemas que surgem nas salas de aula, fazer novas experiências (jogos, aulas práticas), motivar os alunos para aprender através da música. Ou seja, permitir que se realizem, atualizem seu potencial e aumentem sua autonomia.

Na percepção da pesquisadora, muito embora os entrevistados não tenham sido explícitos sobre isso nas entrevistas, os professores se interessam pelo trabalho do professor em si, por se acharem competentes para as exigências que este tipo de trabalho lhes exige. Todos são graduados, alguns pós-graduados e com muita experiência na docência, a maioria com mais de 30 anos no magistério.

O trabalho do professor, segundo eles, permite a sua realização como pessoa, por dar-lhes a oportunidade de vencer os desafios (diferentes alunos, diferentes escolas, diferentes classes sociais) e conseguir mudar a realidade de alunos com dificuldade de aprendizagem. Além disso, os professores do Apoio precisam resolver problemas durante a realização de seu trabalho. Precisam exercer seu julgamento para tomar decisões relativas à organização das suas atividades (quando o aluno não entende a matéria, quando ele não se sai bem nas avaliações, quando questiona sobre algo além do conteúdo), exigindo-lhe criatividade para resolver e vencer as dificuldades e desafios. Isso, segundo Hackman e Oldham (1976), reforça o sentimento de competência e eficácia pessoal, tendo uma influência no desenvolvimento da autonomia pessoal e também na motivação.

Schön (1987) também discorre sobre as tomadas de decisão necessárias em qualquer atividade quando diz que o agir profissional envolve estabelecer juízos responsáveis em situações de incerteza inevitável. No dia-a-dia do professor, esteja ele no Apoio ou na sala de aula, está sempre numa situação de incerteza.

Para o professor o trabalho tem sentido se este for útil e reconhecido por todos. O trabalho do professor é uma atividade que se inscreve no desenvolvimento de uma sociedade, segundo Hargreaves (2001), Basso (1998), Codo (2002), Freire (1979) e Vasconcelos (2002), por isso ele deve, conseqüentemente, respeitar as prescrições relativas ao dever e ao saber viver em sociedade, tanto na execução como nos objetivos que ele almeja e nas relações que ele estabelece. O professor precisa trabalhar em algo que acredita, com valores semelhantes aos seus para que possa sentir que seus resultados são úteis aos olhos da sociedade.

O professor ao realizar seu trabalho está em constante contato com os outros, conforme preconizam Codo (2002), Vasconcelos (2002), Freire (1979), sejam eles alunos, pais, supervisores, coordenadores, além de estar sempre mantendo relações numerosas, e, às vezes, intensas. Essas relações agem como um verdadeiro estimulante para o indivíduo, não somente para o desenvolvimento de sua identidade pessoal e social, mas também para o desenvolvimento de laços de afeição duráveis, procurando por vezes a segurança e a autonomia pessoal (MORIN, 2000).

A razão pela qual os professores pesquisados trabalham não está relacionada com o valor econômico do trabalho, não que este não seja importante, já que é o salário que propicia e permite prover as necessidades de base, mas porque seu trabalho é realizado com prazer e lhe permite a realização de algo do começo ao fim, com um resultado tangível e identificável.

Os professores acham sentido em seu trabalho quando:

- encontram utilidade na função que exercem;
- possuem sentimento de responsabilidade em relação aos resultados obtidos; e
- possuem conhecimento do retorno do seu desempenho no trabalho.

Assim, o trabalho não significa apenas o esforço físico e mental gasto pelo professor no dia a dia de sua função de educar, ele reflete a história de vida de cada ser humano e o contexto ao qual ele está inserido.

No próximo capítulo apresenta-se as considerações finais e as recomendações de possíveis pesquisas sobre o assunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado do trabalho continua a evoluir e passa por um momento de grande questionamento a seu respeito da mesma forma que se passou do trabalho livre, indiferenciado do cotidiano, ao trabalho escravo, deste ao trabalho servil e se ingressou no trabalho assalariado, que caracteriza as relações laborais que ainda existem no nosso momento atual, emergindo atualmente indignações sobre o futuro e as perspectivas do labor humano.

Os arcabouços teóricos apresentados demonstram claramente as perspectivas de o trabalho ser re-direcionado no sentido de um caráter filosófico-pessoal-profissional.

A pesquisa empírica realizada constatou que a percepção dos trabalhadores – os professores – a respeito do trabalho se molda igualmente nos termos apontados pela teoria, refutando o trabalho penoso e sem sentido e corroborando as formulações teóricas.

Embora a concepção dos teóricos do assunto e a percepção expressa pelos trabalhadores configurem claramente o trabalho como produto de uma evolução histórica em que determinados acontecimentos provocaram este direcionamento, no sentido da valorização excessiva do fator econômico como justificativa para o trabalho, isso não foi percebido nas entrevistas realizadas com os professores do Apoio.

Se, ao longo da história, o trabalho significou a sobrevivência, posteriormente, a obtenção de excedentes e, mais tarde, a obtenção de renda, os dados colhidos neste estudo de caso permitiram identificar um momento a partir do qual a modificação, ou ao menos a ampliação do significado do trabalho é iminente: através dele, as pessoas manifestaram a importância de obter a realização social, o prazer e a satisfação, em uma atitude de resgate do sentido do trabalho.

Percebe-se que muito lentamente, o trabalho não significa apenas a labuta e o esforço, por um lado, e renda por outro, mas produz também indenizações e vantagens dificilmente substituíveis no tempo livre, como “status” e reconhecimento, identidade e auto-consciência, contato com outras pessoas, alívio das necessidades, prazer e satisfação, responsabilidade própria e permanente pelo conteúdo de suas próprias atividades e do seu uso do tempo.

A pesquisa empírica realizada constatou a expressão de um desejo dos professores de não mais exercerem o trabalho penoso, sem tempo para o convívio social e sem que seja pessoalmente gratificante.

Ao contrário, trabalhar, na percepção encontrada, volta-se para o sentido de ocupar-se, com a adoção de formas compatíveis com um mundo de trabalho digno. Para os professores do Apoio o trabalho tem sentido quando ele gosta do que faz, o faz com motivação e satisfação, sabe claramente aonde o trabalho o conduz (sendo essencial que os objetivos sejam claros e valorizados) e quando eles visualizam e valorizam os resultados alcançados.

O conjunto de informações e questionamentos sistematizados no estudo de caso que ora se conclui possibilitou, além da obtenção de repostas aos objetivos da pesquisa, verificar a decisiva influência das circunstâncias vigentes em cada momento no comportamento daqueles que as vivenciam, e que se traduz em atitudes e concepções muito específicas, porém mutáveis, ao sabor dos novos acontecimentos e contextos. Ainda, permitiu constatar o quanto o trabalho é inerente às pessoas, quão estreitas são as suas relações com aquele e quanto empenho há na tentativa de renovar efetivamente esta relação, na direção da auto-realização, do crescimento pessoal e do outro e do resgate do trabalho no sentido de ocupação e não de labor.

Além de atender a estas necessidades subjetivas, a pesquisa que ora se conclui pode fornecer subsídios à elaboração de outros trabalhos sobre o assunto.

5.2 RECOMENDAÇÕES

Sugere-se a realização de novas pesquisas visando, entre outros pontos, aprofundar questões correlatas à que foi objeto deste estudo, não suficientemente elucidadas, como:

- a aplicação de pesquisa empírica semelhante à que se desenvolveu no presente estudo de caso, no contexto das escolas públicas e privadas, de modo a se obter a percepção sobre o sentido do trabalho para estes professores;
- o sentido do trabalho sob os pontos de vista patronal e de dirigentes sindicais;
- o sentido do trabalho para trabalhadores aposentados;
- a diferença empírica entre os conceitos de emprego e trabalho.

6 REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2003.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARRUDA, Marcos. *Educação para que trabalho? Trabalho para que Ser Humano?* Reflexões sobre educação e trabalho, seu significado e seu futuro. Niterói, Rio de Janeiro: Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2001.

ASSUNÇÃO, Maria M.S.. *Magistério primário e cotidiano escolar*. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.

BAIJOT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, n. 5, 1997, mai.jun.jul.ago; n.6, set.out.nov.dez. p. 76-95.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BASSO, Itacy Salgado. *Significado e sentido do trabalho docente*. Cad. CEDES, Abr. 1998, vol. 19, nº 44, p. 19-32. ISSN 0101-3262.

BASTOS, Antônio V.B.; PINHO, Ana Paula M.; COSTA, Clériston Alves. Significado do trabalho – um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v.35, n.6, p. 20-29, nov.dez/1995.

BATISTA, Anália Soria; CODO, Wanderley. Crise de identidade e sofrimento. In: *Educação: carinho e trabalho*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. O outro como produto. In *Educação: carinho e ternura*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEHRENS, Maria Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In: Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

BUARQUE, Cristovam. *A aventura da universidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

CARNEIRO, Moaci Alves. *LDB Fácil leitura crítica compreensiva artigo a artigo*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CATTANI, Antônio David. *Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia*. 4.ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Comentários. *Revista Subjetividades Contemporâneas*. São Paulo: Sedes Sapientiae, ano 1997, n. 1, p.110-125.

CODO, Wanderley. *Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DEJOURS, Christophe; DESSORS, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: 33(3): 98-104, mai.jun. 1993.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho*. 5.Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *A Banalização da Injustiça Social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DUARTE, N. *A individualidade para si*. Campinas: Autores Associados, 1993.

DUTRA, E.. *O ardil totalitário – imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de

Janeiro/Minas Gerais: Editora UFRJ/Editora UFMG, 1997.

ENGLAND, G.W.; MISUMO, J. Work centrality in Japan and United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v.17, n.4, p. 399-416, 1986.

FERRETI, Celso J. *Opção trabalho: trajetória ocupacional de trabalhadores das classes subalternas*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FRANKL, Victor. *Psicoterapia e o sentido da vida*. São Paulo: Quadrante, 1986.

_____. *Em busca de sentido*. 21.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

FRIEDMANN, Georges. *O trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho e conhecimento, consciência e b educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: *Gomes, Carlos M. et. Alii (orgs.). Trabalho e conhecimento, dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1995, p.13-26.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FROMM, Erich. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. 8.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FULLAN, Michael; HARGREAVES, Andy. *A escola como organização aprendente – buscando uma educação de qualidade*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GAZZOTTI, Amália; CODO, Wanderley. Trabalho e afetividade. In: *Educação: carinho e trabalho*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar.abr. 1995.

_____. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai.jun. 1995.

GUARESCHI, P. A; CRISCI, C.L.L. *A fala do trabalhador*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

HACKMAN, J. R; OLDFHAM, G.R. Motivation through the design of work: test of theory. *Organizational Behavior and Human Performance*, v.16, p. 250-279, 1976.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

HARGREAVES, Andy. *O ensino como profissão paradoxal*. Pátio revista pedagógica, n.16, Fev/Abril 2001, p. 13-18.

HARMAN, Willis W; HORMANN, John. *O trabalho criativo: o papel construtivo dos negócios numa sociedade em transformação*. São Paulo: Cultrix, 1990.

HIRATA, Helena. “Da polarização das qualificações ao modelo da competência”. In: Celso J. Ferretti et. Alli (orgs). *Novas Tecnologias, trabalho e educação: um debate interdisciplinar*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994 p. 128-142.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

IMBERBÔN, Francisco. *A educação do futuro não está tanto nos professores, mas no prefácio da comunidade*. Pátio, nº 16. fev.abril 2001.

KATZ, C.. Evolução e crise do processo de trabalho. In: *Novas tecnologias: críticas da atual reestruturação produtiva*. KATZ et. Al. São Paulo: Xamã Editora, 1995, p. 11-44.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de idade média – tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.

LÉVY-LEBOYER, Claude. *A crise das motivações*. São Paulo: Atlas, 1994.

LIMA, M. E. A.. O significado do trabalho. In: *Administração contemporânea – algumas reflexões*. Minas Gerais: Editora UFMG. 1988, p. 69-134.

LUKACS, Gyorgy. *Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.

MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Liv. 1, v. 1.

_____. Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. In: Fernandes, F (Org.). *Marx, K., Engels, F.: História*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1984, Grandes cientistas sociais, nº 36.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. *Os pensadores*. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: Michel Thiollent. *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. 3.ed. São Paulo: Polis, 1982, p. 191-211.

MIGLIACCIO FILHO, Rubens. Reflexões sobre o homem e o trabalho. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: v. 34, n.2, p. 18-32, mar.abr.1994.

MIOCH, Robert. Corrigindo rumos: mudar para melhorar: pequenos passos rumo ao êxito para todos. *Educação Paulista*. São Paulo: SE/APS, p. 24-31, 1997.

MORIN, Estelle M.. Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul.set 2001.

NAKANO, Marilena. Uma categoria do espírito humano: b noção de pessoa, b noção de “eu”. In: Michel Thiollent. *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. 3 ed. São Paulo: Polis, 1995, p. 191-211

NARDI, Henrique C.; TITTONI, Jacqueline; BERNARDES, Jefferson Souza. Subjetividade e trabalho. In: Antonio David Cattani (org). *Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia*. 4ª ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Lisboa: Âmbar, 2001.

PIMENTA, Joaquim. *Enciclopédia de cultura (sociologia e ciências correlatas)*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1955. p. 370-376.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: Métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Rosângela Verônica dos. O processo histórico-social do trabalho e sua repercussão sobre a saúde. *Saúde em Debate*, n.36, p. 51-57, out. 1992.

SAVCHENKO, P. *Que es el trabajo?* Moscou: Editorial Progreso, 1987.

SCHOECK, Helmut. *Dicionário de sociologia*. 4.ed. Barcelona: Herder, 1985. p. 730-731.

SCHÖN, Donald. *Educating the reflective practitioner*, San Francisco: Jossey-Bass, 1987.

SCHULER SOBRINHO, Octalício. Psicologia, sociologia e antropologia do trabalho. In: VIEIRA, Sebastião Ivone. *Medicina Básica do Trabalho*. 2.ed, Curitiba: GENESIS, V.I, capítulo XII, 379-445, 1995.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e valor. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, vol. 8, 1996, p. 147-158.

SELIGMANN-SILVA, Edith. *Desgaste mental no trabalho dominado*. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UFRJ Ed., 1990.

SINETAR, Marsha. *The actualized worker*. Futurist, mar.abr, 1987, p. 21-25.

SINGER, Paul. “A crise das relações de trabalho”. In: Alfredo Jerusalinsky et. Alli (Orgs). *O Valor Simbólico do Trabalho e o sujeito contemporâneo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p. 57-65, 2000.

SIEVERS, Burkard. Além do sucedâneo da motivação. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, 30(1), jan.mar, 1990.

SORATTO, Lúcia; OLIVIER-HECKLER, Cristiane. Os trabalhadores e seu trabalho. In: *Educação: carinho e trabalho*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Trabalho: atividade humana por excelência. In: *Educação: carinho e trabalho*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Paulo Renato. *O que são empregos e salários*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Wisdom, time and learning of their work by teachers. *Educ. Soc.*, dic. 2000, col. 21, n. 73, p. 209-244. ISSN 0101-7330.

THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. 3.ed. São Paulo: Polis, 1982.

TITTONI, Jaqueline. *Trabalho e subjetividade: a experiência no trabalho e sua expressão na vida do trabalhador fora da fábrica*. Porto Alegre: Ortiz, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.

TUMOLO, Ligia Maria Soufen; TUMOLO, Paulo Sérgio. A vivência do desempregado: um estudo crítico do significado do desemprego no capitalismo. *Revista Espaço Acadêmico*. São Paulo: n. 43, dez.2004.

VASCONCELOS, Maria Drosila. O trabalho dos professores em questão. *Revista Educação Sociedade*. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 307-311, dez.2002.

VASQUES-MENEZES, Iône; GAZZOTTI, Andréa Alessandra. A si mesmo como trabalho. In: *Educação: carinho e trabalho*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos. *Projeto Político-Pedagógico da Escola – uma construção possível*. 5 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

VYGOTSKY, L. - *Pensamento e linguagem*. SP, Martins Fontes, 1988.

WEBER, Max. A ética protestante. *Os pensadores*. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Atesto para fins de estudos acadêmicos que a Sra. ANY DE BRITO MEDEIROS é aluna do Curso de Mestrado Profissional em Administração da UDESC e está empenhada em pesquisar o sentido do trabalho para o professor no município de Florianópolis, sob minha orientação.

As informações colhidas serão utilizadas unicamente para a elaboração de sua dissertação de mestrado.

Sua colaboração será de fundamental importância, na medida em que estará enriquecendo a qualidade de sua tese.

Cordialmente,

Prof. Dr. José Luiz Fonseca da Silva Filho
Orientador

Florianópolis, julho de 2006.

ANEXO B - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES
DO APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Estado Civil:
3. Data de Nascimento:
4. Idade:
5. Grau de Instrução:
6. Município de Origem:
7. Ocupação Principal:
8. Professor de:
9. Além do Apoio, possui outro emprego:
10. Onde:
() Escola Pública
() Escola Privada
() Universidade Estadual/Federal/Privada
() Escola Técnica Federal
() Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério:
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista:

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

1. Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?
2. E quando que ele não tem sentido?
3. Qual o significado do trabalho para você?

4. O que você procura no seu trabalho como professor?
5. Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico.
6. Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:
 - a. As relações hierárquicas no Apoio pedagógico;
 - b. As relações com os alunos.
7. Por que você escolheu a profissão de professor?
8. Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

ANEXO C - ENTREVISTAS

ENTREVISTADO A

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
 CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
 ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: () Masculino (X) Feminino
2. Estado Civil: **Casada**
3. Data de Nascimento: **29/11/1953**
4. Idade: **52 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura em Matemática – Pós-graduação**
6. Município de Origem: **Florianópolis**
7. Ocupação Principal: **Aposentada**
8. Professor de: **Matemática**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **não**
10. Onde: () Escola Pública () Escola Privada () Universidade (X) Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **25 anos**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Léa**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

1. Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: Olha! Só tem sentido quando ele gosta mesmo. Porque o que a gente vê, olha depois como diretora, enquanto eu fui professora eu achava que numa escola só precisava de duas coisas professora e aluno. Professor pra ensinar e aluno pra gente poder dar aula,

porque senão tiver ele não tem razão da escola. E quando eu passei a diretora, aí, eu aí comecei a ver o outro lado, um lado assim, que tem que tar cuidando de professor que não dá o programa direito, tem professor sabes comé que não faz o trabalho devido de um professor. Eu acho isso devido assim muito bico né, o professor na verdade até os que se importam devido a má remuneração e devido a por isso tem de ter mais de um empregos eles não conseguem assim é se dar pra aquele serviço ali deles. Eu também eu saia de casa, assim ó, eu , eu comecei vê em 76 quando eu já tava dando aula 2 anos eu casei , em 77 em setembro nasceu o meu primeiro filho, quando eu ganhei eu pensei assim, aí agora eu vou trabalhar só meio período, porque eu tenho neném, mais eu lembrei assim o meu salário vai ficar pela metade, já não é muito , e eu sempre fui assim meia independente, né, embora casada a 30 anos, até hoje eu sou independente, e eu achava aquilo ali assim ó, já ficava ruim pra mim. E daí eu fui conciliando aquela coisa de ter filho e dar aula tudo. Então eu levava, eu tive sorte que a minha mãe morava perto, eu embrulhava o neném e levava para a casa da mãe e ia dar aula. Dei aula até de 40 horas, ou seja, os dois períodos né. E daí eu achava engraçado que as vezes eu deixava eles em casa e depois veio outro, depois de bastante tempo veio outra menina, que eu tenho um de 28, uma de 25 e uma de 19. E daí, depois eu com o passar assim do tempo eu criei assim, eles ficavam doente na mãe eu dizia assim ah lá na hora do recreio eu te telefono para saber como eles tão, quando acaba eu não telefonava coisa nenhuma. Porque, eu me lembro assim, quando eu entro na escola, eu entrei agora eu sou professora e quando eu tirava o pé da escola, aí eu dizia agora eu tenho que pensar que eu sou mãe, que eu sou dona de casa, nunca tive empregada, nunca tive uma faxineira assim nos períodos mais conturbados eu sempre fiz tudo em casa e tudo, então era uma vida bem corridinha né, depois ainda quando montou o curso pré-vestibular solução eu entrei junto que convidaram, daí eu ainda dava aula de noite mais eu vejo assim, quando a gente faz, eu nunca pensei assim ó, a eu não vou explicar direito porque eu ganho mal sabe comé. Tu tens que explicar o melhor possível, tu tem que partir do princípio que o aluno nunca sabe nada, tanto que eu o meu quadro era dividido, eu tinha um pedaço do quadro pra dar o conteúdo e aqui eu tinha uma divisão com um pedacinho para o lado de cá. Então se eu ia dar uma matéria, segundo ano do segundo grau lá pelas tantas alguém necessitava de algum conteúdo lá da sétima, eu não dizia pra eles isso é lá da sétima vocês sabem, eu ia lá naquele pedacinho escrevia aquela parte e revisava com eles aquele conteúdo lá da sétima. Oh lá na sétima série foi dado essa matéria aqui assim, aí eu botava e aí a gente fazia assim via tudo de novo, porque essa matéria ainda vai precisar pra lá aí eu voltava lá e mostrava para eles que eu tava fazendo

tudo o que eu tinha do lado da sétima série, dessa maneira eu acho que era fácil. Nunca tive assim problema com disciplina de aluno, quem se lembra de mim do Instituto, até lembra assim ó, que no começo do ano quando eles pensavam assim ó, quem vai dar aula de química professora Lea, eles ficavam assim apavorados. Meuuu é ela, porque assim ó, o aluno ele quer que tu escutes ele mais ele não quer tu fiques contando pra ele coisas que não interessam né, tu tem que deixar que ele te pergunte, aquela coisa de que eles olham a aliança na mão da gente, lá pelas tantas um vai ter interesse Ô professora a senhora é casada? A senhora tem filho? Mais tu tens que deixar, eu noto que quando eu fui diretora eu notava assim, a professora no primeiro dia de aula ele chega na sala ele quer parecer bonzinho, aí ele dá , ele começa a conversar, aí conta a vida dele toda pro aluno, que não ta interessando nada, o aluno nem conhece, nunca viu o professor na frente dele e naquele dia assim hoje nós não temos nada pra fazer, eu era o contrário, eu chegava na sala de aula, eu vou dar aula de química pra vocês, o nosso programa é esse, aí já botava os tópicos que se ia estudar naquele ano, normalmente já fazia a divisão esse aqui é março, abril, maio, esse aqui maio, junho, julho agora eu já sabia bem dizer como ia rolar, ó não vamos fazer prova dessa forma, ó que eu quero de vocês é um caderno, como vocês quiserem grande, pequeno, também se quiserem escrever em folha pode como quiser, o importante é que escrevam e que aprenda, eu dizia pra eles. Se vocês quiserem comprar um caderno e penso assim quantos quantas folhas terá o caderno que a professora quer, se vocês for fazerem tudo o que eu quero o caderno de 10 matérias é pouco, eles já olhavam assim espantados. Quer dizer que tu mostrava a importância da matéria, sabe comé ? E daí eu dizia gente para hoje vocês não irem embora de mão abanando vamos começar e aí pá pá pá pá. Já explicava e dava sempre alguma coisa que eles já deveriam fazer, então quer dizer, que era pra eles saberem que não era moleza , sabes comé? E aquele ali me facilita porque no começo tu não ri, né, é só aquele, aquela coisa vocês me respeitem e eu respeito vocês, porque também de professores que acha assim ó, que eu sou professor que eu posso fazer tudo, e o aluno não pode abrir o bico porque senão eu posso botar para a rua, eu posso fazer o que eu bem quiser, não. A gente tem que saber que a gente tem que respeitar o aluno como aluno e eles respeitarem a gente como professor, tá? Então eu sempre deixei bem claro com eles isso, nós tínhamos que ser amigos, amigos daquela forma: eu sou a professora, vocês são os alunos, eu tenho obrigação pra com vocês, eu tenho que explicar bem, pra vocês aprenderem bem, e vocês tem obrigações de prestar atenção e dizer as dúvidas, fazer os deveres, quanto melhor notas vocês mais feliz eu fico, sabes comé? Então eles aprendiam, quando chegava assim lá pelo terceiro, quarto mês já

quando tinha se era uma aula faixa eu podia contar até uma, fazer uma brincadeira, no meio e todo mundo ria e depois eu dizia chega, todo mundo parava. O que eu vejo hoje em dia, eu tenho muita pena, vejo assim ó, que não existe mais isso. Tu sabes que quando eu botava um aluno pra rua no ano o Instituto todo comentava. Ó professora Lea botou fulano pra rua. E tinha professor botava 15, 16 todos os dias e ninguém dizia nada. Então quer dizer, até eu sai eu sempre fui assim, tanto que ó, eu não tirei minhas licenças prêmios, porque quando a licença que eu queria tirar era lá no final já do ano prá emendar com festas com tudo, eu quando chegava lá pra setembro eu dizia pô eles tão tão bem no meu ritmo, eu agora entro em licença, aí vai entrar outro e estragar tudo o que eu fiz até agora, aí eu acabava não tirando a licença, com isso até eu me privilegiei porque se não fosse as licenças que eu tinha não tinha conseguido me aposentar na época. Eu me aposentei em novembro e em dezembro fizeram aquela aposentadoria em 98. A minha mãe diz que Deus me empurrou, como eu sempre fui muito, assim, pensava mais no aluno do que em mim, na minha casa ... foi um prêmio. Eu tinha assim, eu tenho a sala de jantar e a sala de visita, mais a sala de jantar a luz eu acendia batia bem na minha cama, daí eu via assim, que as vezes o Walter reclamava a que tu ainda ta corrigindo prova não sei o que , eu me acordei, então o que eu fazia eu mudei a sala de jantar e a sala de visitas de lugar para não ter mais problemas da luz, eu ia lá tomava o meu banho, botava o pijama, me arrumava toda e fazia que ia dormir; aí, o Walter dormia eu me pegava e me levantava, acendia a luz e pá pá pá e corrigia as provas toda, apagava a luz e devagarzinho, ó, me metia na cama, as vezes quando eu tava me deitando ele sentia e dizia assim: ó tu ainda tava acordada? Não, não eu fui fazer xixi. ... Nunca fiquei com prova de aluno, nunca deixei o aluno ficar a porque eu não sei o que eu fiz na prova, e pra muitos é isso que falta.

2. E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Olha eu acho que quando ele olha, quando ele vai pra uma escola, não tem objetivo nenhum. O que eu noto é que muitos professores, eu vejo até pelas provas aqui, eu olho pra uma prova esse professor não traçou um objetivo. Porque eu costumava logo fazer assim ó, eu dava por exemplo, quando dei os últimos anos eu dei muita aula para os 3º ano do segundo grau – escola pública!Então o que é que eu fazia: eu pegava os últimos vestibulares tudo e cada matéria que eu ia dando, quando eu acabava o conteúdo eu entregava uma folha de exercícios, que eram só exercícios que caíram no vestibular daquela matéria. Dizia pra eles essa folha , não to dizendo que é obrigado a fazer, aqui to

dando de presente pra vocês, as questões do vestibular, sabe comê? E acho assim tem professor que chega na prova e bota uma questão difícil pro aluno as vezes ele traz aqui e aí a gente tem que pensar, de tão enrolada, pra quê? Eu acho que o teu objetivo numa prova é ver se o aluno aprendeu ou não aprendeu aquilo que tu ensinaste, tem professor que ensina uma coisa e quer que o aluno ali faça, pense o restante e o faça o restante do conteúdo, não! E agora tem uns que ainda assim ó professor diz olha leiam o conteúdo, aí o aluno tem que abrir o livro e lê tudo e ele manda fazer exercício. Ainda não entenderam? Ainda não fizeram? Que é que o professor ta fazendo na sala? Outro dia eu disse pra uma menina daqui, disse pra ela: se eu fosse a tua mãe eu ia na escola e dizia: muito obrigada, se é pra minha filha estudar do jeito que ela está estudando ela fica em caso, porque em casa pelo menos ela ta recostada, sentada, bem acomodada, levanta, faz um lanche, volta, que ler livro não precisa de escola, pagar um dinheirão; e escola tudo paga. Eu acho assim, o que falta objetividade do professor, falta ele vê essa coisa assim dá, o que existe, né, aquele relação professor aluno, né, que tem que ser aquele relacionamento na base do respeito um para com outro, não só o aluno tem que respeitar o professor, quantas vezes tu vês dizer aqui ó: mau eu olhei pro lado o professor me botou pra rua, por que? Se tu vai numa reunião de professores, tem que gritar, bater as mãos pra eles cala a boca, porque fica todo mundo falando, sabes comê? Então eu acho, assim, e tem muita incoerência, quando eu era diretora o professor botou um aluno pra rua e disse assim: ou eu ou tu? E botou o aluno pra rua. Eu chamei o professor e disse pra ele: eu sinto muito, eu não sei se tu queres embora, porque eu não posso mandar o aluno embora, botar o aluno, mandar o aluno embora da escola porque Tem que ser coerente, tu tens que dizer exatamente aquilo que tu faz, eu dizia pro aluno ó: se vocês me incomodarem a ponto de eu ver que não tem jeito, eu vou botar pra rua, se eu botar pra rua eu vou dar um zero na nota de participação, então o aluno comigo eu não tinha problema, ele sabia tudo, professora posso chupar bala? Pode, só não pode jogar o papel no chão. Se jogar o papel no chão tu vais chupar o papel junto, eu dizia pra ele, sabe comê? Eles sabiam assim, tudo que a professora Lea diz ela cumpre, se ela disser que bota pra rua ela bota, eles estavam sempre preparados. Tem aluno coitadinho que nunca sabe como o professor vai agir! O professor tem que ser coerente, ele tem que agir de uma forma que o aluno esteja preparado porque daí o aluno sabe até aqui eu posso com ele daqui em diante não posso. Eu acho que falta hoje em dia, falta isso, então eu tenho muita pena quando vejo, que escuta um monte de reclamação né, eu não quis mais voltar pra sala de aula, até eu fui convidada, depois de aposentada, mais não quis voltar por causa assim, não gosto daquela

coisa de reunião de professores, por que no final não leva a nada, a gente vê que debate, fala, fala e no final nada, tem professor que foi pra reunião de professores como aqueles conselhos de classe tudo, que daí assim ó : ai porque tem professores que deixam os alunos chuparem bala, eu deixava, só que o aluno, eu deixava na minha aula , o aluno não me incomodava, ele podia trazer laranja, ele podia chupar laranja, ele podia come o pão dele, podia comer o que quisesse, não tinha problema, aluno de boquinha fechada mais fácil ainda. Então pra quê que eu vou reclamar do aluno? Então eu digo, eu tive tão bons relacionamentos assim com os alunos que antes de eu dar aula no Instituto, e até um pouco junto, no começo da carreira eu dei aula no Rosa Cruz de Miranda, que era uma escolinha lá nosabe que de lá teve vários que se formaram em engenheiros civis, engenheiro mecânico tudo , teve um uma família lá que vários foram meus alunos e chegaram a me trazer um convite da formatura, o convite do casamento, eu fui ao casamento deles tudo, daquela época que eles eram meus alunos. E é muito comum a gente encontrar , eles conversar, a pouco tempo agora encontrei uma moça ela foi minha aluna, a minha mãe agora mora na sua rua, quer dizer conheço a família toda. Teve um aniversário ai a senhora foi minha aluna, minha professora, sabes comé? Quer dizer que eu acho que devido a esse relacionamento que não deixa dúvidas pro aluno, a maneira como é que ele vai fazer ... tem aluno que chega aqui totalmente perdido.

3. Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Olha! Eu amo química. Gosto de dar aula, tanto que quando eu me aposentei eu não parei por isso, porque eu sentia a falta daquela coisa de tá trabalhando com aluno, viu. Embora hoje eu trabalhe aqui, e gosto de dar aula aqui, mais eu gostava ainda mais da sala de aula, aquele contato com um monte de aluno, tá! Então, assim, tanto que quando eu me aposentei eu fiz assim, como eu parei de trabalhar, de estudar e logo eu passei no vestibular, quer dizer assim oh continuação eu estudei e quando eu tava na faculdade eu já comecei a dar aula, eu me aposentei em 75 mais eu já dava aula em 74 eu já comecei assim a dar aula com vínculo, né e nunca tinha parado. Aí quando eu me aposentei eu disse pro Walter vou parar um pouco, não fiquei mais do que um mês parada porque não tinha condições, eu me sentia mal, aí comecei a sentir dor de cabeça, sentia um monte de dor que não tinha nada a ver, né, só porque eu acho que é de tar assim parada. Hoje não, dou aula, só é bom aqui porque assim aquele compromisso de horário, assim, todo dia naquele horário , como uma sala de aula normal que ainda tem os compromissos de correção de prova, tudo era bem diferente. Eu o que eu não gostava de dar aula, de fazer a

prova, porque acho uma aula muito chata que só tem que ficar ali olhando e cuidando que eles estão fazendo prova, e a correção da prova, que eu acho que é obrigado a ter, eu não gostava porque era obrigatório assim, o professor fez uma prova ele tem obrigação de na aula seguinte entregar a prova para o aluno, porque senão principalmente na matemática o teu conteúdo todo é uma continuação, então se tu faz uma prova, não entrega para o aluno, continua a matéria normalmente, tu não visses o que o aluno errou, aonde estão as dificuldades e nada, então eu fazia uma prova, eu costumava corrigir de madrugada, porque daí eu sentava e corrigia tudo, então na aula seguinte. E quando eu dava aula, eu já dizia assim, oh fulano tu errou aqui porque eu sabia tudo de cor porque eu tinha corrigido tal, tu errou aqui ó, o que é que tu tens dúvida, sabe como é que é? Então, toda aula que eu tinha depois de um dia de prova era uma aula de fazer a correção, para tirar todas as dúvidas referentes aquela matéria. Porque daí tu passava para outra, mais os alunos já não tinham ficado com dificuldade, nem com pendência nenhuma de conteúdo.

4. O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: O meu objetivo é que o aluno aprenda, entender exatamente aquilo que eu dei, sabe comé? Eu dei e dali ele poder tirar as conclusões dele, por isso, ... quanto aos exercícios em sala de aula eu dava dos exercícios mais facilcinhos até aqueles exercícios difícil que o cara podia quebrar a cabeça, que não conseguia fazer, ali eu botava todos. Na prova, eu botava os fáceis, os médios, agora aqueles difíceis não é necessário, podia dar aquele um pouquinho mais assim pra ver se ele ta, agora não aquela coisa que tu não falou, que tu não disse nada, porque senão tu vais testar teu objetivo, tu não tens objetivo nenhum com aquilo ali.

5. Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico?

Resposta: Oh, aqui no Apoio eu tenho, em casa eu tenho uma pasta de cada série, costumo pedir pros alunos quando eles vem ter aula que eles tragam as provas daquele ano que eles estão tendo, então à medida que eles vão ser alunos da gente eles vão trazendo as provas, eu vou tirando uma cópia e vou guardando tudo sempre pra depois assim ó, por exemplo, eu vou dar aula pro aluno da, geralmente é mais do Catarinense, aí eu faço assim, eu vou dar aula pra 8ª série, aí eu vejo qual é o conteúdo, geralmente eu peço pra Neusinha levantar, e daí eu já preparo um exercício com aquele conteúdo pra que ele possa fazer. Então quando ele chega, eu não dou nada, primeiro eu vejo o quê que tu queres fazer, ai ele já fez, sabe comé? Tira um pouco até da graça, então eu deixo ele,

eu deixo ele disser: não eu queria tal coisa. Tem muitos que eu nem dou Apoio, porque as vezes eles disseram: ó eu gosto de estudar pelo livro, eu trouxe o livro, professora disse que era essa página, aí eu me detenho ali no livro. Se ele for fazer mais uma aula antes da prova, aí eu digo pra ele, então eu vou trazer uma folha pra ti com exercícios baseados nesses que tu trouxesses pra ver se tu sabes, aí faço um exercício tudo com exercícios da prova, de livros que eu tenho em casa pra aqueles tipos ali, já pra ele ficar mais, pegar mais o jeito, ta?

6. Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: A minha profissão foi um caso atípico, eu estudava no Colégio Coração de Jesus do jardim até a 8ª série, mais lá elas tinham costume na época de fazer um teste vocacional. Aí o meu teste deu assim ó: arquitetura, belas artes e matemática, e os três primeiros. Arquitetura na época não tinha aqui, minha mãe não ia deixar eu ir pra fora, porque minha mãe não, porque era só eu e meu irmão, Deus que me livre se ela ia deixar a filha estudar em outro lugar, não tinha jeito. Belas Artes nem tinha aqui também, eu achava que meus trabalhos não via nada que eu desenhasse com tanta arte, tá. E daí eu fiquei pensando ó matemática, quanto que minha mãe, chamaram a mãe, eu tirava notas ótimas, elas chamaram a mãe e disseram assim ó: ah, pelo teste vocacional dela, ela não tem como ficar aqui na escola, porque aqui é mais dirigido pra quem quer o magistério, magistério assim criança, né, de primário e até quarta série, e também assim a parte mais de enfermagem essas coisas. Aí a mãe chegou em casa e disse ó: as freiras disseram que tem que procurar outro lugar pra estudar, porque lá não dá mais. Eu assim aquilo um cúmulo, porque eu sempre fui uma ótima aluna tudo e dizer uma coisa dessas. Aí eu peguei fui ver assim no Instituto, achei o Instituto horrível, tava acostumada com tudo encerado achei tudo bagunçado, aí uma prima minha assim ficou com pena de mim e disse assim não tu faz de noite, vamos estudar contador que daí eu estudo contigo, fui no contador e cheguei lá olhei pra dentro, aquela escada, tinha aquela da Hercílio Luz, tinha ali na aonde é aquele ooo Lauro Muller, ali também tinha. Aí fui ali, tinha um cheiro de xixi tudo, que horror, que horrível, aí sabe que mais eu vou fazer no Instituto mesmo, daí uma amiga minha que estudava comigo no Colégio me ligou assim O Lea me diz que sala que tu vai te matricular no Instituto que o pai vai me matricular na tua sala, aí era uma amiga né, e aí nós vamos pra o Instituto e ela nós duas estudamos juntas três anos, quer dizer 1º, 2º e 3º, era bom a gente já tava acostumado, trabalho fazia tudo junto, embora depois a gente se ambientou com todo mundo, mais era aquele início assim, sai de uma

escola que é só mulher, tudo encerrado, não se pode arrastar uma cadeira, não se pode fazer um risquinho na mesa, tu chega aqui uma carteira toda riscada, né, tudo completamente diferente. Aí eu fiz os três anos, na época o vestibular era assim ó: ciências físicas, também, ...tu só escolhia a área que tu querias, aí escolhi a área física, a minha turma toda fez pra engenharia, é civil e mecânica e daí eu peguei e eles estudaram, Lea vamos fazer engenharia, eu até tirei notas assim, notas boas na sala, mais aí eu comecei assim, aí eu comecei a fazer as cadeiras que eram tudo iguais, e eu comecei uma química, achei matemática horrível, tanto é que eu não suporto esta disciplina, tanto era aquela coisa de materiais aquela coisa, e eu gostava de química, e daí me inscrevi e não assim, não me arrependi, gosto de ser professora de química, se tivesse que escolher de novo queria ser novamente professora de matemática, só acho que o curso da federal hoje não sei como ele tá, mais eu achava horrível, muito ruim, porque ó o curso de matemática que eles davam pra gente saí pra ser professora de matemática era uma engenharia mau dada, uma engenharia que não tinha nada, a parte operacional, a parte prática, mais a parte teórica estudava aquela coisarada, aquelas análises de, tudo, tudo sem necessidade, quando tu sai aqui fora, tu tá totalmente despreparada, eu tive sorte que eu comecei a dar aula antes que a minha mãe não queria, não eu disse assim não eu quero, eu mesma fui lá, fui a luta procurei escola e comecei a dar aula tudo, que me valeu até pra aposentadoria né. E comecei a dar aula tudo quando eu tive que fazer os estágios eu já tava acostumada a dar aula, aí eu não tive dificuldade.

7. Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

a. As relações hierárquicas no Apoio:

Não, aqui se ela escolhe quem vai dar aula, tá, aqui é como se fosse ela alugasse a sala pra gente dar aula, é ela aluga né mais ou menos, ela bota como nestes termos como se ela alugasse, então quer dizer que ela ali marca as aulas tudo, ela organiza e daí ela olha tu vai dar aula pra tal e tal, a gente não escolhe. E daí a gente como tudo ali é dividido, é dividido como se a gente alugasse.

b. As relações com os alunos.

Olha, muito boa porque tanto que eles sentam, eles começam a fazer perguntas, assim, se eles vem uma vez só não, mais alunos, tem alunos por exemplo já teve alunos aqui de eu dar aula da sexta série até ele sair no terceiro ano e hoje em dia já tão acabando a universidade. Tem alunos que ficam tão ligados na gente que nas primeiras fases, quando tem matemática, por

exemplo tão fazendo administração, economia, eles voltam e pedem aula, aí a gente tem que dizer não, não dá mais essa matéria aí ela já não é, porque tu poderias dar, mais aí tu tinhas que estudar mais porque vai mudando tudo né, então, eu costumo não dar. Teve uns que eu tive de empurrar vão agora não precisa mais, sabes comé. Tem outros assim que fazem muito carinho na gente, diz que gostariam que a gente fosse mãe deles, né, tem vários, tem uns fatos bem curioso assim. Tem uma que ta até acostumada, é até engraçado que eu achava assim uma menina até fria, e tu sabes que agora quando eu vou explicar ela vem com a cabeça no meu ombro, quer dizer a gente nota e muitas vezes que eles tem assim falta de carinho, ainda mais que aqui é um lugar que a maioria tem, que o pai gasta bastante dinheiro, eu acho até que quanto mais dinheiro mais assim eles vive, os pais pagam pra eles, pra eles viverem e aquilo ali faz com que eles de vez em quando dizem: ai queria tanto que tu fosses minha mãe. Ai as vezes até eu ainda digo, eu fico com pena né, eles não ter, eu não sei se é por causa do jeito ... eles estão tão acostumados, eu já tenho 52 anos, já sou avó, tenho uma netinha que agora nasceu no mês passado, e eles me chama de Lea, eles me chamam de Leia, eu acho que me acham assim nova, cobra de um jeito, também devido a ter filhos e eu sempre fui de conversar, nós somos do grupo do Emaús e eu tô acostumada assim a Igreja Católica, então assim eu to acostumada em grupo, então os guris os amigos dos meus filhos tudo chegam lá oi tia, oi tia, aquela coisa assim que é muito sobrinho, então a gente se acostuma muito assim, com relacionamento é muito bom.

8. Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Ai, mesmo assim que o tempo ta se tornando mais escasso, porque hoje em dia, assim ó, quando tu te aposentas tu quer procurar coisas pra fazer, só que eu continuei aqui, eu já dava aula aqui na Neusinha, eu só parei na época que eu fui diretora, desde que ela montou eu comecei a dar aula com ela, mas dava aula na escola, outro dia tive que arranhar um tempinho pra mim, mais eu acho bom, eu acho que eu não sei passar sem dar aula, sabes comé? Eu acho sei lá que até morrer eu vivo dando aula ainda, embora agora eu já tenho outras atividades, faço hidroginástica, faço teclado, porque eu estudava piano quando era mais nova então agora eu faço teclado, é uma coisa assim, não pro outros, só que eu sento aquilo me distrai, satisfaz o ego, terapia. É, eu pretendo continuar por muito tempo, o meu horário mudou um pouco, primeiro eu dava aula de manhã e a tarde, de manhã não faço mais, porque de manhã eu tenho que cuidar da casa, não tenho empregada, não tenho faxineira, minha casa é enorme, tem cinco quartos, três salas, quatro banheiros, é enorme, é muito grande e eu é que limpo tudo, então de manhã eu não

quero mais, então de tarde , talvez daqui a pouco eu tenho que cuidar da neta, eu tenho um filho que casa agora em fevereiro, por enquanto vou dando as aulas.

ENTREVISTADO B
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES
DO APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: () Masculino (**X**) Feminino
2. Estado Civil: **Solteira**
3. Data de Nascimento: **15/01/1956**
4. Idade: **50 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura com pós-graduação**
6. Município de Origem: **Florianópolis**
7. Ocupação Principal: **Aposentada**
8. Professor de: **Educação Artística**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Sim**
10. Onde:
() Escola Pública
() Escola Privada
() Universidade
(**X**) Escola Técnica Federal
(**X**) Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **30 anos**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Rose**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

1. Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: Ah eu acho assim quando a gente alcança o objetivo né, que ele aprende, mais só que na época de hoje tá complicado porque os alunos não tem muito interesse pela escola, esse é o maior problema. E aí a gente se sente realizado quando consegue dar uma boa aula, que tu consegues ver que eles assimilaram, mais....

2. E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Aí olha eu no final assim da minha carreira eu já tava meio desmotivada, assim bastante, porque já tava achando assim até eu tava me sentindo parecia até que eu era um analfabeta porque os alunos perderam totalmente o interesse, não tinham interesse na aula, interesse em fazer tarefas, interesse em aprender, eles tem outras coisas, né, assim, ..., eles tem muitas coisas mais fáceis a escola ficou muito trabalho, começou a deixar de fazer sentido quando a medida que tu vai querendo passar o conteúdo não consegue.

3. Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Pra mim assim, ah como é que eu vou te dizer, aí eu me sinto bem orgulhosa assim de ser professora, de ver que eles aprenderam e assim no decorrer do tempo eu encontrei muita gente que foram meus alunos, muitos são médicos, são juízes, então isso aí é bem gratificante assim, né é o que mais tem significado pra mim, eu acho que ver aquelas criaturas que tu vais ensinar vão poder ser alguém na vida né, cumpri a tarefa.

4. O que você procura no seu trabalho de professor?

Resposta: Eu tenho procurado muito resgatar esse lado de eles estudarem, só que como eu trabalho na Escola Técnica é uma outra realidade né, é mais curso técnico então, lá os alunos são melhores, no Estado, assim acho que dependendo do nível social muita coisa assim muitos fatores que influi não querer estudar assim, mas na Escola Técnica como já é curso técnico eles pra mim foi ótimo, é outra realidade, maioria dos alunos vão são bons, estudam, tem interesse, porque eles também entram por teste classificatório aí já é um outro tipo de clientela então, no Estado já não era, no Estado é complicado, é terrível, a gente trabalhava muito com a marginalidade também no Estado, porque tinha gente de tudo que era canto e mistura e já não to comparando, mais é o que eu tô sentindo, não tô tendo lá na escola, não tô tendo problema, tô conseguindo como é por fase então consegue dar muito conteúdo porque os alunos corresponde mais.

5. Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico?

Resposta: Ah eu organizo assim, a Neusinha marca as aulas tá, daí eu vejo as séries, vejo o conteúdo que o professor tá dando e preparo em cima daquilo que o professor tá dando, é assim que eu faço.

6. Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: Aí foi por acaso, eu fiz o curso mais não achava que eu ia dar aula, nunca me passou pela cabeça, aí quando eu vi eu tava fazendo estágio, aí comecei a trabalhar e fui ficando, não foi por escolha assim. Mais no começo quando eu comecei a trabalhar era muito bom, os tempos mudaram, mais no início que a gente, não só em relação aos alunos como também financeira não era ruim, agora que foi caindo foi caindo e não levantou.

7. Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

- a. As relações hierárquicas no Apoio;

Excelente, o meu relacionamento assim com ela é ótimo, a gente até parece que ela é professora do meio tudo junto, não tem assim, porque aqui a escola trabalha, todo mundo somos professores, tem a mesma finalidade, que é fazer recuperação, apoiar.

- b. As relações com os alunos:

É assim ó, eu me relaciono bem só que eu sempre tenho aquela distância né, eu sou professora e eles são alunos, porque eu sempre procuro ter amizade tudo, mas eles tem que saber o limite deles né, senão fica complicado, agora aqui no Apoio já é diferente, porque a gente trabalha individual, daí individual, tem muitos que até vem mais porque precisam são mais carentes do que conteúdo aí tu tens que fazer este trabalho. A gente acaba tendo um relacionamento afetivo.... ele vive me agarrando, me abraçando, né, eu alisei os cabelos, ele disse que tu não pareces que tens 70 mais tem 50 (ri) agora pinte ele não viu ainda. Ele não viu ainda essa semana, tá pegando no meu pé. Ele é muito dado com todo mundo, brincalhão, aqui no Apoio o bom é isso, esse lado é muito bom, a gente dá mais também a gente se diverte.

8. Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Ó na Escola eu fiz concurso por dois anos, terminando o contrato eu não quero mais sala de aula, eu vou ficar trabalhando só aqui com os alunos, aqui ou em casa, é uma coisa que tu podes fazer até ficar velho, não tem, não tem idade, ensinar qualquer pessoa,

quanto mais velho mais experiente (ri),não, não, isso aí principalmente até por causa da grana. Eu gosto de dar aula, eu gosto muito mesmo.

ENTREVISTADO C
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO
APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: () Masculino (**X**) Feminino
2. Estado Civil: **Separada**
3. Data de Nascimento: **05/07/1939**
4. Idade: **67 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura Plena**
6. Município de Origem: **Ijuí - RS**
7. Ocupação Principal: **Aposentada**
8. Professor de: **Português**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Não**
10. Onde: () Escola Pública () Escola Privada () Universidade (**X**) Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **35 anos**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Inês**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

1. Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: Ele tem sentido quando o professor além de professor pode ser também educador né, como educador é que eu acho que o professor se realiza plenamente né. Porque só ensinar não é o caminho.

2. E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Ele não tem sentido quando o professor só se limita a transmitir conteúdos né, sem pensar na educação como um todo. Educar o indivíduo assim na forma mais plena possível né, porque hoje a maioria das escolas se preocupam muito pouco com a educação realmente só com a instrução né. Até porque eu acho que as escolas particulares principalmente existem esse problema de segurar o aluno né, então a educação fica praticamente de lado.

4. Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: O trabalho é muito importante, é a realização de uma pessoa né, porque eu faço aquilo que eu gosto e faço com prazer, então eu acho que é tudo né, é a minha realização profissional. Realização como pessoa também.

5. O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: É eu ain..., eu procuro sim a, a, hoje não porque com um aluno só individual assim não, mais no tempo que eu trabalhava eu sempre me preocupava muito com a educação como um todo e não com a instrução né. Eu sempre acho que o professor na verdade não devia ser chamado professor e sim de educador né. E hoje ele foge totalmente de tudo isso e por causa das circunstâncias né, situação financeira o professor trabalhando em três quatro escolas ele não consegue, não conhece os alunos, nem conhece os alunos, sabe que tem aquele nome ali na chamada, mas mais do que isso não sabe né. Ele não consegue interagir com o aluno, não consegue realmente. Eu acho que o problemas são esses, esse número exagerado de alunos em classe, em sala de aula, mais é uma questão econômica e contra ela nós não podemos fazer nada.

6. Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico?

Resposta: Olha eu, aqui o trabalho é assim mais tranquilo né, eu por exemplo quando a Neusinha me fala que eu tenho aluno porque às vezes não é um aluno que vêm diariamente, semanal, fixo, são alunos assim que expo, esporadicamente vêm ter uma aula aqui, então eu procuro saber a escola, série, o conteúdo e preparo em função disso, porque a gente só tem uma hora de aula e procura né..... Peço o conteúdo antes pra eu poder preparar, ram, ram, isso é uma coisa muito importante né, pra que ele não chegue aqui eu não saiba o que fazer com ele.

7. Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: Pra ganhar dinheiro. No tempo, quando eu era menina, quando eu era assim estudante, é claro que deveria haver uma vocação, porque eu nunca fui uma professora que só trabalhou pelo dinheiro, mais na verdade o que me tentava era que as minhas professoras eram pessoas muito bem vestidas, se ganhava muito bem naquela época. Ah, o professor era valorizado, nossa, as professoras vinham de fora pra minha cidade que era uma cidade pequena, chegou professora tal era assim uma festa, elas eram tidas como autoridades né, pessoas importantíssimas e aquilo foi me cativando, foi me seduzindo, aí eu resolvi, quis ser professora, e na verdade eu gosto, gosto, nunca me arrependi, é aquela história do mesmo ganhando pouco e tal né, a gente sabe que foi por vocação né, depois, depois que eu conheci o magistério, mas quando menina, quando eu entrei pra escola e decidi que eu queria andar bonita, bem arrumada como andava as minhas professoras, é no final viraram modelos, nossa! Elas ganhavam muito bem né, na época ganhavam muito bem, hoje que o professor é não é reconhecido nem, nem assim financeiramente, nem socialmente nada né, o professor é ... Ah não pelos alunos sim, pelos alunos a coisa mais gostosa, principalmente ali no Colégio Catarinense às vezes eu entro, chego num consultório, é esses dias cheguei numa clínica, tinha uma aluna minha médica ginecologista né, ou eles vêm professora, aqueles enormes homens, porque o aluno bem educado não esquece do professor né, tem uns que fazem questão de não cumprimentar o professor mais tem outros que vêm assim, é muito gostoso, é muito gostoso mesmo, no mercado em todos os lugares a gente encontra, foram dez anos ali no Colégio Catarinense. Eu entrei, eu fui de 86 a 96, né eu trabalhei de 86 a 96, ah! É muito gostoso né, eu acho assim que este tipo de coisa do aluno reconhecer o professor, dele, eu engraçado porque eu nunca fui considerada, eu acho que eu fazia as coisas como devia e tal, mais uma vez eu encontrei um aluno e ele, quando ele saiu disse pro colega dele ela foi a minha melhor professora de português, aquilo assim me encheu o coração que eu não precisava de mais nada naquela hora. São essas coisas que ficam, que compensam né.

8. Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

As relações hierárquicas no Apoio:

Não tem aqui com a Neusinha, ah é uma relação muito boa, uma relação principalmente de amizade, principalmente assim pra gente que já ta trabalhando bastante tempo, você pode ter visto que eu entrei e brinquei com ela agora e tudo, eu acho que é de muita confiança e a Neusinha, e ela apóia a gente em todas as ocasiões. Então é um trabalho bom, um trabalho agradável. Não, não é aquele estresse de todo dia, não é rotineiro,

porque a gente às vezes durante o dia olha se trabalha com cinco, seis alunos, trabalha com tudo aluno diferentes, de classes diferentes, de escolas diferentes, então trabalho bom, diversificado.

As relações com os alunos:

Eu tenho alunos fixos, é uma relação de amizade muito gostosa, a gente, é praticamente um filho né, porque você fica preocupado com ele, a nota que ele tirou o que ele precisa fazer, quanto ele precisa, no quê que ele tá mais, quais são as maiores dificuldades dele e assim aquela vibração com cada progresso que ele apresenta, é uma relação muito boa, é muito gostoso, muito bom trabalhar aqui.

9. Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Olha eu acho que até quando der, eu tenho, eu não gosto, eu tenho medo de pensar em parar, eu acho que sabe quanto mais eu dou aula mais eu gosto do que eu to fazendo, eu acho mais gostoso, tanto que esse ano, foi um ano assim, interessante, porque os alunos pediram pra ter aula comigo né, então, eu acho que to conseguindo fazer aquilo que, fazendo até o meu nome, é experiência que tá, então a experiência é uma coisa fantástica porque a cada ano você descobre uma maneira nova de ensinar aquilo que era difícil que né, eu acho que todos os macetizinhos vão se acumulando e a gente consegue trabalhar melhor, Vai, vai crescendo... esses dias eu tive um aluno que tirou dez na prova né, os pais ficaram doidos, eu até me senti muito, muito como é que eu vou te dizer, com muito compromisso, eu não gostei daquilo, pras próximas aulas, pras próximas provas, ele veio ter aula comigo, bom o aluno é excelente, eu disse pra Neusinha, olha pode falar pros pais se ele não fosse tão bom não tiraria dez. Porque ter muita responsabilidade na nota boa, é tão, é muito comprometedor né, e é muito triste quando tu tens a responsabilidade na nota baixa do aluno né, que o professora não ensina nada, na verdade, faz sempre o possível. Eu me sinto responsável pelo aluno sim, porque é um trabalho em que é sou ele e eu, somos só nós dois, então tanto é tão bom trabalhar com ele porque eu posso me dedicar exclusivamente a ele, como ele está me pagando, ele precisa desse reforço e eu tenho que dar conta desse aprendizado e é por aí né. Eu vou trabalhar até quando der, até quando a Neusinha me quiser aqui, eu já falei pra ela, ela até esse ano me deu muito aluno, teve problemas de professores, aí ela disse que vai diminuir e eu não quero muito, dar muitas aulas porque a gente já cansa e já tem outras coisas também que eu gosto de

fazer, mais enquanto eu puder trabalhar e tiver dando conta da coisa eu vou pensar em continuar.

ENTREVISTADO D
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO
APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: () Masculino (**X**) Feminino
2. Estado Civil: **Viúva**
3. Data de Nascimento: **03/06/1951**
4. Idade: **55 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura**
6. Município de Origem: **Turvo - SC**
7. Ocupação Principal: **Aposentada**
8. Professor de: **Matemática**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Não**
10. Onde: () Escola Pública () Escola Privada () Universidade (**X**) Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **35 anos**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Adélia**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: Ó ele tem sentido quando tu vê a necessidade do aluno de aprender alguma coisa né, de crescer no conhecimento, nas descobertas das coisas né, aí tem sentido.

E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Quando o aluno te coloca por exemplo: por quê que eu vou aprender isso na minha vida prática que eu nunca vou usar isso aí eu vejo necessidade de reformulação dos currículos né, da adequação da escola a uma nova realidade, que escola não se adequou a evolução né, a evolução tecnológica, a evolução do pensamento, das necessidades cotidianas, a escola está muito, muito aquém disso, a gente sente uma necessidade de adequação, de um novo currículo né, todo dia eu escuto por aqui, professora pra quê que eu vou aprender isso e essa a nossa maior dificuldade. Aí começa a ter sentido, é às vezes a gente fica sem argumentos né, eu digo olha pergunte ao seu professor porque eu aqui sou uma mera repetidora dos conteúdos que vocês aprendem na sua escola né, coloque pro seu professor: professor pra quê que eu estou aprendendo isso? Né, embora o ensino fundamental, é que a maioria dos nossos alunos é do ensino fundamental, também trabalhamos com ensino médio, a maioria deles me coloca isso né, embora o ensino fundamental seja assim uma preparação qualquer coisa que você vai fazer na vida, porque ninguém pode prever hoje que o aluno vai ser amanhã, se vai ser engenheiro, se ele vai ser um biólogo, se ele vai ser um escritor, muita gente diz ó eu, eu vou ser médico pra quê que eu preciso da matemática, embora isso não, não seja né um argumento porque é a matemática desenvolve o raciocínio e deixa o aluno pronto pra outros conhecimentos né, mais a gente vê que realmente tem conteúdos, não conteúdos basicamente, mais maneiras como são colocados os conteúdos que não atraem o aluno né, que não ele não vê realmente essa utilidade né de aprender aquilo, então esse é o maior drama que eu acho hoje pra ensinar matemática. Eu quando professora eu sempre procurava né, aproximar mais da realidade os conteúdos né, no último ano que eu, eu me aposentei pelo Instituto né, aí eu pegava, tirava os meus alunos de sala de aula e levava, uma vez eu levei lá pro Fórum , aquele lá, redondo, pra usar trigonometria pra medir a altura do prédio, muitos me achavam tu és maluca né , mais eu acho assim há uma necessidade muito grande de aproximar esses conteúdos do cotidiano, do real, pra que o aluno realmente sinta utilidade desses conteúdos porque às vezes seriam poucos os conteúdos que não tem ligação, mais eles não são apresentados de maneira com que o aluno sinta isso né. Ele não consegue vê no que ele vai aplicar, aí o desestímulo dele, a falta de motivação de aprender aquilo, esse é o maior problema que eu acho no ensino hoje.

Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Bom eu acho que, não, não, não, não consigo me ver sem trabalhar né, eu poderia estar hoje né, já faz dez anos que me aposentei né, poderia estar curtindo a

aposentadoria, mais não me sinto ainda preparada pra isso, me vejo assim com muita vontade ainda de ensinar, eu tenho muita, muita garra nesse sentido sabe, de desafios, de ah esse ali, que esse aluno não consegue nada, então é sempre um desafio pra gente, vamos lá né, e a gente tem tido retorno, resultados muito bons eu acho que é isso que estimula a gente ficar aqui. Na hora que eu acho que eu sentir que não, não, que o meu trabalho não está tendo mais aquele retorno, resultado que eu sempre obtive aí eu acho que talvez seja hora de para, mais por enquanto ainda tenho ainda tenho bastante entusiasmo, bastante vontade ainda de trabalhar.

O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: Pois é, isso que eu coloquei antes né, é transmitir algum conhecimento, é satisfazer o aluno naquilo que ele procura né, seria mais nesse sentido né.

Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico?

Resposta: Como em que sentido assim? È a aula particular ela tem, ela é bem diferente né, do que se preparar pra dar uma aula particular é bem diferente do que se preparar pra dar uma aula em sala de aula. Aqui tu tens que estar em sintonia com o professor do aluno né, com aquilo que ele está ensinando lá, tu tens que procurar te assemelhar ao máximo ao professor do aluno, ensinar da mesma maneira que ele, porque na maioria das vezes os alunos que nós recebemos aqui eles são alunos que tem algum tipo de deficiência né, então se você procurar inventar muito né, você não vai chegar ao teu objetivo, então você tem que procurar trabalhar na mesma maneira da que do professor do aluno em sala de aula, eu tenho sentido isso né, porque já são, esse é o décimo primeiro ano que eu trabalho aqui com a Neusinha, então no decorrer desse tempo todo isso tem se mostrado assim cada vez mais certo pra mim, né. Dentro de um mesmo colégio, mesma série, nós temos às vezes dois professores né, um trabalha de um jeito e outro trabalha de outro e nós temos que saber disso né, pra que o nosso trabalho aqui tenha resultado, Ah, sim na maneira de apresentar o conteúdo, na maneira de avaliar, principalmente no momento da avaliação, né, ah ele dá importância nisso, ele cobra desse jeito, então vamos trabalhar nesse sentido né, então eu acho que é por isso também que a gente tem mais assim, é mais eficiente, né, porque nós, eu procuro sempre trabalhar da maneira que o professor trabalha lá com o aluno né, ver, acompanhar de perto todos, porque o conteúdo pode ser apresentado de diversas maneiras, cada professor tem a sua maneira de apresentar então a gente tem que estar bem, bem sintonizado com o professor do aluno, aí o resultado é sempre satisfatório.

Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: Bom, é sabes que a trinta e cinco anos atrás, vivendo numa cidade do interior né, como eu, não se tinha muitas opções né, então naquela época só se poderia fazer uma faculdade se a gente vinha pra Florianópolis né, era a única faculdade que tinha, naquela época era aqui em Florianópolis, e eu me casei muito jovem né, me casei com dezoito anos, eu nem tinha terminado o ensino médio ainda, aí tive meu primeiro filho, depois disso é que eu voltei a estudar, né. ...Eu morava em Turvo, foi uma luta, porque eu tinha o meu filho pequeno e foi assim um, um... Mais eu vim fazer a faculdade aqui porque, porque eu tive oportunidade, porque eu sempre fui uma ótima aluna, então meu Diretor, faltou lá um professor e ele me chamou pra dar aula, e aí eu comecei a dar aula, aquilo me motivou a fazer licenciatura, então, assim, foi quase por acaso assim sabe, foi uma oportunidade que se abriu na minha vida e que eu aproveitei, e também até hoje não me arrependo porque eu acho que qualquer pessoa tem aptidão pra qualquer coisa né, desde que ela se dedique né, e que caminhe em direção daquilo pode dar certo, eu, eu não sei se eu tinha mesmo a, o dom pra ser professora e que isso o acaso se juntou ao né, mais foi por acaso que eu comecei a ser professora, né, mais hoje eu adoro a minha profissão e eu acho que no caso deu certo né, mesmo porque acho que eu já tinha essa tendência de ser professora. É com certeza, depois de trinta e cinco anos né, eu acho que se eu não gostasse já teria abandonado.

Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

As relações hierárquicas;

Sim, aqui é, eu acho que há um certo respeito na maneira que ela é a minha, no caso, a minha no caso gerente, minha chefe né, eu acho que o relacionamento é nesse sentido, embora, assim, aja bastante abertura, a gente conversa, que às vezes discorde, concorde, mas, né, sempre dentro de um, um respeito como deve ser.

As relações com os alunos.

Ah, é muito boa, embora tenha alguns alunos que assim me acham um pouco fechada, porque a minha personalidade é assim, eu sou assim introvertida, tímida, né, nunca fui assim uma pessoa de sair falando com todo mundo, sempre na minha, assim sabe, então, muitos alunos, muitos não, alguns alunos né, no decorrer desses anos que estou aqui, é, falaram pra Neusinha que eu era muito fechada, que eu era, que eu não conversava, que eu

não ria né, então esse é o único probleminha que eu tenho visto, mais na maioria das vezes, a gente tem uma relação muito boa e tem dado bastante certo.

Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Pois é, agora, como eu te disse até que eu me sentir motivada, e que eu vejo que o meu trabalho está dando certo eu acho que, agora não sei por quanto tempo. Isso é a vida que dirá, né. Pode ser que eu continue ainda por vários anos, pode ser que daqui um ano eu abandone, isso é vai ser, vamos ver quais são os resultados, qual é a minha motivação pra isso né, isso vai dizer a minha hora de parar, não é?

ENTREVISTADO E
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO
APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: () Masculino (X) Feminino
2. Estado Civil: **Casada**
3. Data de Nascimento: **11/02/1976**
4. Idade: **30 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura/Bacharelado em Ciências Biológicas**
6. Município de Origem: **Curitiba**
7. Ocupação Principal: **Professora**
8. Professor de: **Biologia**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Sim**
10. Onde: () Escola Pública (X) Escola Privada () Universidade () Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **07 anos**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Adriana**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: É né, quando na realidade tu tens esse retorno, quando eu consigo despertar no aluno o interesse eu vejo o crescimento dele, que ele está construindo conhecimento, até na escola mais tradicional, como no caso do Energia, eu tento estimular o máximo possível, claro que se no ensino médio o foco é conteudista pra caramba né, aí eu vou jogar o conteúdo, mais sempre eu vou tentar dar minhas aulas com tom de

questionamentos pra esse aluno pensar, porque eu quero que ele vá além, se ele conseguir pensar ele mata tudo, se ele precisar saber aquele conteúdo ele vai raciocinar e vai chegar aonde ele quer.

E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Acho que ele perde sentido quando fica algo automático, sabe, quando você não tem o retorno do aluno, o interessante do trabalho é justamente esse retorno né, você dá, você vê o crescimento do aluno, agora aquele aluno que trabalha só preocupado com conseguir nota, não quer pensar, não quer estudar quer só cola, perde o sentido pra mim. Fica uma coisa automática, você liga o play e vai, pra mim não tem sentido nenhum, eu acho que o negócio é estimular o aluno, fazer com que ele pense, que ele construa, esse é o sentido do trabalho.

Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Puxa vida, o significado do trabalho pra mim! Bom, eu não saberia te dizer qual o significado do trabalho, tu dirias da minha profissão? É, pra mim eu acho que ele é fundamental, é eu não saberia traduzir isso, dar um significado só, eu acho que o trabalho é, meu trabalho, minha profissão é fundamental, é básico de tudo, embora seja altamente desvalorizada, é base pra qualquer profissão né, então eu acho importantíssima, fundamental, eu não teria como dizer um ponto né, acho ela essencial, básico pra tudo, importantíssimo pra tudo, pra formação do indivíduo, não só em termos de conhecimento mais como cidadania, porque dentro do escola, dentro do espaço escolar tu aprendes a ser cidadão, aprende direitos, deveres, né, eu não sei se estou conseguindo te responder certo, né. Se tu pensas o trabalho como um meio de ganhar dinheiro tu tas perdida, o importante é construir o cidadão mesmo é ajudar na formação desse indivíduo né, a parte da cidadania é principal, por isso eu to ali no Sarapicuí, eu tenho que suar a camisa mais acho que é o que faz sentido.

O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: Além do crescimento pessoal eu acho que eu já falei eu procuro muito na verdade o crescimento desse meu aluno, a criar esse cidadão, mais um indivíduo pensante, mais questionador, mais crítico, crítico com fundamento, hoje em dia todo mundo é crítico, mais não sabe fundamentar nada, sabe questionar, reivindicar mais fundamentar

não tem fundamento nenhum, é tornar esse aluno crítico, cidadão, acho que é esse o objetivo que na outra pergunta que tu tinhas falado.

Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico?

Resposta: Olha às vezes eu entro em pane, eu não sei usar agenda, é tudo de cabeça né, então chega uma hora que é loucura. Eu estou sempre muito cansada, porque eu durmo pensando, eu sonho com aquilo, se eu tenho alguma coisa que me instiga muito pro dia seguinte, eu sonho, então eu nunca descanso, na realidade eu vou trabalhar em cima de registros que eu melhor me esquematizo o meu trabalho, eu tenho um caderno pra cada escola tá, com matérias divididas pra cada turma que eu tenho ali eu ponho os registros, faço pautas do que eu vou trabalhar em sala de aula né, se acontece alguma coisa diferente na sala eu registro nesse meu caderno naquele dia, então eu acho pra conseguir correr com o conteúdo, com o trabalho tem que estar tudo bem registradinho, tem que estar muito organizado, então, eu tenho um caderno pra cada sala, cada turma, pra cada escola e eu vou fazendo a minha organização. O trabalho não é rotineiro, não tem como né, então a gente não pode ter uma programação muito a frente, essa é a minha dificuldade no Energia, no Energia tudo tem datas né, tem que fazer uma prova com duas semanas de antecedência você tem que entregar, só se você tem um planejamento, e o planejamento não acontece, não é uma coisa estática né, então vai depender de acordo com o grupo, conforme ele pode caminhar mais rápido, mais devagar, abrir, então é muito da sala de aula, agora a gente tem, tenta né criar aquela rotina do fazer, mais não tem como fazer uma coisa rotineira porque a coisa muda muito em torno de cada grupo né, o que cada grupo te pede, mesmo que tu te esquematize, tudo pronto pra semana mais tu entrou numa sala de aula um aluno puxou um outro conteúdo, um outro assunto, é um outro trabalho que tu vais fazer, é uma outra aula que tu vais dar fora do que tu tinhas planejado né, tu vais pra casa e tu vais só caminhando. Aí eu digo que a gente trabalha muito mais fora de sala, do que em sala, em sala de aula é tranquilo, porque tu vais lá e fazes o que tu tá acostumado, o problema é preparar a aula e a parte de correção de trabalhos, eu gosto muito de trabalhos, não sou muito de prova, na minha área é muito decoreba né, é muito nome, muito termo, no segundo grau eu sou obrigada a cobrar, mais de quinta a oitava eu fujo o máximo assim dessa decoreba, eu parto muito pra reflexão, pro raciocínio, pra aplicação disso na prática né, então eu faço muitos trabalhos, construção de jogos, até no segundo grau eu faço isso, construção de histórias em quadrinhos, exato, a gente tem que

brincar com o conteúdo, só que pra brincar a gente tem que ter domínio, então ele passa a estudar, aprende, toma gosto, gosta sobre aquilo, e acaba assimilando.

Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

As relações hierárquicas;

Não aqui é muito tranquilo, porque a gente passa muito rápido por aqui né, quer dizer aqui é lógico que existe, só que o contato é muito pequeno, o contato é muito pequeno, a Neusinha é bem acessível também, então é muito legal trabalhar aqui, é bastante diferenciado do que eu faço, trabalho em escolas diferenciadas também. O aluno chega e eu tenho que ter o domínio do conteúdo pra passar pra ele. Aqui é muito legal, muito tranquilo.

As relações com os alunos:

Olha a minha relação com os alunos é ótima, mais eles sabem que eu sou bastante exigente, eu não faço provas mais o trabalho que eles me entregam tem que estar bem fundamentado pra eu lhes dar boas notas. Na sala de aula eu sou muito brincalhona, eles tem total liberdade de interagir comigo, perguntar, questionar, criticar, porém eles sabem o momento de me respeitar. As aulas são muito divertidas, porque eu gosto muito de associar a minha matéria com a prática do dia a dia, de mostrar pra eles na natureza o que a gente ta estudando, principalmente no Sarapicuí que é uma escola construtivista. Bom, como eu te disse não tenho problemas com os alunos, temos uma relação bastante legal, amiga e de parceria.

Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: Ah, eu escolhi porque eu gostava muito da área de ciências, aí eu escolhi fazer biologia. Mais eu tenho muito orgulho de ser professora, a minha mãe quando sai comigo e alguém pergunta a minha profissão ela diz ah! Ela é bióloga, aí eu digo pra ela, mãe eu sou professora, bióloga eu seria se estivesse trabalhando com pesquisas ou em outra atividade. Eu não tenho vergonha nenhuma de dizer que eu sou professora, faço questão de dizer o que eu faço, embora a profissão esteja tão desvalorizada. A gente deve assumir o que se é quando a gente gosta do que se faz, isso é muito importante. Às vezes eu penso em fazer outra faculdade, escolher outra profissão, porque ser professor não é fácil, a gente não consegue se desligar quando vai pra casa, chega em casa e já ta pensando na

aula, nos alunos, nos trabalhos, enfim, mais o que eu gosto mesmo de fazer é ensinar, é ver o aluno crescer, ser um indivíduo mais crítico, mais questionador.

Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Sei lá, eu tenho sete anos que estou trabalhando como professora, se pensar na minha aposentadoria, nem sei se eu vou ter com tantas mudanças. Enquanto eu puder ensinar com vontade, vendo que meus alunos estão conseguindo crescer em conteúdo, crescer como cidadãos eu vou continuar dando aula né, é muito importante pra mim.

ENTREVISTADO F
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO
APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: Masculino Feminino
2. Estado Civil: **Casado**
3. Data de Nascimento: **06/03/1952**
4. Idade: **54 anos**
5. Grau de Instrução: **Pós-graduação/Mestrado em Física**
6. Município de Origem: **Tubarão**
7. Ocupação Principal: **Professor**
8. Professor de: **Física**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Sim**
10. Onde: Escola Pública Escola Privada Universidade Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **32 anos**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Eurides**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

1. Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: Se eu faço aquilo que gosto dá sentido, dá prazer.

2. E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Como eu te falei se eu faço aquilo que gosto dá sentido, dá prazer. Olha, o trabalho não tem sentido quando o professor não gosta do que faz, tem que ter prazer no que se faz.

3. Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Trabalho pra mim significa a vida, sem o trabalho a minha vida ficaria abalada, não do ponto de vista econômico, mais do ponto de vista emocional. O trabalho ocupa um grande parte da minha vida, do meu tempo, sem ele eu não imagino como eu estaria.

4. O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: Fazer aquilo que eu gosto, trabalhando eu procuro me realizar, ajudando alguém tô fazendo algo pra mim. O trabalho faz parte da minha realização. Eu adoro o que eu faço. No Apoio eu ainda não tenho nenhuma significação, pois comecei a trabalhar aqui há pouco tempo, mais na escola eu encontro a minha realização. Eu já dei aula em cursinho, mesmo no cursinho eu me realizava, embora fosse uma loucura total, é mutio corrido, muito aluno, não se tem interação professore a aluno, tu nem sabes quem eles são, se eles entenderam o que tu explicasses, não tem um seqüência com o aluno. Qunado eu consegui a aposentaria no Estado eu aí comecei a escolher melhor o que fazer, pude lapidar.

5. Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico?

Resposta: Olha com estou a pouco tempo aqui no Apoio eu não tenho como te explicar a organização do trabalho aqui, hoje por exemplo, veio um garoto que queria que eu desse a matéria de física de 3 anos (1º., 2º e 3º ano), um professor recém-formado não conseguiria atender o aluno, porque ele não tem base, consegui porque tenho experiência, consegui rapidamente fazer a leitura do contexto e explicar pra ele, nisso eu não consegui organizar nada, pois fui pego de surpresa. Já na escola eu uso muito computador, tenho tudo registrado, tudo o que tenho ta lá, só trabalho com computador, as matérias, os exercícios, uso muito a Internet. As minhas provas são mescladas, o meu plano de aula é sempre diferente, faço o plano e depois que acaba a aula eu amasso e jogo fora, professor não pode usar uma cartilha todo dia, sempre a mesma coisa, o aluno não agüenta. Se você assistir uma aula minha em uma sala e for eu outra a aula não será igual, eu mudo tudo, tento ser divertido, faço brincadeiras, conto estórias, é muito difícil o aluno chegar na 1ª série do segundo grau e dar de cara com a Física, eu digo quantos segundos tem um minuto, fica todo mundo olhando com aquela cara de assustado, a matéria assusta. O básico da matéria é sempre a mesma o resto é diferente, as provas eu também mesclo, não

faço provas iguais de um ano para o outro, não pode ser sempre a mesma coisa as aulas, ela precisa ser criativa, ele precisa motivar, principalmente na física. A minha prova reflete a sala de aula, depende dos alunos, eu faço a prova e os trabalhos pela média da turma, se eu vejo que eles tiraram notas baixas eu preciso reverter na outra prova, e aí vai. Tudo é reflexo do aprendizado da turma.

6. Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: Eu sou de Tubarão, o jeito que eu encontrei pra vir para Florianópolis foi fazer o curso de matemática da UFSC, naquela época eles pagavam pra gente estudar e se formar, aí eu entrei pra fazer, talvez não seria professor, talvez eu pudesse ter sido engenheiro, pois eu gosto de matemática, eu não tinha esse estímulo, eu conheci este lado da física e gostei, sou realizado com a minha escolha.

7. Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

a. As relações hierárquicas:

Sempre tive bons relacionamentos com diretores, coordenadores e aqui também com o pessoal do Apoio. Você sabe que no Estado se o funcionário não faltar nenhum dia de trabalho tem direito ao 14º salário, é eu sempre recebi o 14º salário, porque eu não falto. Agora eu estou trabalhando no Aníbal, há uns 8 anos, fiquei 19 anos dando aula no Instituto, aí eu aproveitei aquela onda de usar trabalho em zona rural e consegui me aposentar, agora estou trabalhando no Aníbal e aqui, cursinho não quero mais. Agora lá no Aníbal eu estou dando aula para a turma de magistério, tem gente de todas as idades 39 anos, 60 anos, eu dou química, física e biologia, a cadeira é de ciências mais engloba as três disciplinas que falei. Esse trabalho é mais interativo, prático, se estou estudando solo, eu faço cada uma trazer algum tipo, solo arenoso, solo argiloso, sei lá, é um desafio pra mim, porque eu não tenho familiaridade com a Biologia e a química, embora eu tenha me formado com as três disciplinas no meu currículo, mais eu me especializei com física. Esta atividade tem me agradado demais, é muito desafiadora. A coisa nova me motiva, se tem aula que ninguém pergunta nada pra mim eu fico desmotivado, eu preciso de questionamento, de interação. A aula fica desmotivada, fico estressado em ver que ninguém tem interesse. A aula do Apoio pra mim também é um desafio, porque o material solicitado as vezes é muito complexo, se falta a experiência o professor não consegue ajudar o aluno, outro desafio é trabalhar com um aluno só, face a face, estou acostumado com sala cheia, isso aqui é diferente e interessante ao mesmo tempo.

b. As relações com os alunos;

É boa, quando eu faço provas a relação não fica tão boa, pois eu sou muito cobrador. Eu cobro mesmo, a física é uma matéria metódica, se eu desse teoria eu seria o melhor professor do mundo, mais eu dou física e o pessoal detesta. Quando eu chego na sala e digo, olha eu vou dar física, já tem gente que coça a cabeça, olha pro lado, faz careta, a partir dali eles não gostam muito de mim, por isso, procuro brincar bastante, fazer um teatro, tipo o que eu fazia no cursinho pra ver se eles relaxam mais e se interessam pela matéria. Às vezes tem aluno que não gosta de mim só porque eu dou essa matéria. Quanto ao relacionamento com o aluno eu acho que eu tenho um relacionamento bom, nunca botei aluno pra fora da sala, mantenho a disciplina, não tenho problema com o aluno, eu tento criar um clima para tornar a aula mais descontraída.

8. Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Enquanto eu puder vir, brincar, me divertir com o trabalho eu vou trabalhar, quando ele se tornar um pesadelo pra mim eu paro. Quando eu não tiver mais retorno do aluno eu vou parar, só o tempo vai me dizer. Tu sabes que eu imaginava que quando eu tivesse a idade que eu estou, eu já estaria trabalhando na minha hortinha, vê não aconteceu. Eu ainda sou muito curioso, vivo fazendo cursos, agora to interessado em física quântica, daqui a pouco vou estudar um pouco disso, a saúde eu já sinto um pouco, não tenho mais aquele vigor todo, mais como eu disse eu escolho hoje o que eu quero fazer, to aposentado, não preciso disso pra viver, como eu disse eu lapido o que eu quero. O mais importante é que enquanto eu tiver a chama da curiosidade, da busca eu vou continuar lecionado porque eu estarei me realizando como professor.

ENTREVISTADO G
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO
APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: Masculino Feminino
2. Estado Civil: **Casado**
3. Data de Nascimento: **26/11/1960**
4. Idade: **46 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura em Português e Espanhol**
6. Município de Origem: **Buenos Aires - Argentina**
7. Ocupação Principal: Professor
8. Professor de: **Espanhol**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Sim**
10. Onde: Escola Pública Escola Privada Universidade Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério:
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Reginaldo**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: Quando a gente tem um ambiente propício pra, pra poder dar aula, quando tem objetivos, e tudo parte da motivação também, quando tem objetivos e motivação também. A motivação tem que vir do professor, o professor que primeiro vai implantar no aluno a motivação através da atividade do dia a dia né, mais como eu trabalho com grupos mais ou menos, nem sempre é fácil né, é, cada turma é uma turma, depende da idade, da faixa etária né, depende do local, no Catarinense é um pouquinho difícil né, são turmas

numerosas pra se dar língua, então complica um pouco, mais essa complicação faz a gente procurar aprimorar, se não tem dificuldades não se tem motivação, às vezes desmotiva um pouquinho né, mais são etapas acho, que a gente tem que superar, procurar solucionar, buscar soluções pra esse tipo de problemas.

E quando que ele não tem sentido?

Resposta: O trabalho? O trabalho como professor? Quando ele não tem sentido? Quando não se produz nada né, quando não tem aluno que estejam dispostos a aprender né.

Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Significado do trabalho? Bem, significado do trabalho, será o meu objetivo assim. Acho que na profissão, como profissão o retorno financeiro é algo que a gente tem que ter, pra se alimentar e tudo o mais né. Mais o meu significado é poder assim a partir da motivação do alunos poder dar uma aula muito boa, né. Que eles se sintam satisfeitos, isso é um significado, que eles estejam felizes, que aprenderam, que a gente alcance esses objetivos não é fácil. Se os alunos estão aprendendo e motivados isso me retorna com mais motivação. Fico super-satisfeito assim quando o aluno que vê o meu trabalho na faculdade foi sobre o uso de música, então eu uso muito música e às vezes a gente tem um resultado muito bom, isso aí deixa eles contente, que eles gostam, ta gostando de aprender, da maneira como é dada. O importante é a aprendizagem dos alunos.

O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: Eu procuro na minha profissão fazer com que os alunos aprendam, se motivam pra aprender, como eu já disse o importante é a aprendizagem deles, se não o que eu vou fazer como professor, se nem o aluno eu atinjo.

Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico?

Resposta: Aqui no Apoio é muito específico né, esse aluno é muito direcionado, mais instrumental pra que ele alcance aquele objetivo. Eu já tenho muito material organizado, eu to a muito tempo organizando, dando aulas, tenho uma base bem grande guardada no computador, então quando alguém pede aula, eu já tenho mais ou menos direcionado o quê que se organiza a aula baseado no livro né, tem um livro didático, tu tem que preparar a aula em cima do livro, o que eu não gosto tá muito porque o livro cerceia muito, deixa muito restrito, mais a gente é obrigado a fazer. Eu gosto de dar além do livro muitas

atividades extras, então os alunos tem atividades de Internet, que eles fazem em casa, eles tem que atividades auditivas como vídeo-tapes, que envolve cantar, interpretação das letras, tem o livro, e tem o trabalho de expressão da escrita pra o desenvolvimento da escrita do aluno, aí seria outro que não é prova, não é prova assim de questão, ler um texto, trabalham o texto pra eles que não gostam muito de escrever, o jovem não gosta muito né, acostumado só a digitar, não costuma escrever. Muitos reclamam ah ta difícil professor!!! Sempre eu faço um trabalho novo de um ano pro outro, não é muito difícil eu repetir, sempre procuro, difícil não consigo trabalhar sempre da mesma forma, ah eu vou tirar xerox, usar do ano passado, não eu gosto muito de pesquisar na Internet e artigo jornalísticos, então em pego muito o que se fala do Brasil no exterior. Na Argentina, Espanha, tudo o que eu encontro do Brasil no exterior e eu vou juntando e trabalhando. Eu gosto de passar atualidades pra eles, é tipo um circuito, por exemplo a violência em São Paulo, então eu peguei artigos jornalísticos sobre esse assunto, sobre história, eles aprendem melhor, em outra língua, isso foi conversado com a orientadora pedagógica, ela achou muito bom, eu, eu também tenho questões assim, questões de geografia, de provas em português que eu traduzo em espanhol, em Santa Catarina e passo pro espanhol e dou pra eles. As aulas planejadas para serem dadas não saem do jeito que eu planejei. Por exemplo: eu tenho aula de segunda a quinta, a tarde toda no colégio, então na segunda-feira é a primeira turma, é a que mais sofre é a turma de segunda, porque tem coisas que a gente não pode saber como resolver na sala de aula, quais são as dificuldades deles, então é na segunda feira tem duas turmas a tarde toda, então eu já vejo a dificuldade que eles tem e já na terça eu mudo alguma coisa. A segunda-feira é um laboratório, é como eles vão reagir, os problemas que eu vou ter, a gente não pode prever tudo né, a gente não sabe o que vai acontecer, mais é, não sai como planejei pra pior eu acho que não, a gente ta sempre tendo prática, prática, vai melhorando a prática, vai ganhando experiência.

Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: (Riu) Bem, é eu nasci em Buenos Aires e vivi 23 anos em Buenos Aires, não exerci nenhuma profissão lá né. E quando eu vim pro Brasil, é eu tinha conhecido um pessoal ligado a turismo então pediram pra eu, já em 84, pediram pra, pra dar uma aula de espanhol pro pessoal do turismo, e assim ficou, comecei a dar aulas assim mais ligado ao turismo, não tava assim qualificado, não tinha diploma, o da Argentina não era reconhecido aqui. Lá na Argentina eu estava estudando, lá eu não exerci nenhuma profissão, eu tinha diploma, mais assim, eu estava estudando contabilidade, além de

línguas eu estudei contabilidade, então que a minha família tinha comércio, por isso eu tava estudando contabilidade. Aí eu vim morar aqui no Brasil, aí é que comecei a trabalhar em línguas aqui, comecei a trabalhar mais e mais, e depois o meu diploma não foi validado né, e mais é assim, que 96 é que tem que ter diploma pra dar aula. Eu tenho um diploma da Espanha, de Portugal e da Argentina, e também numa época valia como um diploma é, mais depois também mudou e não sei o que é houve. Só é válido pra quem vai fazer mestrado, aí não precisa fazer a proficiência né. Foi quando eu fiz a mudança de país é que eu me tornei professor, comecei a trabalhar com o turismo, confeccionei uma apostila e aí foi e foi, aí eu comecei a dar aulas na associação Venetto, que era perto do Hippo, hoje não existe mais, tinha muito de espanhol instrumental, então eu dava muita aula, tinha muito aluno, e não é de SEBRAE, ta alguma coisa do trabalhador, coisa relacionada com turismo e língua também.

Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

As relações hierárquicas:

Assim, aqui não tem essa figura hierárquica ta, a Neusinha liga pra mim, o professor precisa dar aula e eu pergunto sobre o quê que é, qual é o assunto, tudo, né, sobre o livrom como no caso desse aluno que vai fazer prova pra diplomata, eu vou adaptar a necessidade do aluno, agora aqui também não tem interferência nenhuma na preparação da aula, até agora nunca teve, não sei se com os outros professores eles cobram, não sei. A gente ta sempre preocupado com a qualidade do que a gente ta dando, e no colégio sim, há uma relação com a coordenadora dos segmentos, um coordenador que olha a parte disciplinar e uma coordenador pedagógica, que eu tenho um excelente relacionamento, tudo o que a gente leva, não há oposição de nada né. Todo o xerox, o material que é preparado todo, maior e melhor disponibilidade, pra comigo, mais acho que é com todos os professores. Sim, eu tenho autonomia pra dar o conteúdo pros meus alunos, eles apenas indicam o material – livro a ser usado. A turma é de 50 alunos, então qual é a situação, por isso que eu digo que não gosto muito do livro porque eles estudam a manhã inteira normal, das 7:20 até 11:50h, eles vêm a tarde pra ter, das 14:18 até 16:00 h espanhol, 16:18 até às 18:00h inglês, então passam a tarde toda, então aquela turma que teve primeiro inglês, das quatro às seis espanhol, então chega as cinco e meia da tarde eles estão mortos de cansado né, então isso é um fator assim também do colégio, que a gente tem que trabalhar, não podemos trabalhar da mesma maneira com a primeira turma pra segunda, por causa que sempre quando chegar aquele horário de cinco e meia eu tenho que ter uma atividade

diferente pra motivá-los, eles tocam, cantam, então é muito cansativo, o horário não é muito propício pra dar línguas pros 50 alunos, língua estrangeira né, não seria o ideal mais. Eu uso muito trabalhos em grupo pra diminuir esse estresse.

As relações com os alunos.

Ah, é muito bom. Tem que, pra mim depender, tem que se colocar mais ou menos no ambiente deles, manter o mesmo nível, não gosto que tenha essa separação professor de um lado e aluno de outro, eu tento assim me enturmar com eles, eu sou mais um dentro do ambiente deles, do grupo deles. Assim, quando tem autoridade vem imposição, depende da educação, claro que tem situações com adolescentes que gosta de provocar mais um pouco, mais o relacionamento é tranquilo, às vezes não, não é uma coisa contínua. No primeiro trimestre eles são umas coisas, no segundo eles já estão melhores, já estão diferentes, então o menino já é mais, outro dia estava conversando com a coordenadora pedagógica, porque as meninas tem uma atitude um pouco mais maduras, e os meninos quinze, dezesseis anos e ainda são moleques, em alguns aspectos, não são todos, né, em alguns aspectos eles são moleques ainda então estava conversando com ela, então ela disse pois é e os pais vêm aqui que querem colocar o filho com cinco anos de idade, tudo cada vez mais cedo, e ficam pulando etapas, e estoura agora quando vão crescendo, agora que aparece os probleminhas né, porque tão brincando de figurinha né, eles acham..., mais foi interessante uma coisa, eu pensei, não é possível eu estar tendo que chamar a atenção porque ta com álbum de figurinha agora com esse mundial, figurinhas da copa e não sei o quê, o aluno na minha época, com dezesseis anos já era mais maduro. Eu comentei com esse meu aluno e ele também tava fazendo o álbum, e aí eu fiquei sem entender, ontem no colégio eu tive que brigar com um aluno porque eles não paravam de conversar, trocando figurinhas, então ta todo mundo fazendo esse álbum. Agora eu não sei aqui, aqui entra com sete? Na Argentina entra com seis, mais cinco não pode né, cinco é muito cedo.

Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Até quando eu tiver aluno, que se não tiver aluno é preciso desistir eu acho. A profissão eu gosto pelo menos né, ah eu gosto da minha profissão.

ENTREVISTADO H
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO
APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: (**X**) Masculino () Feminino
2. Estado Civil: **Separado**
3. Data de Nascimento: **Não disse**
4. Idade: **41 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura em Geografia, com mestrado em Relações Internacionais com direito ao Mercosul, Mestrado em Geografia e História de Santa Catarina.**
6. Município de Origem: **Florianópolis**
7. Ocupação Principal: **Professor**
8. Professor de: **Geografia, Atualidade, Aspectos Catarinenses, Ciências Políticas na Faculdade, Cursinho de pré-vestibular para alunos carentes de Paulo Lopes.**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Sim,**
10. Onde: () Escola Pública (**X**) Escola Privada (**X**) Universidade () Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **18 anos aproximadamente**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Bruno**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: Ah quando ele tem sentido é da ordem inversa, da ordem inversa, não só dentro de sala de aula, mais quando eu consigo tá num momento tipo esse nosso aqui, que eu consigo, que alguém se interessou pelo o que eu faço, que alguém, seja lá numa roda de amigos, seja ele nesse momento que a gente tá, seja ali discutindo que eu tava

conversando com a Neusinha, mostrando que o que eu fiz ele teve alguma marca, que eu possa na realidade modificar, né, às vezes eu fico parado assim, principalmente quando eu to no trânsito, assim que o trânsito está meio parado, às vezes eu fico viajando como se diz, é, ah porque que aquela pessoa marcou tanto o nosso Estado e não conseguiu marcar, aí um dia eu comentei em sala de aula e o aluno, até comentei na ordem inversa, que eu não conseguia vender nada ali, aí um aluno disse pô professor o senhor consegue vender muito, consegue vender conhecimento que é uma coisa difícil de se comprar aí daquele dia em diante, isso já faz algum tempo, eu ainda dava aula no Estado, deve fazer aproximadamente quinze anos atrás, e pô daquele dia em diante eu comecei a encarar de e outra forma, como sempre quando eu me preparei para aquilo eu fico feliz quando alguém ta me escutando então essa é a parte inversa da história.

E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Quando o trabalho não tem sentido? Ah quando eu não consigo alcançar o meu objetivo, o meu objetivo de trabalho, porque como eu trabalho, não digo tanto no curso superior, mais no curso de ensino médio e mais voltado pro terceiro ano, eu dou muita aula pro terceirão, pro pré-vestibular, porque eu sempre digo pra eles que o sucesso deles é na verdade é o meu sucesso, porque não adianta toda essa formação que a gente acabou de falar se eu não consigo na realidade mostrar isso pra eles, né, fazer o mais prático possível, porque eu dou no segundo grau e no vestibular eu dou muito geografia, conhecimentos gerais e atualidades, né, essa coisa meio aspectos catarinenses, aquela coisa, que é como se diz hoje a menina dos olhos do vestibular, mais é muito bonito pra mim, é muito legal falar, mais pra eles o interesse é muito pouco, num campo de muita gente aquilo vai chegar na cabeça de poucos, aquilo me deixa um pouco frustrado assim né, do preparo da gente, aquilo me deixa um pouco chateado, é o momento que eu digo ah eu vou parar de fazer isso, sei lá, vou fazer outra coisa na vida né, essa é meu grande detalhe, mais depois a gente vai se acostumando também.

Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Ah, eu acho importante. Acho que o trabalho não é uma frase antiga, não é uma frase desgastada mais ele dá uma dignificada na pessoa, eu acho que ele cria um mundo, o mundo é cheio de altos e baixos, eu já tive no auge da minha carreira como eu to agora, acho que quando o professor chega no nível superior, dá aula pro ensino superior, ele faz pós-graduação. Licenciatura, ele chega no nível superior pra dar aula, não que ele não

possa dar aula pro mestrado, dar aula pro doutorado, mais quando ele chega na universidade é o ápice da carreira dele, eu ainda acho que é o ápice da carreira dele, mais durante um tempo eu já fiz várias coisas na vida, já fui funcionário público, já trabalhei em três instituições do governo, já desisti das três, fui funcionário do BESC, já fui funcionário da Secretaria da Agricultura, já fui funcionário da Procuradoria Geral do Estado e um dia eu disse que eu ia sair, e é um troço interessante, que eu saí, eu saí do meu emprego pra ganhar 80 reais e até hoje o Estado não me pagou, que é um fato extremamente interessante, eu até comento isso com os alunos e mesmo assim eu acho que aquilo ali é válido né, aquela situação é válida assim, porque é uma coisa que pô eu preparei pra quilo e é aquilo que eu vou fazer, assim é que na verdade eu imagino né.

O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: Como eu já te disse, o que eu procuro é o sucesso do meu aluno, porque o sucesso dele é o meu sucesso como professor.

Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: Porque que eu escolhi ser professor?? Então a história é um pouco desconexa, na verdade eu fiz vestibular pra direito, então eu saí da universidade em 87 pra ter uma idéia, então se puxar quatro anos atrás em 83 eu fui fazer vestibular pra direito na universidade federal de Santa Catarina, e eu fiz pra direito e minha segunda opção era pra geografia, só que na época era diferente, na época a gente passava por colocação, a forma de escalonamento era um pouco diferente, eu não passei pra primeira opção, mais passei pra minha segunda opção que era geografia, mais antigamente a situação dada pelo índice que a gente tinha a gente poderia optar por trocar de curso, que eu até fui convidado pra fazer contábeis, administração e economia, isso é uma coisa que eu me lembro até, eu fiz uma cadeira de introdução a economia e tudo né, eu fiquei feliz por ter feito, e eu fui fazendo geografia, fui gostando, fui gostando, fazia bacharelado, o meu sonho era trabalhar na Petrobrás, né, olha só, assim né, aí um dia eu fui dar aula, foi quando eu saí da Procuradoria Geral do Estado pra dar aula por oitenta reais, pra ti ter uma idéia, a minha ex-mulher queria me matar por eu, queria me matar, e dali pra frente três meses depois eu já trabalhava numa instituição particular, pra ti ter uma idéia, aí eu fui indo, fui indo e foi virando uma bola de neve que eu cheguei a dar setenta e duas horas por semana, pra ti ter uma noção de segunda a sábado de manhã e a tarde, de segunda a sexta todas as noites, e domingo de manhã, pra ti ter uma idéia, até o dia em que eu fiquei doente, peguei

uma pancreatite aguda, e eu disse que mais nenhuma aula eu queria dar, aí agora eu reduzi a carga, agora estou com trinta e oito horas por semana, dou aula aqui com a professora Neusinha nos meus horários vagos né, mais foi assim que eu fui parar na geografia, foi assim que eu fui parar no magistério, geografia é uma coisa que eu gosto e com o meu coordenador de curso, que é um parceiro meu, ele hoje é meu chefe na Unisul, mais ele é meu amigo em particular porque a gente começou a trabalhar juntos né, ele direcionou prum lado e eu pro outro, ele leciona história e olha eu sou da Geografia, depois ele também fez mestrado em relações internacionais, mais virou coordenador de curso, convidou pra trabalhar com ele, com ele eu aprendi a ser professor,... ele dizia pra mim pô você tem que dizer que é professor, então eu aprendi com ele, o que você faz eu sou professor, eu ando com um boné escrito professor Bruno, eu ando com a camisa escrita professor Bruno, eu faço questão hoje de dizer que eu sou professor, não tenho vergonha nenhuma e ainda acho que se a gente voltar a, se a gente ganha mal na vida é porque estagnou no tempo, certo, eu não reclamo do meu salário mais é porque eu também acho que fiz juz a ganhar o que eu ganho hoje, né porque eu tenho colegas de trabalho que foram meus colegas de trabalho no estado, que eu trabalhei alguns anos pro Estado também, e que pararam no tempo, e que hoje nem mercado de trabalho os aceitam, então hoje eu quero ser professor gosto de ser professor, e tenho muito orgulho de ser professor, certo.

Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico.

Resposta: O Apoio é um pouco diferente, desculpa a pergunta, mais em que sentido a organização do trabalho?? Eu já fui professor do curso de formação de oficiais da Polícia Militar, que forma oficiais da área de graduação, e aquela sala me assustou, eu entrei nessa instituição, eu dei aula, no curso de formação de oficiais, de sargento, e praças, que são os soldados, são três situações totalmente adversas, numa sala pra soldado que o quadro era menor que esse que a gente tá visualizando aqui atrás, é, sabe aquela coisa, ao mesmo tempo na mesma instituição é a trezentos metros eu tava numa sala com ar condicionado, com quadro branco, os alunos com mesa de escritório e com notebook pra ter aula, tanto é que quando eu acabei o meu curso que lá é por hora de aula dada, são sessenta hora aulas, e as aulas são distribuídas na forma que convencionar a minha pessoa e não ao aluno, se eu achar que nesse dia eu tenho que dar aula de manhã, a tarde e a noite, vai ter que ter aula, uma situação totalmente adversa né, e quando eu acabei os alunos me presentearam com uma apostila, que eles mesmos criaram, do meu conhecimento que eu

dividi com eles, aquilo pra mim foi algo fora do comum, que na realidade eu vejo dois lados totalmente diferentes né, vou trabalhar mais com o pré-vestibular, eu tenho né o terceirão, colégio, eu tenho salas de aula climatizadas, tenho salas de aulas com alunos com todo o poder aquisitivo que a gente possa imaginar, poder aquisitivo alto, ao mesmo tempo, como eu comentei contigo, eu tenho um cursinho pré-vestibular voluntário em Paulo Lopes, aonde o aluno caminha oito horas, desculpa, oito quilômetros, certo, pra ter uma aula com um cara que ele não sabe quem é, que vem de Florianópolis pra ir pra Paulo Lopes né, numa sala onde tem um giz branco, que eu não consigo desenhar com giz colorido, só se eu levar, o café da tarde eles levam, porque a mãe fez, e ele acha que o que eu faço por ele é muito válido, então aquele povo, não é que eu não dou valor ao outro, mais aquele povo, é uma situação totalmente diferente sabe, ele nunca viu aquilo que eu falei, apesar de ter se formado na terceira série do segundo grau, então são dois lados completamente opostos, e como é que a gente caminha com isso, que eu parto do princípio de que meio sacana eu digo, eu parto do princípio de que ele tem que saber, se ele não sabe ele tem que me perguntar, certo, eu trato eles como se fossem meus alunos da escola do Alfa Objetivo, que tem um nível ótimo, que faz inglês, faz italiano, ele faz judô, kung-fu, ele faz balé, então ele não sabe na realidade que eu não trato ele assim, então ele fica feliz de alguém, que diz eu não sei, esse não sei dele e sai sabendo, é lógico que a visão é totalmente diferente, nós temos no Alfa Objetivo a um ano atrás nós fizemos o primeiro lugar no vestibular, legal, até na tua própria área, administração na Esag, e lá em Paulo Lopes nós aprovamos uma aluna só, em Biblioteconomia, só que, eu fiquei muito feliz, pra ti ter uma idéia eles fizeram uma festa, a comunidade fez uma festa, pô então um aluno só, oitenta alunos num ano só no Alfa Objetivo de noventa e seis alunos, mais é claro que são situações totalmente adversas, e o material que eu uso é um material que vem de fora, que vem pra gente, é um material que o pessoal usa em São Paulo, aí eu já aproveito pra aplicar lá e aplico em qualquer lugar, e eu tenho meu material próprio, hoje até antes de vir pra cá eu tava escrevendo ele né, tava escrevendo esse material, que a gente tem que ter uma coisa assim mais própria é legal pra dar um norte, pra dar uma cara da gente e assim na realidade a gente caminha pra esse tipo de aula. A aula nunca sai do jeito que a gente planeja, nunca sai porque, isso é uma coisa que eu sempre critivo bastante né, quem faz planejamento de aula, é tudo muito bonito na teoria, mais como é que eu vou descobrir que um dia em outubro eu to dando essa matéria, se eu to trabalhando com uma sala de cinquenta, eu tenho sala de trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, cento e vinte alunos, legal, como é que eu vou descobrir que aquele cara lá não

vai me incomodar e eu vou conseguir me preparar, não posso chegar na sala de aula e dizer eu vou fazer chamada, e todo mundo vai ficar quieto, vou fazer até um comparativo meio estranho que eu digo, que eu sempre comento com os professores, todo mundo quer dar aula na malhação da Rede Globo, que a gente entra e a turma ta toda parada, a turma toda responde, todo mundo faz os deveres, na realidade se eu parar pra perguntar quem fez os deveres no segundo, primeiro, terceiro ano quem não fez os deveres eu perdi minha aula, eu tenho quarenta e oito minutos e se for a tarde eu tenho quarenta minutos, se eu parar pra ver isso eu parto do princípio que eles tão fazendo as coisas né, se eu na realidade não der aquele quinze minutos de aula expositiva que é o mínimo que se dá né, e daqui a pouco tentar debater aquilo, não adianta nada eu não consigo, daqui a pouco, eu to dando aula apenas de atualidade, que é um problema grave, que eu to dando sobre Milosevich e daqui a pouco ele não sabe nem onde fica a Iugoslávia, pô isso gera um problema que a gente tem que voltar, daqui a pouco outro pergunta sei lá sobre a China, e aquilo já esgotou aquilo que tu preparou, foi tudo por água abaixo sabe. Mais eu fico feliz quando ele pergunta se eu to trabalhando na Iugoslávia, se ele pergunta de Antônio Carlos, pelo menos mostra que ele ta querendo saber alguma coisa né, mais planejamento é muito tópico assim né, até na universidade, apesar da gente planejar as aulas, mais é utópico assim, é utópico, não acredito muito naquilo.

Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

As relações hierárquicas;

No Apoio não existe tanto, é mais no colégio. É hierárquica mesmo, eu parto do princípio que é hierárquica, né, em todo, eu parto do meu princípio, eu, por ter trabalhado em instituições particulares, por ter trabalhado em instituições públicas, por ter sido funcionário público, por ter sido funcionário de empresas particulares, o meu patrão é o meu patrão, certo? O meu patrão é o meu patrão, é claro que na universidade a situação é um pouco diferente porque automaticamente a coisa funciona diferente porque lá você é um professor, todo mundo lhe chama por professor, aluno me chama, ele não bate na minhas costas e me chama de Bruno, certo, ele sabe que eu sou professor, há uma distinção assim muito grande, o meu coordenador de curso me chama por professor, ele faz questão de me chamar de senhor, já no segundo grau, se for um terceiro ano eles já me chamam de Bruno e acham que eu sou amigo deles e ele fica feliz em eu ser Figueirense também, ele pega, e eu pego no pé dele porque ele é avaiano, se é no pré-vestibular já há uma lacuna muito grande, apesar de ele ter sido meu aluno por três anos consecutivos,

quando ele é aluno de pré-vestibular ele tem uma certa diferença, e numa experiência que eu tive em primeiro grau, que eu nunca mais quero ter na vida, não quero ser professor de primeiro grau, eles ainda chamam a gente de tio então acham que é parente, então assim, o Alfa Objetivo me deixa bem claro isso ele obriga a gente usar jaleco, pra mostrar que a gente nós somos um pouco a frente deles, não que a gente seja superior ao aluno, mais nós temos um perfil um pouco diferente, eu me preparei para aquilo, então naquele momento eu sei mais que ele, certo, não que ele não tenha acesso as mesmas coisas, mais eu sei mais do que ele, direcionar as coisas que ele tem que saber, então é assim essa hierarquia tanto de patrão com o empregado, como professor e aluno né, se for patrão empregado eu faço questão de distinguir, aqui a professora Neusinha é minha chefe certo, e aqui eu sou o empregado, se ela achar que eu tenho que ocupar essa sala eu vou ocupar, no colégio no meu trabalho, em todos eles é assim, agora a hierarquia aluno professor só na universidade funciona em outro lugar eu não consigo ver que funciona certo.

As relações com os alunos.

Ah, é muito boa. Eu sou um cara que to fazendo trinta e nove anos daqui a uma semana e ainda acho que eu tenho cabeça de doze anos de idade, sabe, dependendo de onde eu esteja na própria universidade também né, mesmo em outra instituição como quando eu trabalhei no SENAC, na própria academia militar, no curso pré-vestibular eu, talvez no pré-vestibular faça isso com a gente né, a gente tem que ser, o professor tem que ser 80% palhaço e 20% professor, então aquele, aquelas mágicas que a gente faz, isso a gente vai carregando pra outros lugares, não tem como eu chegar, to de terno e gravata dando aula pro direito que eu vou modificar a minha forma de ser, eu não consigo isso, isso me aproxima demais com os alunos né, então eu tenho um grave problema assim, porque eu não consigo gravar nome de pessoas, eu tenho uma dificuldade muito grande, então como eu tenho uma dificuldade muito grande eles sentam estrategicamente eu vou gravando estrategicamente, eu vou, principalmente no segundo grau eu vou apelidando eles pelos lugares, por áreas de geografia, um é de Antônio Carlos, outro é de não sei aonde, então eu vou chamando eles pelo nome deles assim, pelo local, e isso me dá uma aproximação muito grande né, a que mais eu tenho problema de aproximação é com a minha filha que é minha aluna, porque deve ser uma barra pra ela, deve ser uma barra pra ela né, e a própria sala fica um pouco, porque não sabe por onde caminha, mais eu tenho assim um elo de ligação muito grande com os alunos, né, certo, eu ainda acho, não é porque como eu digo pra eles vocês são meu lado financeiro, eles são a minha existência financeira de

ser, mais independente disso, isso é uma brincadeira que eu faço com eles, eles são a minha essência de viver, o meu meio de distribuição de idéias, de conhecimento, de mostrar que eu tenho que eu tenho que crescer mais ainda, isso é na realidade a minha relação com eles. A relação é muito boa.

Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Quando é que eu pretendo parar??? Segundo a minha, o meu grau de aposentadoria com quarenta e cinco anos de idade, daqui aproximadamente sete anos eu ia parar, na nova Lei isso não vai acontecer agora, como a Lei não permiti eu não vou parar assim acredito tão cedo, tão cedo, tão cedo né, até me aposentar pelo menos eu não vou, apesar da Lei ter agora mudado, se não mesmo se eu fosse me aposentar, se a Lei permitisse, eu iria continuar dando aula, ... com todas as diferenças que eu tive, assim de vida e de trabalho, certo, eu não comecei a trabalhar muito cedo não apesar disso, eu comecei a trabalhar com 21 anos, eu fui criado pelo meu vô, meu vô tinha uma filosofia de vida, meu vô foi coronel da Polícia Militar, meu vô não deixou nada pra gente assim, apesar de ter deixado a minha vô muito bem de vida mais ele não deixou, ele deixou uma coisa que hoje eu agradeço muito apesar dele já ter falecido, ele é o, ele é o meu como se diz, sou fã dele número um, né, ele é meu supre-herói, ele deixou uma coisa que eu jamais vou pagar pra ele que é a oportunidade de estudar, meu vô dizia ninguém precisa trabalhar aqui em casa se quiser estudar, né, e eu optei por não fazer nada na vida, nem tenho vergonha disso, mais estudei, estudei, optei né, tanto é que dos dez filhos dele, onze comigo porque ele me criou desde os oito anos de idade né, eu fui o ~único filho dele né, agora não neto mais, porque a geração já se foi né, eu já tenho uma filha de quinze anos, pra ti ter uma idéia, os outros meus primos né, já fizeram faculdade tudo, mais eu fui o único da, dos filhos dele que fez faculdade, isso deixou ele muito feliz, eu me lembro o dia em que eu fui trabalhar na Academia Militar que era um sonho dele que alguém fosse militar, eu fui trabalhar lá, eu fiquei muito feliz em trabalhar lá, e muito mais, e aquilo era uma forma de pagamento pra ele né, então a coisa assim, eu particularmente gosto muito de fazê-lo não pretendo parar tão cedo (ri).

ENTREVISTADO I
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO
APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: Masculino Feminino
2. Estado Civil: **Casado**
3. Data de Nascimento: **Não disse**
4. Idade: **46 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura Plena e Especialização**
6. Município de Origem: **Florianópolis**
7. Ocupação Principal: **Professor**
8. Professor de: **História**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Sim,**
10. Onde: Escola Pública Escola Privada Universidade Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **10 anos**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Novaes**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: Quando eu consigo, quando eu consigo me sentir satisfeito com a aula, e ter a certeza de que o aluno aproveitou a aula, a aula foi proveitosa, aí o meu trabalho tem sentido.

E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Quando eu não consigo despertar o interesse aluno.

Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Poxa, muito importante pessoal e profissionalmente, sem trabalho eu acho que eu não existiria. A realização pessoal é muito grande quando eu estou fazendo o meu trabalho. A minha realização vem com o trabalho com certeza.

O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: O que eu procuro na profissão de professor?? Me realizar, como eu já te disse a realização com o meu trabalho é muito grande, e quando eu consigo fazer com que o aluno aprenda e cresça com, eu me realizo.

Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: Eu fiz essa escolha um pouco tarde, eu tinha trinta e seis anos e hoje eu tenho quarenta e seis, dez anos atrás eu resolvi, eu já tinha feito outras coisas na minha vida profissional, como eu sou filho de uma professora eu acho que acabou, o registro ficou meio esquecido, ficou lá no meu inconsciente e aos trinta e seis anos eu resolvi ir pra faculdade me formar e ir pra sala de aula. É um trabalho que eu gosto muito de fazer, por sinal foi o único vestibular que eu fiz na vida e foi a única faculdade, eu gosto muito de dar aula. Odeio o salário que eu ganho mais adoro a minha atividade.

Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico.

Resposta: O Apoio é extremamente diferenciado, dar aula no Apoio e dar aula em sala de aula é muito diferente, aqui no Apoio é quando tem aula, então não há um planejamento, escolar, no Apoio não tem planejamento, a aluno vem me diz a necessidade dele e a gente trata de suprir a necessidade dele né. Lá na escola não, lá na escola eu faço um planejamento semanal né, cada turma eu dou duas aulas por semana, e o planejamento é sempre feito por semana, a parte que é dar aula sai de acordo com a parte do planejamento, normalmente não, sempre tem que alterar um pouquinho, a alteração é algo que faz parte do planejamento. Comigo o que eu planejo para a segunda-feira começa a ser adaptado para as outras turmas, no final da semana a aula já está mais dentro do que esperam os alunos. Quando eu venho aqui pro Apoio eu não planejei nada, eu ainda não sei o conteúdo, o conteúdo é sempre surpresa. Eu já venho pronto pra surpresa. Eu sou aquele professor que acha que cada professor na sua área de atuação precisa ter domínio, sobretudo do seu conteúdo. Eu acho impossível um aluno de primeiro e segundo grau que

é com quem eu trabalho, não trabalho com nível de universidade, é ter algum tipo de atividade ou algum trabalho ou algum, algum assunto dentro da tua disciplina e que precisa ser discutido e você não tem conhecimento. Aí o professor não está pronto pra ser educador.

Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

As relações hierárquicas:

Nós não temos coordenadores na nossa escola porque ela é muito pequena, só tem 12 salas de aula né, então nós temos a supervisão escolar, a orientação escolar, são duas pedagogas, e nós temos a direção. Então o nosso relacionamento por ser uma comunidade pequena o relacionamento é o melhor possível, é muito bom, nós não somos apenas colegas de trabalho, existe amizade lá dentro, nós nos reunimos nos finais de semana na casa de um na casa de outro, trocamos idéias, nós temos um convívio excelente lá é muito bom. Não há nada imposto, pois as responsabilidades são distribuídas, o professor tem a responsabilidade do trabalho dele direto com o aluno em sala de aula, Eu tenho autonomia em sala de aula e cada um de nós dá conta de seu próprio recado do seu jeito, a gente é livre pra dar a nossa aula de acordo com as nossas possibilidades e de acordo com o nosso estilo pessoal, isso é muito pessoal né, mais a gente tem bastante liberdade pra se trabalhar em sala de aula sem a interferência nenhuma. Aqui existe também uma hierarquia, onde a Neusinha é a responsável pela casa e o seu Roberto também né, e nós na sala de aula a gente tem apenas a orientação.

As relações com os alunos.

Eu diria que muito boa, é claro que eu sempre tenho problema com disciplina, mais isso faz parte do dia a dia ta, se você espera uma sala de aula que não tenha problemas de disciplinas ou não tenha indisciplina você tá sonhando isso, então você não pode ir pra uma sala de aula porque isso não existe. Cada serzinho daquele que tá sentado numa carteira, é um ser individual ele tem suas ambições, tem uma personalidade toda própria, e nem todos os dias aquela pessoa ta muito disposta a assistir a aula, mais a gente tem que lidar com isso todos os dias tá. Há alunos que já brigaram muito comigo e hoje são meus amigos colaboram com a aula e aqueles que no início do ano eram tão colaboradores e hoje já não são tanto, e não há uma coisa linear não há uma linearidade dentro da sala de aula, ao contrário isso oscila muito, e o professor tem que se acostumar a isso, e ele vai ter que lidar com isso, isso é bom porque torna a aula dinâmica não aquela coisa chata, então eu acho bom, é muito legal, a minha

disciplina é assim, eu trabalho com história, então na disciplina de história é só teoria, não tem cálculo, não tem aula prática, é muito difícil numa escola pública porque saída em campo depende muito do período, eu tenho só quarenta e cinco minutos de aula, os outros professores tem as aulas deles, então em quarenta e cinco minutos eu não posso tirar a minha turma de dentro da sala de aula e levar a um museu, a uma exposição e voltar a tempo de não atrapalhar a aula dos outros professores. Então isso se torna um fardo, mais como a minha disciplina é absolutamente teórica a variação dentro da sala de aula ela torna a aula assim um pouco mais dinâmica né, precisa a gente usar um pouco mais de recursos próprios né, que entre a sala de aula e a escola, torna a existir uma diferença muito grande tá, a escola não é a sala de aula, assim como a sala de aula não é a escola. O ambiente escolar é uma coisa e a sala de aula é outra. No ambiente escolar o aluno normalmente se sente melhor do que em sala de aula, porque o ambiente escolar é a hora do recreio, tem os amigos, tem a conversa, já na sala de aula a coisa é mais regrada, mais limitada, então é preciso fazer essa diferença e na minha disciplina que é pura teoria se a gente não tiver um outro reforço pra tornar a aula assim mais, digamos mais agradável, é difícil. Isso não é fácil.

Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Até me aposentar ou até não poder mais. E falta bastante tempo.

ENTREVISTADO J
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – GESTÃO DE INOVAÇÕES E TECNOLOGIAS
ORGANIZACIONAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA APLICADA AOS PROFESSORES DO
APOIO PEDAGÓGICO

1ª Parte: Dados Básicos

1. Sexo: (**X**) Masculino () Feminino
2. Estado Civil: **Separado**
3. Data de Nascimento: **27/07**
4. Idade: **52 anos**
5. Grau de Instrução: **Licenciatura Plena e Advocacia**
6. Município de Origem: **Florianópolis**
7. Ocupação Principal: **Professor**
8. Professor de: **Inglês**
9. Além do Apoio, possui outro emprego: **Sim,**
10. Onde: (**X**) Escola Pública () Escola Privada () Universidade () Aposentada
11. Tempo de serviço no Magistério: **20 anos**
12. Qual o nome de guerra que deseja adotar em sua entrevista: **Duarte**

2ª Parte: Entrevista semi-estruturada

Para você, quando o trabalho do professor tem sentido?

Resposta: O trabalho tem sentido quando, o trabalho do professor tem sentido quando ele consegue a transformação do aluno, consegue fazer ele crescer em conhecimento, crescer como indivíduo. Tem sentido se ele gosta daquilo que faz, o que se faz sem prazer não obtém resultados bons, né.

E quando que ele não tem sentido?

Resposta: Quando eu não consigo ver os resultados do meu trabalho como professor, o resultado não é a nota não, viu! É não enxergar o crescimento do aluno ao longo do ano

seja no conhecimento, seja no convívio com os colegas de classe. Hoje com as salas cheias de alunos, na maioria com mais de 30 alunos fica difícil pro professor enxergar aqueles que mais precisam dele, você acaba indo pela média e o propósito do professor fica esquecido.

Qual o significado do trabalho para você?

Resposta: Ele e a família são importantes pra mim, estão na mesma linha de importância, sem o trabalho, desvinculando-o do emprego, sem ele o homem não consegue se transformar, é através do trabalho que o homem pode fazer a diferença no mundo, deixar sua marca.

O que você procura no seu trabalho como professor?

Resposta: Olha primeiro eu procuro me realizar como pessoa, depois eu espero receber algo digno pelo que fiz, e em terceiro e talvez o mais importante é transformar os alunos em indivíduos que possam fazer a diferença no mundo que vivemos. Alunos menos consumistas, mais críticos, mais cidadãos.

Por que você escolheu a profissão de professor?

Resposta: Eu queria ser médico psiquiatra, tentei duas vezes mais não consegui passar para a medicina. Passei para a segunda opção que era engenharia, porém como era um curso que tinha aulas de manhã, tarde e noite não consegui compatibilizar com o meu emprego. Entrei na empresa em que trabalho em 74, não podia deixar de trabalhar, pois ajudava a minha família. Assim, desisti de engenharia, na época gostava muito de inglês e resolvi que podia fazer o curso, fiz o vestibular e me formei. Logo após, surgiu a oportunidade de dar aula, era um concurso para o Instituto Estadual de Educação, aí eu pensei, quem sabe eu tendo, só assim eu posso usar meu conhecimento de línguas. Passei e estou até hoje dando aulas lá. Só dou aula a noite tanto aqui no Apoio como na escola, já que trabalho oito horas corridas, certo? Hoje confesso que estou desanimado, principalmente com os alunos da escola, estão muito desinteressadas, sem motivação querem apenas passar de ano pra conseguir o diploma de magistério e poder dar aula em algum lugar. Se me oferecessem uma vaga na Secretaria de Educação para trabalhar lá eu largaria a sala de aula. Arrependimento de ser professor eu não tenho, porém estou desgostoso de como hoje está difícil ser professor, a escola tem que mudar ou senão os alunos mudam a escola, lá fora tem mais atrativos que aqui dentro, por que assistir uma

aula se lá fora tem a Internet, tem o shopping, e coisas mais. Isso sem contar o salário que eles pagam.

Como é a organização do trabalho no Apoio pedagógico.

Resposta: Eu sou bastante metódico, talvez por ser advogado também. Gosto de ter preparado as aulas que vou dar. No Apoio eu não me preocupo muito porque em geral eles me avisam do conteúdo por cima, em geral quando os alunos vem pra aula eles trazem o livro texto que deverá ser seguido, então o que eu preciso dominar é o conteúdo, na hora é que eu vou adaptar o que sei ao que ele precisa. Na escola é diferente do Apoio, porque é necessário um planejamento prévio da aula, definir o tipo de avaliação, esse é um problema hoje, o professor só se interessa com notas, o importante é ver se o aluno compreendeu o que foi ensinado, se ele consegue analisar o que foi ensinado é uma coisa mais além sabe?

Fale sobre a questão do seu trabalho de professor:

As relações hierárquicas:

As relações hierárquicas existem em qualquer lugar desde o mais simples armazém da esquina até numa grande corporação, pois a partir do momento em que assinamos um contrato de trabalho passamos a obedecer aos nossos superiores. No Apoio por mais informal que sejam as nossas relações com a Neusinha e o Roberto a gente deve respeito e obediência a eles, pois eles agendam horários com os alunos marcam conosco, nos pagam no final do mês e o máximo que podemos fazer é respeitar as regras pré-estabelecidas entre nós. Na escola acontece o mesmo possuímos supervisores de segmento, coordenadores pedagógicos e diretores, cada um possui suas atribuições e devemos respeitá-los de acordo com a hierarquia imposta em nosso contrato de trabalho. No Instituto embora existam relações elas são muito boas, há respeito, há cooperação e no final quem ganha é o aluno. Nos conselhos de classe é que as vezes eu me incomodo, pois quando nos reunimos lidamos com todo tipo de professor, e aí as vezes as discussões esquentam.

As relações com os alunos.

A relação com os alunos é boa do meu ponto de vista, porém para saber também deveríamos perguntar pra eles, certo?? Pra mim pode ser boa, mais pra ele pode ser horrível. Eu acho que

o principal num relacionamento é o respeito entre as partes, mesmo que na sala de aula e possua autoridade como professor não é por isso que eu posso desrespeitar um aluno, humilha-lo em público ou até mesmo constrangê-lo, o mesmo serve pro aluno. Como durante o ano professor e aluno constroem uma relação de amizade, ou de respeito não sei isso é muito importante para que o professor possa conhecer seu aluno, saber se ele aprendeu, enxergar se ele está com dificuldades, é esse contado possibilita o crescimento do aluno. As salas hoje são grandes, muitos alunos e fica difícil conhecer cada um deles em detalhes, porém eu tento conhecê-los. Agora eu deixo sempre uma abertura no nosso relacionamento para que qualquer problema que esteja acontecendo com eles, exista a janela para que eles possam contar comigo, também deixo claro a eles as condições, direitos e deveres que cada uma das partes possuirá durante o nosso convívio. Não gosto de provas, então faço trabalhos individuais e em grupo, por isso, deixo claro que a cada dia de atraso na entrega do trabalho reverterá na diminuição da nota no número de dias de atraso correspondente. Acho que a minha relacionamento com eles é bom, porque sempre na formatura pelo menos eles me convidam para algum lugar de destaque, o que me deixa bastante realizado.

Você pretende continuar com esse trabalho por muito tempo?

Resposta: Olha, como eu já disse ando muito cansado e decepcionado com o magistério, então não sei se vou continuar, a vida dirá.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)